

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

ISAAC GONÇALVES SOUZA

A CIDADE DE CRISTAL
IDENTIDADE E EVASÃO NA CULTURA LOCAL DE CAXIAS (1914 – 1937)

TERESINA
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

ISAAC GONÇALVES SOUZA

A CIDADE DE CRISTAL

IDENTIDADE E EVASÃO NA CULTURA LOCAL DE CAXIAS (1914 – 1937)

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco

TERESINA
2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

S725c Souza, Isaac Gonçalves.

Cidade de cristal: identidade e evasão na cultura local
de Caxias – MA (1914 – 1937) / Isaac Gonçalves Souza. –
2016.

120 f.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –
Universidade Federal do Piauí, 2016.

Orientação: Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo
Branco.

1. Identidade Cultural - Caxias. 2. História -
Práticas Discursivas. 3. Evasão. II. Título.

CDD 305.26

A CIDADE DE CRISTAL

IDENTIDADE E EVASÃO NA CULTURA LOCAL DE CAXIAS (1914 – 1937)

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí.

Orientador _____

Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco – UFPI

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco – DH/CCHL/UFPI

Prof. Dr. Daniel Soares Lins – UNICAMP

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento – DH/CCHL/UFPI

Coordenador do PPGHB

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento

Teresina, julho de 2016.

Para minhas mães, pais e irmãos
– os de casa e os da estrada.
Para o Fantasma e outros animais noturnos
– vida boa, morte digna.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, adeus!

Escrever agradecimentos exige mais acuidade do que produzir dissertações. Ao longo dos dias & dias em que a vida vai acontecendo, pessoas, lugares, instituições, animais, lembranças, canções, perfumes, estertores musculares – todo um conjunto nada articulado de afecções vai se formando e deformando no fluxo do tempo, no desenrolar do processo. Então, culmina o dia em que se dá por concluída essa coisa por definição inconclusiva que se chama pesquisa: vai-se com um pequeno calhamaço manchado e faz-se o depósito do trabalho; vem-se a uma banca e defende-se um argumento; outorga-se um título; festeja-se a conquista com risos, abraços, cerveja – e, com sorte, um pouco de impronunciáveis. E ao se olhar para o que está feito – *ecce homo* – admite-se que nada disso teria se dado sem as intervenções, algumas bem tímidas, outras quase inenarráveis, que foram conduzindo, formatando, sustentando, viabilizando, amenizando, encorajando, inspirando – e mais uma série de gerúndios indispensáveis a uma carreira que, além de intelectual, é também sentimental.

De modo que há um tipo de mais-valia afetiva em todo trabalho intelectual, um valor agregado à obra que se atribui à pessoa que a assina, mas que, afinal, não pertence todo a ela. Neste meu pequeno ensaio sobre as artimanhas de uma parcela miúda, mas insondável, da humanidade em seu esforço de escapar do tempo, tenho um conjunto imenso de dívidas – as dívidas são maiores que as realizações. Não se pode classificar, hierarquizar a importância de cada uma destas dívidas, pelo que não tentarei. Apenas assinalarei, de partida, as dívidas mais antigas de todas – com minha primeira família: minha mãe, avós, tios e irmãos – e as que são mais diretamente ligadas ao programa de pós-graduação – com o PPGHB/UFPI, com a Capes/CNPq, com meu orientador e amigo, colegas e o GT História, Cultura & Subjetividade. A partir desses pontos topográficos previamente marcados, quero deixar fluir o meu rizoma de gratidões.

Vera Lúcia (mãe), Francisca Enir (avó), Jacinto Pereira (avô), Rafael, Daniel (Cleyton), Paulo de Tarso, Ana Lúcia, José Carlos, Jacinto Júnior, Cristina Lúcia, Antônio Henrique, Renato Meneses, Jordânia Pessoa, Edwar, Sara Gesse, Salânia Melo, Alcebíades Filho, Napoleão Silva, Marcos Bonfim, Fabiana Costa, Raphael Lucas, Velha Guarda Caxiense, Kátia Meneses, Fátima, Antônio José & Elizabeth, Nenê do Ouro, Adson Paulo,

Cirene, Pedro Vilarinho, Elisângela Cardoso, Daniel, Hector, Rafaela, Cláudia Fontenele, Francisco Nascimento, Miridan, D. Eliete & Rayrana, Jôfrany, Sidney, Fábio Leonardo, Vinícius, Charlene, Darlan, Nino, Sâmea, Mayra, Karithiane, Simone, Gabriela, Andreia, Marcelo, Felipe, tias do café, Johnny Casanova & família, Academia Caxiense de Letras, Fundação Biblioteca Nacional, Arquivo Público Benedito Leite, Grupo de Pesquisa Histórias do Maranhão, Ary, Corvo, Fantasma, Catarina, Botinhas, Salmo, Johnny Santana, Kaki, Shara Jane, Daniel Lins, Jesus (padrasto), Karen Ruth, Vitor, Cooperativas Caxias/Teresina, Luís Vieira, 401, Turma de TMH I (2015.1) e de HAC (2015.2), primos cães sarnentos & caveiras, a sociedade brasileira, a cidade de Caxias – especialmente o Morro do Alecrim –, Jean Kesler, o som, as pausas...

Porque somos filhos do devir e efeito concreto, ético e estético de nossos encontros – esta lista de pessoas & outros acontecimentos começa antes e segue para além desta breve enunciação. Nada de mim existira sem esse emaranhado de afetos que me tece e sobre o qual me inscrevo... Obrigado também ao leitor.

RESUMO

Este trabalho analisa o discurso identitário da “terra dos poetas” como estratégia de evasão do tempo nas falas de operadores da escrita em Caxias entre 1914 e 1937. Na passagem do século XIX para o XX, após passar por um rápido processo de *industrialização* e prosperidade, a cidade de Caxias foi denominada “Manchester Maranhense”, o que revela um projeto modernizador que exigia a adesão à temporalidade linear do progresso, na qual as existências são dissolvidas em um presumido futuro promissor. Mas a obsolência da incipiente indústria caxiense e seu declínio no mercado internacional incidiram no fracasso histórico desse projeto. A cidade começa a ser recoberta, pelo do esforço discursivo de intelectuais elitistas, com uma tinteira identitária que a transmutaria de “Manchester maranhense” em “terra dos poetas”. Tendo em vista este quadro brevemente descrito propõe-se analisar a emergência desse discurso como parte substancial de uma reação cultural à decadência econômica das elites caxienses. Nesta reação, francamente discursiva, estaria implícita uma recusa ao tempo linear, para o qual intelectuais caxienses encetariam estratégias de fuga que, por sua vez, acabariam por erigir um tempo-cristal em que passado e presente são continuamente espelhados e alimentados um pelo outro, e que permitiria à cidade manter-se discursivamente suspensa no tempo cristalizado dos signos da tradição.

PALAVRAS-CHAVE: História; Escrita; Tempo; Evasão; Caxias.

ABSTRACT

This work analyzes the discourse of identity of "Land of poets" as a strategy to evade the time in the writing operator's speeches between 1914 and 1937. In the passage from the 19th century to the 20th century, after going through a rapid process of industrialization and prosperity, the city of Caxias was called "Manchester of Maranhão", which reveals a project modernizing that required adherence to linear temporality of progress, in which stocks are dissolved in a presumed promising future. But the obsolescence of the nascent industry Caxias and its decline in the international market resulted in the historical failure of this project. The city begins, then, to be covered by a discursive effort of intellectuals elitist, with a tincture of identity that transmute of "Manchester of Maranhão" in "the land of poets". In view of this framework briefly described the research is proposed to analyze the emergence of this discourse as a substantial part of a cultural reaction to the economic decline of the elites caxienses. In this reaction, frankly, would be implied a rejection of the linear time, for which intellectuals caxienses would have drawn strategies to escape that, in turn, had to erect a time-crystal in that past and present are continually reflected and fed one by another, which would allow the city to keep discursively suspended in time crystallised the signs of tradition.

KEYWORDS: History; Writing; Time; Evasion. Caxias.

*Será o espelho de cristal dos verdadeiros aspectos da velha cidade e suas “nuances”, lutando em prol das realizações elevadas, com firmeza e persistência de ação honesta, no sentido invariável dum objetivo único: – a restauração e engrandecimento da linda cidade de Coelho Netto, a celebrada pátria de Gonçalves Dias.
(Voz do Povo, 28 de março de 1931)*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	11
RESUMO.....	13
ABSTRACT.....	14
LISTA DE IMAGENS.....	18
1 ANOTAÇÕES PARA UMA TRILOGIA DO CRISTAL	9
1.1. Teaser – batalha épica.....	9
1.2. Fuga – o conceito de estratégia de evasão do tempo	10
1.3. O brilho do cristal	12
1.4. Storyboard para uma Trilogia do Cristal	12
2. EPISÓDIO I: CREPÚSCULO CINZENTO – CRISE NA INDÚSTRIA E RACHADURAS NO DISCURSO UTÓPICO-PROGRESSISTA	14
2.1 A lenda da Cidade de Cristal	14
2.2 Um momento de euforia: a ascensão do discurso utópico-progressista e do projeto industrial	20
2.3 Sombras do ressentimento: os arautos de um enunciado por vir	24
2.4 Crise e calamidade	36
2.4.1 O discurso da decadência ou o progresso de revestrés	38
2.4.2 A peregrinação dos famintos	49
2.4.3 Entre poetas e analfabetos	51
3 EPISÓDIO II – 1920: MODELAGENS DO TEMPO NO CONTEXTO DA ASCENSÃO DE VERSÕES MODERNISTAS DO BRASIL.....	58
3.1 Formas do passado: tempestades de signos no maranhão da decadência.....	58
3.2 Coelho Netto e o elo perdido entre Caxias e a temporalidade do Modernismo	72

4	EPISÓDIO III – AURORA DA POESIA: A ASEDIMENTAÇÃO DO SIGNO “TERRA DOS POETAS” COMO ARTICULADOR DO DISCURSO IDENTITÁRIO DE CAXIAS	85
4.1	Era uma vez uma <i>Princesa</i> no sertão.....	85
4.2	Conservadorismo e demanda por identidade: a presença do nacionalismo integralista na imprensa local.....	91
4.3	A sedimentação dos signos	101
5.	STORYBOARD PARA UMA CENA DE PÓS-CRÉDITOS	107
5.1	Sequência 001	108
5.2	Sequência 002	108
5.3	Sequência 003	109
	REFERÊNCIAS.....	110
	Livros e artigos	110
	Fontes hemerográficas	113
	Transcrições de relatos orais	115

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: *Recorte da página de caricaturas da Revista O Malho, de 28 de janeiro de 1928, publicação na qual foi realizado o concurso que elegeu Coelho Netto “o príncipe dos prosadores do Brasil”, no qual votaram apenas intelectuais residentes no Rio de Janeiro. À esquerda, a caricatura de Coelho Netto.....* 79

Imagem 2: *Jornal Cruzeiro, Ano I, n 26, p 01. O cabeçalho apresenta a sigla L. E. C., que não é elucidada nem nesta nem em nenhuma edição posterior. O nome de Vicente Celestino ao centro. Dois anos depois, Vicente Celestino será deputado estadual.....* 92

Imagem 3: *Primeira edição do jornal Cruzeiro para o ano de 1937. O cabeçalho do hebdomadário agora identifica-o como “Orgão defensor do GREMIO “JACKSON DE FIGUEIREDO”, e não há nesse espaço destaque para nenhum de seus colaboradores. Aparece o lema integralista “Deus, Pátria e Família”,.....* 95

Imagem 4: *Cruzeiro, Ano III, n 162, sábado, 15 de maio de 1937. Era comum nas páginas do hebdomadário a publicação de propaganda integralista, tanto de eventos, como de doutrina.* 96

Imagem 5: *Clarínadas, Anno I, n 01, 17 de agosto de 1937. O órgão de “propaganda nacionalista” era um panfleto integralista. Na capa de sua primeira edição, já se vê a fotografia de Plínio Salgado acompanhada de um texto enaltecedor intitulado O Chefe. Tendo alcançado poucas publicações, o jornal era repleto de exortações à moral, de previsões apocalípticas sobre o avanço do comunista bolchevista e sua “infiltração” no território nacional, bem como a resistência à burguesia e aos valores materialistas da “liberal-democracia”.....* 99

1 ANOTAÇÕES PARA UMA TRILOGIA DO CRISTAL

1.1. Teaser – batalha épica

Ninguém compreendia como aquela manhã ensolarada havia se transformado, tão rapidamente, em crepúsculo cinzento. Não era um pôr-do-sol alegre, bucólico, com raios ricos de tons vermelhos e resquícios de azul, mas um crepúsculo triste e frio, sem sons de violões nem cantos de melindrosas. Havia o ruído metálico das máquinas engasgando e parando de funcionar – desmontadas, abandonadas ou vendidas a preço vil. Burgueses ataviados engraxavam sapatos e sobrenomes enquanto as pipiras desempregadas voltavam para suas casas – desiludidas, frustradas, vazias.

Por trás do Morro do Alecrim, via-se surgir a sombra do Titã Saturno, a potência do Tempo, que quebrava as cadeias que o aprisionavam ao Tártaro e emergia do fundo da terra – faminto, furioso, invencível. Não havia quem pudesse lhe opor resistência: os soldados envelheceram, as armas enferrujaram, as lâminas se desgastaram. O dinheiro, tão precioso, tinha perdido o seu valor. A cidade se desmanchava nas mãos do monstro que não cessava de grunhir.

Perseu petrificou o Kraken com a cabeça da Medusa. Mas quem seria capaz de paralisar o monstro-tempo que devorava a cidade? Quem a livraria da completa deformação?

Das ruínas das tertúlias surgirá um herói: ele era tudo que podia ser conservado na decadência, o único cuja indústria não depende da engenharia do ferro e que não esteve vinculado às oscilações de um instável mercado internacional. Um anacronismo – figura pré-capitalista, pré-progresso que, apesar de moderna, pertencia a uma linhagem que remontava aos tempos arcaicos, à aurora da humanidade.

Poeta.

Com o fogo sagrado herdado dos antigos ancestrais ele tingiria novamente de rubro o entardecer. Se levantaria contra o Tempo e o transformaria numa gigantesca

estátua de cristal, a qual os habitantes da cidade desmanchariam e transformariam em muro e abóbada, certos de que nunca mais correriam perigo de destruição. No ponto mais central da cidade, em retribuição, seria foi erguida uma estátua em homenagem ao herói-poeta: dele a cidade não mais se esqueceria e, pelo nome dele – mais do que pelo seu próprio a cidade seria reconhecida.

Caxias é esta cidade de cristal – foi ela que, no final do século XIX experimentou um ciclo de desenvolvimento industrial repleto de promessas, perspectivas e esperanças, aderindo não apenas econômica, mas também culturalmente ao projeto da Modernidade. Foi ela que viu este projeto se desmanchar em máquinas engasgadas e vendas de debêntures e que, até o presente, convive com as cicatrizes desta queda, em edifícios arruinados e nomes fantasmas indústrias falidas. Como viver com este trauma – em termos culturais, históricos? Reinventando a cidade no nível do discurso desinscrevendo-a de uma temporalidade “moderna” do progresso, para reinscrevê-la num tempo da tradição em que o passado e futuro se reflitam mutuamente num espelho de cristal.

1.2. Fuga – o conceito de estratégia de evasão do tempo

O tempo é terror: prenúncio de morte, certeza de dispersão, evidência da efemeridade da vida, das coisas, de todos os valores, sentimentos e projetos. As maneiras como o tempo foi representado são as mais terríveis – desde o titã Cronos que castrou o próprio pai, escravizou sexualmente a mãe e devorava os corpos dos filhos. O tempo é o não-ser - o futuro é aquilo que ainda não é, o passado é aquilo que já não é mais, o presente é aquilo que não permanece: um não-ser do qual não se pode escapar nem se esquecer, o não-ser que atravessa o ser da humanidade e, por isso, aterroriza, o tempo, conforme Reis, “é causador de angústia e dor”¹.

Reis esquematiza diferentes estratégias de evasão do tempo detectadas em diferentes épocas e culturas:

¹ REIS, José Carlos. História, a ciência dos homens no tempo (Nouvelle Histoire e tempo Histórico). Londrina: Eduel, 2009, p. 30

- a) Evasão Mítica: a partir dos estudos de Mircea Eliade, em *O mito do eterno retorno*, Reis afirma que o homem primitivo tem horror ao evento que traz a mudança e a maneira como ele escapa dele é a representação do tempo mítico. O homem primitivo compreenderia dois níveis de temporalidade: um profano e outro sagrado. O tempo profano, do cotidiano, seria desprovido de valor e sujeito á mudança; mas o tempo mítico tem poder criador, ele pode ser recriado pelo rito (a encenação do mito), e cada vez que ele é reiterado seu poder criador é novamente acionado e o mundo (que degenerou em mudança no tempo profano) é recriado e renovado, o tempo é reconstituído, a vida está salva da mudança².
- b) Evasão Grega: os gregos são os criadores da História. Mas eles, conforme Reis, eram também um povo anti-histórico. Para eles, apenas o *eterno*, o supralunar, era passível ser conhecido. O eterno era dotado das qualidades: eternidade, unidade e continuidade. O único movimento a ter essas propriedades é o círculo. O tempo seria, portanto, circular - indo de um ponto a outro, renovando-se, sem ganhar nem perder, repetindo-se em sua perfeição. A história só tinha valor enquanto mostrava nas singularidades descartáveis, sublunares, dos homens, as qualidades eternas, supralunares, deles. A perecibilidade e mutabilidade - a História, em si, - era repugnada pelos gregos³.
- c) Evasão religiosa: trata-se da representação cristã do tempo - a linha escatológica. Os judeus parecem ter sido o povo mais histórico da Antiguidade: eles assumiram uma noção linear de tempo, uma noção teleológica, em que o sentido da temporalidade era a vinda do Messias. A mesma visão foi apropriada pelo cristianismo - o tempo vai da queda do homem, Éden, até a redenção, com a volta de Cristo. A mesma ideia está presente em filosofias modernas, como o Positivismo e o Marxismo, que representam o progresso da humanidade em uma linha que tem como fim ou

² REIS, José Carlos. História, a ciência dos homens no tempo (Nouvelle Histoire e tempo Histórico). Londrina: Eduel, 2009, p 32

³ REIS, José Carlos. História, a ciência dos homens no tempo (Nouvelle Histoire e tempo Histórico). Londrina: Eduel, 2009, p 34.

o Comunismo ou o Estado Positivo. Mas, são evasivas porque tem os olhos voltados ou no passado edênico perdido ou no futuro promissor renunciado, desprezando o presente e suas transformações - o futuro é conhecido de antemão e ele é essencial, o presente é corrupto e imanente⁴.

Tendo em vista essas representações, pode-se pensar a elaboração da temporalidade em Caxias como uma forma singular de mito. Os diferentes momentos gloriosos do passado são posicionados na narrativa da cidade – presente contínuo – como o instante criador – instante mítico – e sua reiteração constante por intermédio da ritualização (em cerimônias, em bailes, na escrita e leitura de poemas e crônicas etc.) é a recriação daquele mundo que já decaiu.

1.3. O brilho do cristal

O uso da metáfora do cristal neste trabalho é inspirado (e implica na deturpação de) uma fala do filósofo e psicanalista Peter Pal Pélbart que, na obra *O tempo não reconciliado*, comentando concepções temporais de Gilles Deleuze, assim define o cristal do tempo: “na imagem-cristal coexiste a duplicidade entre o presente (imagem atual) e seu passado contemporâneo (imagem virtual), onde o tempo se cinde em dois “jatos dissimétricos””. Um espelhamento entre presente e passado – a contínua contemporaneidade do passado no presente – nisto consiste o núcleo semântico que atribuo à metáfora do cristal e ao “tempo-cristal” a que este trabalho se refere⁵.

1.4. Storyboard para uma Trilogia do Cristal

O Episódio I acomoda-se cronologicamente nas duas primeiras décadas do século XX, embora o jorro de ensinações que constituem o escopo das práticas discursivas abordadas obrigue a pesquisa a retroceder constantemente aos anos finais do

⁴ REIS, José Carlos. História, a ciência dos homens no tempo (Nouvelle Histoire e tempo Histórico). Londrina: Eduel, 2009, p 35

⁵ PÉLBART, Peter Pál. O tempo não-reconciliado. São Paulo: Perspectiva, 2010 (Coleção Estudos), p 22 – 23.

XIX, remetendo os processos de enunciação aos movimentos econômicos. A análise das práticas discursivas, nesse recorte, aponta para o enfraquecimento do discurso utópico-progressista que se tinha formado no esteio da industrialização e do florescimento da *belle époque*.

O Episódio II, destaca um conjunto relativamente amplo de afecções que atingiriam a cultura local e seriam de alguma forma retomadas na elaboração cultural do tempo. Sendo a década de 1920 um momento em que a identidade nacional estava sendo posta em questão, isso gerou demanda por discursos de identidade. Tempestades de deslocamentos: no Maranhão, os esforços da geração neo-ateniense e sua versão decadentista da história; nos grandes centros, o Movimento Modernista de 1922 irradia suas deformações e antropofagias. Correntes intensas de discurso que recaem sobre a produção dos operadores da escrita que, naquele contexto, se propunham a pensar e narrar Caxias e o lugar da cidade no turbilhão moderno e que ressaltavam de diversas maneiras em suas práticas escriturísticas.

O Episódio III se debruça sobre a década de 1930. A ascensão de Getúlio Vargas ao controle do Estado, a influência dos intelectuais modernistas que se aproximaram do seu governo: contexto de contradições e contrapropostas que intensificaram a demanda social por identidade. Na busca de atender esta demanda se verificaria a acomodação – nos discursos impressos que circulavam em Caxias, especialmente por meio do jornal *Cruzeiro* – das propostas identitárias modeladas pelos doutrinadores integralistas. Essa acomodação refletia posturas tradicionalistas conservadoras da sociedade caxiense, as quais se manifestariam também na forma como seriam articulados os discursos *sobre* a cidade. Longe de se definir como postura decorrente de orientação partidária (integralismo), esse conservadorismo tradicionalista que atravessava a sensibilidade do caxiense era uma linha da cartografia local dos desejos e também se manifestava nos discursos do território politicamente antagônico, cujos discursos circulavam por meio do jornal *Voz do Povo*: sedimentação de um repertório de signos vão encobrendo a imagem de uma Caxias dita como Manchester e cobrindo-a com a imagem da *terra dos poetas*.

2. EPISÓDIO I: CREPÚSCULO CINZENTO – CRISE NA INDÚSTRIA E RACHADURAS NO DISCURSO UTÓPICO-PROGRESSISTA

*Vi uma águia viciada em mar
Meus ocasos mudaram de aves?
(Manoel de Barros in “Concerto a céu
aberto para solos de aves”*

A formação discursiva que dizia Caxias como “Manchester maranhense” começa a se dissolver nas primeiras décadas do século XX e pouco a pouco vai se esfumando num processo que corresponde ao declínio da indústria têxtil na cidade: é um rosto de Caxias que se desmancha para dar lugar a outro que começa a ser discursivamente pintado. Este episódio é um esforço para traçar uma cartografia desse período a fim de entender fatores intra e extradiscursivos que influenciaram neste processo.

As práticas discursivas destacadas – as quais compreende ter ligação com o contexto econômico e cultural do momento – são pensadas como sintomas de uma linha de desejo difusa e fragmentária que começa a ser traçada, não como um projeto fechado, definido e disciplinado. Mesmo quando a força da narrativa parecer unificar esses sujeitos como em uma diretriz programática – ou quando eles mesmos se esforçarem por erigir um programa, expresso em seus editoriais – o que está se apresentando são manifestações esparsas de um agenciamento de enunciação.

A Caxias como “Manchester” surge de uma ação coletiva coordenada – ela era signo de um projeto econômico que, por ser industrial, era técnico; mas a Caxias como “terra dos poetas” surge de erupções desordenadas nas diversas rachaduras que ao longo do tempo foram desmontando o projeto industrial.

2.1 A lenda da Cidade de Cristal

Situada no interior do Estado do Maranhão, a formação de Caxias remonta ao século XVIII, quando o território que hoje lhe corresponde foi um ponto estratégico no desenvolvimento da empresa colonizadora no Norte da América Portuguesa. Nela, em

1823, em meio aos rebuliços que agitaram o processo de emancipação da colônia, nasceria o poeta romântico Antônio Gonçalves Dias. Nela também, entre os anos de 1839 e 1840, eclodiriam as mais sangrentas batalhas da Guerra da Balaiada.

No ano de 1883 foi fundada a Companhia Industrial Caxiense – primeira indústria têxtil do Maranhão, o que daria início a um ciclo industrial têxtil que envolveria a cidade de Caxias e marcaria sua cultura. Em 1889, 1891 e 1892, seriam fundadas respectivamente as indústrias: Companhia Industrial Caxiense, Companhia União Caxiense, Fábrica Sanharó e Companhia Manufatora Caxiense.

E se o texto que abre este capítulo é uma peça de ficção – narrativa épica da batalha de um herói contra o fim de um mundo – em sua linguagem metafórica, ele elabora esteticamente, em outro nível de significação, a mesma *história* que o discurso científico composto pelas páginas que seguem. Nele estão condensados os elementos narrativos que aqui serão dobrados e desdobrados: o período de crise das fábricas e suas consequentes falências que seguiu o tempo ensolarado de sonhos e esperanças correspondente à belle époque; a produção escriturística na primeira metade do século XX envolvida na reelaboração identitária da cidade que implica em uma reelaboração do tempo, a fim de evitar a desintegração simbólica da cidade; a cristalização da imagem da cidade na cultura local perfeitamente configurada como estratégia de evasão.

Que tempo é este contra o qual Caxias luta e do qual foge em sua fortaleza de cristal? É o tempo do progresso – os ventos tempestuosos da modernidade que prometem arrastar tudo para o futuro, mas em cujo rastro ficam escombros aterrorizantes e perturbadores. Em vago e indeterminado momento da passagem do século XIX para o século XX, um sentimento incômodo começou a percorrer os caxienses e esse sentimento se refletiu nas práticas discursivas daqueles que se ocupavam em dizer a cidade em sua produção escriturística. Um texto de Cecílio Teixeira Mendes intitulado *Unamo-nos*, saído em 19 de abril de 1896 no jornal *A Semana* é bastante ilustrativo desse respeito:

Caxias era feliz!

Tinha no passado honroso título da pristina nobreza de seus sentimentos e guardava no porvir umas purpurinas alvoradas, umas brilhantes scintilações de fogueira e dulcíssima esperança.

Tranquila e ditosa vivia no modesto cantinho que a Providência lhe traçara.

Nem uma nuvem lhe embuçava os raios esplendidos do progresso. Nem uma tenue sombra do formoso iris da sua admirável união.

Com o raiar sublime da aurora do progresso, fugiram esbaforidas as densas e negras sombras das “Aldeias Altas!”.

Louca de entusiasmo e amor sorria ufana a velha capital, enquanto as suas irmãs, saudavam Caxias com o justo e merecido título de “Princesa do Sertão”⁶.

Cecílio Teixeira Mendes era um crítico da política local e também do governo republicano – além de articulista era o editor do jornal *A Semana*, como fora anos antes do *Jornal do Commercio de Caxias*. Era um defensor da industrialização e, como seu primo, Raimundo Teixeira Mendes – o famoso positivista que formulou o lema “ordem e progresso” na bandeira nacional republicana – era um idealista positivista. Sua prática discursiva aponta para uma grave insatisfação com os rumos tomados pela economia em Caxias, cujos descaminhos ele atribuía neste mesmo texto às práticas deletérias de uma “sórdida política”, que comparava à serpente do Éden que com seu veneno desfez o idílio dos “nossos pais”.

“Caxias era feliz” – o jargão que ecoa no texto de Cecílio Teixeira Mendes – é um diagnóstico pessimista: é uma felicidade passada, é a elaboração ausente de um paraíso perdido. No texto citado acima já aparece uma certa ambiguidade sobre o passados. Ou melhor, diferenciam-se as posturas a respeito de dois passados distintos: há o passado da aurora purpúrea, do despertar luminoso do progresso, que pode ser identificado com o momento da formação do parque fabril caxiense, e o passado mais distante, de “trevas densas e negras”, que se referia ao período de maior crise econômica do século XIX, correspondente à construção de Teresina que enfraqueceu o comércio local de Caxias logo nos anos posteriores aos graves prejuízos provocados pela Guerra da Balaiada.

⁶ *A Semana*, Anno I, n 08, 19 de abril de 1908, p 01.

Ressalta no discurso de Cecílio Teixeira Mendes a preocupação com o fim de um sonho, o medo de eu um projeto fadado ao sucesso chegasse a um fim tão deprimente, se desmanchasse no ar apesar de toda a sua solidez:

Que futuro reservais aos vossos filhos que naturalmente terão de herdar o vosso seio?

Unamo-nos, caxienses e lembremo-nos que somos irmãos e todos filhos de Caxias!

Se out'ora quando nossa alavanca desferiu o primeiro golpe para construir as enormes Fabricas, que hoje fazem o nosso orgulho, foi-nos preciso a *união* de tudo e de todos; agora que a crize medonha assoberba, ficai certos, precisamos ainda mais dela para sustentar a honra de todos, os interesses de muitos, e até direi mesmo, para evitar as lágrimas de alguns⁷.

A economia local estava sofrendo os efeitos das sucessivas crises econômicas da primeira república. Além disso, começava a cambalear frente aos concorrentes internacionais, especialmente os Estados Unidos da América, que lhe superava em tecnologia e técnica, produzindo artigos de qualidade muito superior a preços semelhantes. Além disso, o câmbio desestabilizava as finanças das indústrias locais e lhes reduzia as margens de lucros. Em editorial de 1º de janeiro de 1898 do *Jornal de Caxias*, de propriedade de José de Mello, político local, publica-se a seguinte análise da situação econômica da cidade:

Tratando de nossa velha e heroica Caxias, que poderemos dizer?

Que seu estado é verdadeiramente comatoso e que por tanto nada tem de animador, devido tudo isso, principalmente às tentativas infrutíferas feitas no sentido de desenvolver nela a indústria fabril, e ainda e mais, a completa falta de lavoura.

Os revezes que tem soffrido as emprezas levadas ao cabo, acarretaram e ameaçam, não sabemos se devido a má gestão⁸ ou a causas desconhecidas, a extincção de algumas dellas e isso com graves

⁷ A Semana, Anno I, n 08, 19 de abril de 1908, p 02

⁸ Em artigo publicado na coletânea “Percorrendo becos e travessas: feitos e olhares das Histórias de Caxias”, Pessoa destaca as lutas discursivas travadas na imprensa caxiense pela construção da imagem de Francisco Dias Carneiro. Nos anos finais do século XIX, acusações de “má gestão” contra o “artífice da metáfora de Caxias como ‘Manchester maranhense’” são duramente rechaçadas por praticantes locais da escrita contemporâneos. No entanto, o biógrafo do mesmo afirma que ela era um grande empreendedor, mas um administrador deficiente.

prejuízos para os que, inteiramente confiados no seu valor e na sua solidez, nellas embarcaram os seus capitais⁹.

Caxias parece ter sofrido um *trauma*. A cidade havia se industrializado rapidamente e isso suscitou uma onda otimista, esperançosa, uma antevisão de futuro promissora na qual os caxienses haviam investido seus capitais – no entanto, o desenvolvimento do projeto industrializante vinha trazendo prejuízo e frustração. O crescimento econômico repentino não viera como fruto de um real desenvolvimento das forças produtivas – ele era consequência de uma adesão da elite local ao projeto econômico da Modernidade oitocentista (capitalismo industrial) viabilizado por uma transferência de finalidade das finanças locais e de uma conjuntura anormal do mercado internacional que colocou Caxias numa posição momentaneamente favorável. Sob a influência de alguns empreendedores locais, especialmente de Francisco Dias Carneiro, muitos caxienses se cotizaram, investiram suas economias ou parte de seus capitais em sociedades anônimas, lançando-se assim no mercado da indústria têxtil. Mas, como se pôde divisar nas performances discursivas acima expostas, antes mesmo da virada do século aquele projeto já mostrava sinais de esgotamento.

Mas, se se considerar a data da Revolução Industrial na Europa e todo o *know-how* acumulado durante o século XIX, em comparação com o início da (incipiente) industrialização de Caxias, havia quase um século de *atraso*¹⁰ naquele projeto. Havia problemas de ordem técnica que, de partida, minavam as ambições progressistas da elite caxiense. Por exemplo, o maquinário trazido para a cidade já era obsoleto quando foi adquirido. Muitos foram os prejuízos gerados por problemas mecânicos decorrentes da baixa qualidade das máquinas e de seu uso inadequado por operários com pouca qualificação – qualificação esta que também gerava custos além da capacidade de algumas empresas. Deste modo, a qualidade do tecido produzido em Caxias não tinha competitividade – além de inferior ao americano e europeu, ficava à mercê das flutuações do mercado internacional. O resultado disso foi que, tão logo chegou ao fim a Guerra de Secessão no EUA, e o mercado internacional deu sinais de recuperação, a

⁹ *Jornal de Caxias*, 1º de janeiro de 1898, p 01.

¹⁰ A economia brasileira, de um modo geral, e muito especialmente a caxiense era baseada na produção agrícola pela mão-de-obra escrava.

“opulenta” indústria caxiense, para usar uma palavra recorrente nas práticas discursivas da época, começou a entrar em declínio.

O progresso – as purpurinas auroras que tinham sido oferecidas como futuro tinham se tornado raios cinzentos de desconfiança e decepção. Era o golpe devastador da realidade, o fracasso do projeto modernizador, o desmanche do discurso utópico-progressista. na cidade que forçava a elite local a elaborar outra forma de lidar com o tempo. A ideia de um tempo linear já não era tolerável, pois – apesar de as fábricas manterem suas portas abertas até a década de 1950 – já havia a sensibilidade/sensação de que o sonho progresso não iria se realizar – a linha do progresso parecia, então, conduzir a um abismo. Porém, seguir em frente em curva decadente, afundar-se cada vez mais, não era defensável: urgia desenvolver uma estratégia de evasão, de fuga do tempo, uma forma de impedir que o tempo passasse. Uma forma de manter o prestígio de elite e mascarar o fracasso econômico.

Essa manobra foi realizada no esteio da apropriação discursiva da própria face cultural da modernização: a *belle époque*. Se o projeto econômico da Modernidade tinha fracassado na cidade, o projeto cultural, não. Assim, a elite caxiense, tendo se colocado no ponto de transição entre a Tradição e a Modernidade, e vendo a possibilidade de alcançar a Modernidade inviabilizada pela decadência econômica, faz um giro elíptico na sua representação do tempo, retornando assim ao *tempo da tradição*. A “Manchester maranhense” seria transmutada no discurso identitário como “terra dos poetas”.

O objetivo deste episódio é investigar como, no momento da dispersão econômica, quando o projeto de Modernidade caxiense naufragou nas ondas revoltas do mercado, o discurso utópico-progressista foi se dissolvendo e como, do vazio por ele deixado, começou a se esboçar uma nova forma de dizer a cidade – o momento em que passa-se a abandonar a tintura discursiva que narrava Caxias como cidade industrial e começa-se a se inventar a narrativa que diz Caxias como cidade literária, cultural.

2.2 Um momento de euforia: a ascensão do discurso utópico-progressista e do projeto industrial

“Caxias despertava de sua pesada modorra para nunca mais dormir. O sono dissipou-se (...)”¹¹. A frase foi retirada do *Jornal do Commercio de Caxias*, de 15 de agosto de 1891, num texto entusiástico sobre a industrialização da cidade, uma performance discursiva de enaltecimento do espírito empreendedor dos “capitalistas¹²” que a levavam a cabo, especialmente, Francisco Dias Carneiro. Um pequeno artefato discursivo, mas indicativo de uma forte sensibilidade que vinha se consolidando naquele período: o otimismo no presente, a esperança no porvir, a crença inabalável no progresso. O articulista usa uma metáfora matinal para descrever o clima que predominava na cidade: o despertar, o sair da modorra, o dissipar do sono – era, pois, um belo e iluminado amanhecer o que se cria vivenciar na Caxias, no *fin de siècle*.

Porém, mais que uma celebração da chegada da aurora e do espantar da letargia, a imagem evocada pelo articulista também contém uma ideia de continuidade: a fórmula “nunca mais dormir” – que sugere uma conexão com o signo de opulência do passado colonial encarnado na expressão “empório do sertão” – implica em negação da circularidade do tempo natural, do movimento dos astros, do círculo sem fim dos dias e das noites, das estações e das necessidades do corpo. A frase exprime uma adesão apaixonada ao projeto Modernidade/Industrialização, que tem implicado em si uma temporalidade linear, contínua e devastadora – a flecha do tempo, a temporalidade tempestuosa do progresso. Em sua nona tese *Sobre o conceito de História*, de cuja epígrafe este capítulo se apropriou, Benjamin fala-nos do aspecto do Anjo da História: os olhos voltados para o passado, contemplando um amontoado de escombros, desejo de convidar os “mortos para o banquete” e redimi-los. Mas algo o impele para frente, uma tempestade violenta e bárbara que o lança para cada vez mais longe do paraíso:

¹¹ *Jornal do Commercio*, 15 de agosto de 1891.

¹² Cf. nota 29

“essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro (...) a essa tempestade é que chamamos progresso”¹³.

O diagnóstico do articulista do *Jornal do Commercio* era semelhante ao de Benjamin, porém sua atitude diante dele diferia sensivelmente. Benjamin – no contexto da Segunda Guerra Mundial – via na temporalidade linear encetada pela ideia capitalista de progresso contínuo, ininterrupto, um processo histórico de aniquilação, destruição, violência e injustiça. O praticante da escrita caxiense, por sua vez, estava totalmente embebido da ideologia burguesa de sua época sobre o progresso: tomava-o como belo, excitante, desejável, inevitável. Para ele, uma vez desencadeadas as forças do desenvolvimento econômico na cidade de Caxias, elas não poderiam mais retroceder – o sono jamais iria retornar. Em sua performance discursiva ressalta a euforia ensolarada e a percepção de inexorabilidade do futuro promissor que aguardava a cidade: “o raio intenso do sol do progresso que infundiu ali a vida industrial (...) o principal elemento do progresso material que vertiginosamente se tem implantado em tão fecundo solo”¹⁴.

A cidade compartilhava do clima geral de otimismo que – a metáfora solar é conveniente – a Europa irradiava naquele período do desenvolvimento do capital, ao qual se tem tradicionalmente chamado de *belle époque*. E, acompanhando essa euforia industrial, no esteio desse *boom* econômico que experimentou a elite local, começaram a se desenvolver novos modos de vida e de expressão. Esse tipo de prática discursiva era fruto de uma sensibilidade que estava se formando, como uma ideia solta no ar de que um tempo tinha terminado e um novo tempo estava nascendo, cheio de promessas – este tempo era a Modernidade. Aqueles que se ocuparam de produzir as narrativas de Caxias sabiam inscrever momentos de seu passado na linha evolutiva do progresso econômico como marcos do seu desenvolvimento. Retornava-se aos discursos sobre a “prosperidade” e “opulência” da vila de Caxias no final século XVIII, fruto das políticas

¹³ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8ª edição revista. São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras Escolhidas v. I), p 245.

¹⁴ *Jornal do Commercio*, 15 de agosto de 1891

pombalinas efetivadas nas companhias de comércio – a Caxias denominada “o grande empório do sertão”¹⁵.

Deleuze & Guattari fazem distinção entre os pares conceituais *possível/real* e *virtual/atual*: O par possível/real leva ao trauma – é o não-vivido freudiano. Cada instante do ser contém uma infinidade de possíveis, mas cada possível realizado exclui todas as outras possibilidades recusadas. Assim, a realização de um possível implica também na morte dos possíveis não realizados. Enquanto o par *virtual/atual* leva à inquietação e à invenção do novo: infinitos virtuais cercam o objeto em sua atualidade. O atual não é apenas a potência atualizada, é o devir em seu momento efêmero no *continuum* do tempo. O virtual é ainda elemento da realidade – não é uma possibilidade sacrificada ou sacrificável, mas o desejo sempre presente, embora nem sempre em ato¹⁶.

Assim, mais que *possibilidade*, o futuro tinha se tornado uma *virtualidade* – era presentificado como desejo pela força dos discursos progressistas, o futuro tinha capturado na teleologia de sua inexorabilidade tanto o presente quanto o passado. É a própria historiadora de *Entre a modernidade e a tradição* quem nos oferece um exemplo de performance discursiva que expressa exatamente essa dissolução do passado e do presente na linha utópica do progresso, promovendo a soberania do futuro:

Os corações dos filhos do berço de Gonçalves Dias não estavam totalmente empedernidos, não tinham tomado a rigidez do bronze, a frieza do mármore. Um homem houve em cujo seio se atearam as sagradas chamas do patriotismo. (...) ‘Esse homem como uma das maiores alavancas da indústria caxiense’ tomou a seus ombros a mais pesada mas também a mais gloriosa missão. Francisco Dias Carneiro (...) Acordou com a idéia feliz de arrancar a sua terra do abismo da inacção (sic) para com denodo e civismo atirá-la a um outro abismo – o da prosperidade.

O gérmen fecundo produziu o que vemos hoje: o progresso da terra dos dois Dias¹⁷.

¹⁵ MEIRELES, Mário M. História do Maranhão. São Paulo: Siciliano, 2001, p.305

¹⁶ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muniz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p 57.

¹⁷ *Jornal Commercio de Caxias*. 15.08.1891 p. 01

O elaborador desse texto se contorce com os recursos disponíveis em sua linguagem, mas é evidente o seu esforço para dobrar o tempo histórico de Caxias em um único sentido, fazendo com que passado e presente se desmanchem na virtualidade do futuro. Futuro este que já viria prenunciado pelos talentos incomuns de Gonçalves Dias, que foram atualizados em Francisco Dias Carneiro. No entanto, o articulista oferece a primazia ao segundo em relação ao primeiro, pois Francisco Dias, ao contrário de Gonçalves Dias, tinha conseguido “tirar Caxias do abismo” da inação na mesma manhã em que acordou com esta ideia feliz (o retorno da metáfora matinal). Mas é em sua frase final que o operador da escrita é mais bem-sucedido: na representação forte do progresso, ele sintetizou os dois Dias – o Gonçalves (dias do passado) e o Francisco (dias do presente) – em uma só expressão de produtividade, no final do século XIX.

O imaginário da *belle époque* pode, assim, ser definido pelo seu atravessamento por esse discurso utópico-progressista que interpelava os caxienses – especificamente a elite caxiense – em sujeitos modernos, empreendedores, “burgueses”, e lhes oferecia a modelagem dos significados do seu lugar e de si mesmos no mundo. E esse atravessamento tomava a forma de uma adesão consciente e engajada na ideia de progresso e na noção de temporalidade que lhe é correspondente: a teleológica. Estava assim armada a trama da tragédia: como a cidade poderia sustentar um desenvolvimento industrial que não era fruto de um desenvolvimento real das forças produtivas?¹⁸ Ela não poderia e, em mais ou menos tempo, a utopia iria ruir, o que começou a se sentir já na segunda década do século XX.

¹⁸ A análise econômica de Marx compreende que as condições históricas para o acontecimento das revoluções econômicas e sociais são o pleno desenvolvimento das forças produtivas. Ou seja, é necessário que um determinado modo de produção tenha chegado ao seu máximo de produtividade (e, por conseguinte, seu máximo de concentração de riquezas e contradição) para que uma mudança qualitativa seja possível. A mudança econômica que Caxias vivenciava não se configurava como uma “revolução burguesa” e as bases necessárias para a sua consolidação capitalista não estavam postas, como a existência de um mercado interno, obstruído, como em todo o Brasil, pela continuidade de escravidão, até 1889.

2.3 Sombras do ressentimento: os arautos de um enunciado por vir

“Parece que tudo se tornou caótico, que o antigo se perdeu, que o novo não presta e se torna cada vez mais deficiente”.
Nietzsche in Humano Demasiado Humano

Seguindo-se ao período luminoso da *belle époque*, manifestações de ressentimento marcaram a escrita de jovens intelectuais caxienses, na imprensa local, na metade da segunda década do século XX. Havia, no ano de 1915, um jornal chamado *Bello Horizonte*, em cujas linhas, no mais polido e elegante português de nível culto, não raro se destilava fel:

Vegetar não é viver, e o homem seria o maior dos irracionais se a sua existência visasse apenas a satisfação da sua animalidade grosseira. Felizmente, para elle, de seu corpo (...) como das flores tomamos o perfume sem uma explicação positiva, todo esse conjunto abstrato constitutivo da alma, permitindo-lhe aspirar aos mais altos gozos de uma vida mais bela e mais pura – a vida subjetiva.

No entanto, entre nós (perdoe-nos o público a franqueza cruel) esta lei natural não nos merece respeito. Tudo que enriquece e ornamenta o espírito humano, tudo que o aprimora, o eleva e o impele aos arroubos do pensamento é em nosso meio quase que desconhecido. Como que um marasmo intellectual, se assim podemos dizer, pesa sobre a alma caxiense, escravizando-a às necessidades materiais do nosso corpo¹⁹.

O folhetim *Bello Horizonte* começou a ser publicado no ano de 1915 – foi um dos periódicos de curta duração editados por Benedicto Pires e Rodolfo Ribeiro. Como o próprio nome sugere, ele tinha em seu programa uma proposta voltada para a estética, para a arte, para o “cultivo das letras” e do espírito – ou seja, era uma agenda dedicada à militância cultural. E também está já expressa na fórmula título da folha a síntese de toda sua crítica à cultura local: na prática discursiva de seus operadores da escrita, a relação entre a “beleza” – o que, no linguajar dos seus editores, equivalia a objetos de valor cultural, contemplação artística, instrução etc. – e a cidade se dava em termos de distanciamento. O “aperfeiçoamento cultural” somente podia ser visto ao longe, *no*

¹⁹ Bello Horizonte, 22 de setembro de 1915, p 01.

horizonte de Caxias, onde apenas o esforço inglório de seus olhares sonhadores e embevecidos pelas ilusões da juventude poderiam divisar. A beleza não estava em Caxias, ela era vislumbrada exclusivamente como projeto/projeção, enquanto o diagnóstico sobre a condição real da cultura na cidade era desolador.

Os líderes daquele jornal eram dois jovens sobre os quais pouco se sabe além do que os mesmos deixaram escrito nesses artefatos de arquivo – Benedicto Pires e Rodolfo Ribeiro. Segundo sua visão de mundo, Caxias tinha se tornado uma cidade demasiadamente materialista, uma cidade mercenária, uma cidade embrutecida pelos interesses imediatos da vida concreta, pela busca do lucro, pela fome de riquezas.

Caxias, esta velha Caxias, que só o nome de Gonçalves Dias é bastante para lhe garantir a veneração da posteridade, não lhe deve permanecer, por mais tempo, entregue apenas aos proventos de sua vida industrial e commercial, necessários é verdade, mas não suficiente para o aperfeiçoamento moral e intellectual do homem.

Não devemos cuidar somente do lado material que constitui uma das duas faces da vida humana, esquecendo por completo o lado espiritual, justamente o mais sugestivo, o mais complexo e o mais nobre, pelos seus mysterios impenetraveis, pela grandeza incomensurável de sua opulência²⁰.

Frases encadeadas, proposições empilhadas: trata-se de uma exortação, à maneira de um profeta, de um missionário – trata-se de um sermão de repreensão. A evocação de Gonçalves Dias pelo articulista não implica em culto de sua figura, mas em ponto de referência histórico e cultural do qual a cidade não teria sido capaz de se aproximar. O que há na escrita do editorial não é nenhuma censura à cidade por ter se *distanciado* do enlevo artístico, não é nenhuma crítica por ela ter-se *esquecido* de quaisquer “origens” culturais elevadas. Ao contrário, o elaborador do texto (provavelmente Benedicto Pires²¹) empenha-se em exortar a cidade a *começar* a seguir o caminho aberto por Gonçalves Dias, em honrar a “veneração” que graças ao poeta a

²⁰ Bello Horizonte, 22 de setembro de 1915, p. 01.

²¹ O artigo é um editorial e não aparece assinado. Mas é possível reconhecer pela repetição de palavras e fórmulas que se trata de um artigo de B. Pires, que publicou diversos outros textos, neste e em outros jornais até a década de 1930, militando sempre pela causa cultural, pondo-se como um crítico da Modernidade, no que ela tem de enfraquecimento “espiritual” e as práticas capitalistas em sua busca incessante pelo lucro.

posteridade terá pela cidade. Ele exorta a cidade a fazer o que jamais tinha feito – voltar-se para “o lado espiritual”, que estava sendo esquecido “por completo”. Muito longe de produzir um discurso laudatório – mesmo que a Gonçalves Dias – o editor de *Bello Horizonte* demonstra ressentimento em sua escrita, apesar da delicadeza graciosa de seu estilo fortemente influenciado pelo romantismo.

A escrita de B. Pires reflete e seus colaboradores nos ajuda a definir uma linha de dizibilidade: – ela pode ser lida como um sintoma de descrença no projeto de Modernidade encarnado no que Pessoa²² chamou de “euforia industrial”. Era uma linha de fuga ao discurso utópico-progressista que predominara na *belle époque*. E é extremamente salutar que essas discussões estejam sendo levantadas justamente em 1915 – ano imediatamente posterior ao marco que se costuma delimitar como o fim da *belle époque*: o assassinato do arquiduque Francisco Fernando, em junho de 1914 – episódio diretamente relacionado ao início do que a historiografia nomeou de Primeira Guerra Mundial, naquele momento, chamada apenas de Grande Guerra.

De 1914 é o periódico *A Renascença* – que só alcançou um (01) número e tinha em seu *staff* também os jovens B. Pires e R. Ribeiro. Nesse jornal, ressalta uma retórica racionalista de cunho renascentista – o que já é evidenciado pelo nome do pasquim. Um dos colaboradores do jornal, em um artigo crítico sobre a segurança pública, acusa a sociedade de produzir os criminosos que a atemorizam lança sobre ela a culpa pela condenação que ela mesma impõe aos jovens delinquentes e criminosos, entendendo como principal causa da violência a falta de educação, de refinamento intelectual e a consequente falta de oportunidade na vida que daí decorre. Partindo de uma digressão sobre a defesa da instrução pública como requisito para a garantia dos direitos dos cidadãos, o articulista se refere aos jovens marginalizados:

E como não a temos, nem esperança tela (sic) um dia, continuarão atirados no abismo do nada, aquelas crianças mui pobres que já prestes a serem devoradas, gritam mui fortemente e um dia exaustas, adormecerão, enfim à beira de tão horrível precipício e só acordarão quando estiverem em face do Tribunal recebendo a punição pelo

²² PESSOA, Jordânia Maria. Entre a tradição e a modernidade: a belle époque caxiense. Imperatriz: Ética, 2009.

crime de roubo, de assassinato, e ainda para maior horror, muitas vezes de prostituição, cometidos quando dormiam naquele mundo de miserias e perversidades, sobre pesadelos horríveis do álcool.

Ah! Então o povo, esse mesmo que assiste hoje de braços cruzados ao desmoronamento vergonhoso da instrução, exaspera-se e chega mesmo a chama-los deshumanos (sic), de perfidos e conclue sempre apontando-os como entes nocivos a sociedade, não se lembrando porém que esses infelizes foram vítimas do desprezo.

Ecos da formação discursiva do iluminismo. No jornal *O Artista Caxiense*, publicado em 09 de junho de 1891, a mesma ideia já aparecia: “A luz é a educação, a luz é a instrução – costumes e sciencia”²³. Mas, mais que isso, trata-se de uma acusação contra a elite local cujos esforços estavam concentrados – segundo a visão destes militantes da escrita – na busca exacerbada pelo lucro ou no usufruto pueril de futilidades, mas descuidava-se da “formação espiritual”, entendida como formação cultural, a qual dependia diretamente da instrução. O mesmo tipo de acusação aparece no *Jornal de Caxias*, de 10 de julho de 1896, quando um articulista conclama a cidade a se cotizar para a construção de um hospital, ou “casa de caridade”:

Não há dinheiro?! Só se for para acudir o miseravel! Admira como há tanto dinheiro para despertar com o troar dos foguetes na atmospha e não haja para despertar, com o obulo da caridade, os vermes que em vida devoram os nossos irmãos. Admira como não faltar o superfluo a tantas banalidades que nenhum proveito trazem aos indivíduos o à sociedade, e dizem *faltar* para socorrer com o necessario o desgraçado. Admira ainda, como haja quem com as celebres “cotas” subministre a si e a alguns amadores, meia hora de prazer no calor das walsas, e negue essas mesmas cotas a muitos infelizes que walsejam, sim, porem com o pungir dos vermes, no leito da miséria²⁴.

Os editoriais intitulados “Caridade”, que exortavam os cidadãos caxienses a contribuir com a construção do hospital aparecem em três números consecutivos e no segundo deles o praticante da escrita chama a atenção para a capacidade do caxiense de realizar justamente as coisas impossíveis, as coisas improváveis, aquelas coisas

²³ O Artista, 09 de junho de 1891, p 01. Nada nos autoriza a pensar que o que o articulista defendia era uma educação universal, mas ele já se sentia incomodado com a ausência de políticas, de ações concretas em favor da educação de certa juventude na cidade de Caxias.

²⁴ Jornal de Caxias, 10 de junho de 1895, p 01.

inesperadas, e usa como exemplo exatamente a implantação do parque fabril na cidade – como pode a cidade faz surgir da terra inculta as imensas torres cuspidoras de fumaça não poder construir um hospital?

Quem tem força de vontade não acha impossível o que é tão fácil, e quando seja impossível a força de vontade deve superabundá-lo.

Impossível!

Não nos conformamos com essa palavra, tanto mais quando para o Caxiense não existe impossível. Impossível também era a Industrial, mas ella ahí está, com as outras fabricas, que lhe seguiram, para mostrar quanto pôde um povo brioso e que tem consciência do papel que lhe reservaram no vasto campo do progresso.

Agora dissei-nos, o que é mais fácil: fazer surgir da inculta terra, no meio da descrença geral, essas enormes fabricas, que desafiam com suas baforadas do fumo, as nuvens, que enfiadas contemplam-nas na imensidade do espaço imenso – ou com o applauso do todo; edificar, alugar mesmo uma casa destinada a socorrer e amparar os bastardos da fortuna?²⁵

Os intelectuais caxienses do começo do século XX estavam empenhados em produzir um agenciamento coletivo de enunciação – há uma série de vibrações que atravessam os discursos apontam para a modelagem, nesse período, de um novo (arque) tipo de caxiense: o poeta ilustrado e sonhador. Mas a identidade desse novo tipo foi construída como diferença em relação ao tipo anterior: o do industrial empreendedor. Mas essa oposição só pôde ser modelada – ainda que no âmbito do discurso – paulatinamente. Até o final do século XIX, a figura do industrial – cujo arquétipo principal era Francisco Dias Carneiro – englobava-se a figura do intelectual, do homem ilustrado. O próprio Dias Carneiro, era celebrado como um grande poeta.

A partir do início do novo século, a figura do poeta, conforme o que sugerem os artefatos discursivos colhidos nas fontes documentais, procura emancipação, nas práticas discursivas da imprensa local. O jornal *O Parthenon*, de 1908²⁶ é sintomático. Em seu primeiro número, o editorial traz uma crítica direta à elite local – ao qual chama *a sociedade* caxiense. Para o elaborador do editorial (não assinado), a cidade estava com

²⁵ Jornal de Caxias, 23 de maio de 1896, p 01.

²⁶ Parthenon, 1º de maio de 1908, Anno I, nº 1, p 01.

a “moral abatida” pelo “amargôr das fezes do martyrio de criticas inconscientes”²⁷. Como na época o meio privilegiado pelo qual os intelectuais faziam circular seus discursos era a imprensa, havia um esforço contínuo dos mesmos em erigir jornais – mesmo de pequenas tiragens e de alcance restrito. Estes jornais tinham pouca longevidade, mas tornavam o trabalho de alguns escritores locais conhecidos da população. *O Parthenon* abre seu primeiro número com um editorial em resposta a críticas anteriores, isso aponta para o fato de que seus sujeitos já vinham atuando na imprensa local desde data anterior.

A forma como essa resposta é dada também é interessante: primeiro usando uma metáfora bastante ofensiva (as fezes) o jornal se coloca em seguida como um educador do povo caxiense e toma esta mesma educação como uma missão: “caminhamos sempre de modo *sobranceiro*, tendo em vista a educação de nossas inteligências e a dissipação *in totum* das trevas da ignorância”²⁸, “e se isso conseguirmos morreremos com o riso daqueles que cumpriram de um modo honroso o seu espinhoso dever de cidadãos”²⁹. Há ali um diagnóstico: a ignorância. Mas também uma metodologia: a escrita na imprensa local como forma de dissipar essa ignorância. Claro que militantes do jornal *Parthenon* escreviam para pessoas letradas, de modo que a ignorância a que se propunham dissipar não era, por exemplo, o analfabetismo. E, apesar do linguajar fortemente marcado pela formação discursiva do iluminismo, não era também o obscurantismo religioso ou a superstição, a julgar pela quantidade de textos e anúncios católicos que se encontram no jornal. Os articulistas desse jornal se batiam contra um aspecto da cultura local: o desconhecimento ou o desinteresse da elite local sobre as artes, conforme este outro fragmento de discurso do jornal *Bello Horizonte*:

Pois outra não é a ambição que empresta a esta folha a energia para desejar, no seio do jornalismo caxiense, um lugar honroso embora obscuro.

E não nos mete medo a possibilidade do fracasso. O ideal que nos guia é daqueles que não marcam limites ao sacrifício dos seus paladinos. Neles encontramos a fé sublime dos verdadeiros crentes e della nos

²⁷ *Parthenon*, 1º de maio de 1908, Anno I, nº 1, p 01

²⁸ *Parthenon*, 1º de maio de 1908, Anno I, nº 1, p 01 (grifo do autor)

²⁹ *Parthenon*, 1º de maio de 1908, Anno I, nº 1, p 01

vem a promissora esperança em que se apoia o nosso desejo de vencer, dentro das nossas aspirações.

Caxias, esta velha Caxias, que só o nome de Gonçalves Dias é bastante para lhe garantir a veneração da posteridade, não lhe deve permanecer, por mais tempo, entregue apenas aos proventos de sua vida industrial e commercial, necessários é verdade, mas não suficiente para o aperfeiçoamento moral e intellectual do homem³⁰.

Em *O Parthenon*, essa proposta era levada a cabo por meio da inserção de erudição nas folhas do periódico: textos de Vitor Hugo e outros escritores estrangeiros, bem como de nacionais, como Ruy Barbosa, aparecem no jornal, ao lado de contos e até o anúncio de um livro de poesia, em que, além da resenha crítica, aparece uma descrição do livro e uma avaliação da qualidade do seu papel, de sua tipografia, capa etc.

Embora sutilmente críticos ao governo, os articulistas de *O Parthenon* eram republicanos, sua retórica deixa transparecer influências do positivismo, de modo que nem a ideia do progresso nem a sua realização em Caxias são questionadas em suas práticas. Atina-se para o borbulhar de um agenciamento coletivo de enunciação se pronunciando – é o discurso da valorização da cultura que começa a parecer já com certa autonomia em relação ao discurso do progresso industrial: a reivindicação de uma tutela do futuro da cidade não para os industriais, mas para os intelectuais.

Aqueles jovens, influenciados pela ética do Iluminismo, ao que parece, foram fortemente afetados pelo acontecimento da Grande Guerra; sua leitura de mundo, pelo que se depreende da leitura de seus textos, expressa uma visão de que o desenvolvimento do projeto moderno, desvinculado de um paralelo projeto de aperfeiçoamento espiritual gestado pela arte, especialmente a literatura, levaria apenas à decadência da humanidade e à sua bestialização. Dito expressamente:

Nesses calamitosos tempos de guerra, de crise, de seca e de malefícios de toda sorte, a muitos há de parecer talvez um sonho irrealizável a vida de um modesto jornal provinciano que pretenda florescer para o cultivo das letras, para o gozo espiritual daqueles que neste mundo aspiram alguma coisa mais, além do pão nosso de cada dia.

³⁰ Bello Horizonte, 22 de setembro de 1915, p 01.

Pois outra não é a ambição que empresta a esta folha a energia para desejar, no seio do jornalismo caxiense, um lugar honroso embora obscuro.

E não nos mete medo a possibilidade do fracasso. O ideal que nos guia é daqueles que não marcam limites ao sacrifício dos seus paladinos. Neles encontramos a fé sublime dos verdadeiros crentes e della nos vem a promissora esperança em que se apoia o nosso desejo de vencer, dentro das nossas aspirações³¹.

A imagem de um mundo decadente e em perigo ganha proporções tão fortes na linguagem desse articulista que ele chega a apresentar a si mesmo e seus companheiros de jornal como profetas de um novo tempo pelo qual hão de lutar, mesmo sem esperanças de grandes recompensas – julgam que o seu intento, em si mesmo, constitui uma honra, mesmo que imersa na obscuridade. Trata-se de um ideal, de uma missão, de uma aspiração: reverter o jogo com os efeitos culturais da Modernidade em Caxias.

Em que consistiam esses efeitos: a cidade tinha-se tornado materialmente próspera, mas tinha-se tornado seca; tinha-se tornado fria e vazia; suas aspirações não superavam a necessidade do “pão nosso de cada dia”. Ironicamente, essa performance discursiva lança mão, para definir-se, do mesmo vocabulário que opera para criticar o seu *outro*: a “ambição” que condena, ele retoma e ressignifica, deslocando-a e fazendo seu sentido deslizar (em vez de ambição por riqueza, ambição pelo cultivo das letras); a “aspiração” imediata e material que critica, ele também retoma, mas como “fé sublime dos verdadeiros crentes”.

Vislumbra-se, portanto, uma linha de fuga se insinuando. Os jovens que se envolveram naqueles efêmeros projetos de jornais dedicados ao “cultivo das letras” no início do século XX começavam a buscar alternativas à linha de desejo dominante que tinha se estabelecido na cultural local desde o final de década de 1870 – a linha de desejo do empreendimento industrial. Nessa militância, o “modesto jornal provinciano” já produzia jogos de sentidos com os quais pretendia desestabilizar a formação discursiva consolidada. Percebe-se e persegue-se nessa atuação escriturística um primeiro momento de choque entre duas versões da cidade de Caxias – há nesses

³¹ Bello Horizonte, 22 de setembro de 1915, p. 01.

ensaios iniciais em defesa de uma Caxias como “cidade literária” a emergência de um devir, o rasgo no guarda-sol de que falam Deleuze & Guattari através Daniel Lins, a manifestação nas práticas discursivas da abertura de um “espaço líquido de metamorfose”:

Os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista, abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco de caos livre e tempestuoso e enquadrar numa luz brusca, uma visão que aparece além da fenda (...) Então segue a massa dos imitadores, que remendam o guarda-sol, com uma peça que pareça vagamente com a visão e a maça dos glosadores que preenchem a fenda com opiniões: comunicação³².

Decorre dessa leitura que em meados da década de 1910 manifestam-se discursivamente os sinais de fissuras no discurso utópico-progressista e que isto implicaria em um entretempo, um momento de indefinição em que as linhas de uma nova cartografia começavam a ser traçadas. O guarda-sol do progresso, da indústria, da esperança no futuro, da teleologia, sofria ali, se não o primeiro, um de seus primeiros rasgos – o que se pronunciava para além: o estranhamento do vácuo de sentidos, o qual os tecedores de falas do *Bello Horizonte* procuravam preencher com sua prática discursiva: quando o signo da cidade industrial enfraquecia outro signo tendia a se esboçar. Assim, ao mesmo tempo que B. Pires e R. Ribeiro representavam o rasgão no guarda-sol, eles também foram seus primeiros emendadores – cobrindo o buraco-negro de um projeto econômico com a proposta de uma cidade vitoriosa na *beleza*, na arte, na cultura.

Desde meados do século XIX existem jornais locais circulando em Caxias, alguns alcançara longevidade. O *Jornal do Commercio*, por exemplo, uma publicação bissemanal, encerra o ano de 1920 publicando a edição de número 964³³; o *Jornal de Caxias* atingiu a numeração de 670³⁴. Mas no entremeio da segunda década do século XX, os títulos mais antigos, com tradição, desapareceram e começam a se difundir

³² DELEUZE & GUATTARI apud LINS, Daniel. O último copo: álcool. literatura, filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p 17.

³³ *Jornal do Commercio*, Ano XVI, n 964, 18 de dezembro de 1964.

³⁴ *Jornal de Caxias*, Ano XIV, n 670, 26 de dezembro de 1908

esforços para recuperar a imprensa local. Surgem periódicos sem periodicidade – jornais de duração efêmera – de alguns deles só se conhece a primeira edição – com editoriais programáticos de programas que não chegaram a se realizar.

Essa efemeridade dos órgãos, no entanto, aponta para uma inquietação dos operadores da escrita mesmo sem serem capazes, em termos de gestão, de fazer seus veículos de mídia se consolidarem, eles mantinham a atividade jornalística, iniciando novos e novamente malogrados projetos – sugere-se de seus projetos efêmeros que tinham avidez pela militância na imprensa, mas não eram bons editores. Com efeito, todos esses folhetins – *Bello Horizonte*, *A Renascença*, *O Astro*, *O Parthenon*, entre outros – tiveram curta duração. No número 06 de *O Binóculo*, publicado em 14 de julho de 1907, há a estampa da gravura de uma lápide sob a qual se pode ler a nota: “Aqui jaz os restos mortaes do “Pasquim Dynamite” que na flor da vida desapareceu da arena jornalística. Nós, os seus apreciadores lastimamos sua falta e colocamos esta lapida em signal de tenra amizade”³⁵.

Este gesto é um indício de atividade jornalística com certa intensidade, apesar da pouca longevidade dos jornais: os jornais surgiam e logo em seguida desapareciam da “arena jornalística” da cidade. No mesmo número do jornal, há uma nota informando o público que:

Euclides Fernandes Bastos declara ao público que deixou de ser gerente deste jornal, em virtude de ir fundar um jornal sob sua direção com o título – O Independente. Declara mais que os únicos responsáveis pelos artigos d’O Binóculo são os redactores. Assim pois aproveita a ocasião para agradecer aos amigos que lhe dispensaram considerações durante o tempo que foi gerente d’ – O BINOCULO -.

A rápida montagem e desmontagem de jornais não conforma um padrão apenas na imprensa caxiense. Na capital, São Luís, no mesmo período, os jornais pipocavam na praça, mas também tinham dificuldade de se sustentar. O jornal *A Semana*, em seu primeiro número, saído em 28 de agosto de 1910, já abre seu primeiro editorial com um a ironia contra os jornais de um número só, debochando da linguagem de seus editores e

³⁵ O Binoculo, Ano I, n 06, 14 de julho de 1907, p 02.

de seus programas sonhadores – a ironia maior está na repetição em seu próprio editorial dos mesmos *speech genres* mobilizados pelos jornaizinhos aos quais ironiza:

A Athenas Escangahada, embora, hade (sic) ser eternamente a terra dos jornalecos, é raro o domingo em que não apreça por aí, a, algazarra da garotada, um de título pompozo e lantejoulado de arabescos e calungas – é raro; mas pobres deles, parece até *caiporismo*, ficam sempre no numero 1. Não há forças humanas que façam os tais *sujeitinhos* dar passada na “escabroza verêda do Jornalismo”, como dizem eles nas estapafúrdias apresentações (sic).

Agora surgimos nós! Não fazemos prometimentos, não apresentamos programas espalhafatosos, nem tampouco perfiz eucalungados, mas sentimos em nossos corações as caricias desse arcanjo divino que nos serve de Cirineu durante a ingente trajetória pelo Calvário da vida, a quem os poetas chamam, adocicando a voz – *a doirada Esperança* – proclamando convictos que nós não ficaremos no início de nosso voo, que iremos mais longe³⁶.

Em Caxias as dificuldades para se manter um jornal, ao que a baixa longevidade dos títulos indica, também eram grandes. O editorial do nº 06 de *O Binóculo* evidencia isso, pois atesta que o jornal esteve fechado por 48 dias por algum tipo de interferência de desafetos de seus fazedores, como indicam os fragmentos abaixo:

48 dias se escoaram hoje na ampulheta do tempo do nosso desaparecimento da romeria no terreno (...) do jornalismo.

Mas, fortes ainda, encorajados mesmo, e despresando ou pondo de parte os apuros dos *imbecis* que, como dardos envenenados, nos quizeram ferir, eis-nos, novamente com o nosso *Binoculo* enfrentando ainda e com o mesmo programa que, attraz, nos comprometemos seguir. (...)

Os quarenta e oito dias que de sumir-se (...) na vestidura opaca da eternidade foi, para nós, “pobres caminheiros de um dia”, um grande benefício, pois podemos com grande sacrifício, *in vitam rededo*, graças à benevolência dos que nos querem com afam.

Os editores de *O Binóculo* usaram de uma tática salutar para conseguirem se manter na praça – envolveram seus leitores na compra do maquinário de uma tipografia própria, reduzindo assim seus custos de produção e, até certo ponto, se tornando

³⁶³⁶ A Semana, Anno I, n 01, 28 de agosto de 1910, p 01.

independentes de patrocinadores e mantenedores, como atesta a nota de agradecimento abaixo transcrita::

Declaramos às pessoas que nos auxiliaram na compra da typographia, que em paga do referido auxílio, daremos quatro mezes grátis do jornal a contar de 1º do corrente, findo em 31 de outubro do corrente ano.

Verifica-se uma considerável atividade escriturística na Caxias dos primeiros 20 anos do século XX. Nesse fim de *belle époque* e início das decepções com a indústria, a escrita – de um modo especial a escrita artística e/ou intelectualizada – parece ter se apresentado como um elemento distintivo, despontava como uma virtualidade – não organizada, não programática, não disciplinada – de signo identitário, mas já começou a exigir um engajamento político por parte de seus participantes: não tanto de uma “política política”, da qual nem sempre se abriu mão, mas de uma “política cultural”, estética. A escrita na imprensa aparecia como um espaço a ser territorializado, no qual se inscreveria uma cartografia da subjetividade caxiense e nela seria gestada uma elaboração do tempo – o tempo dobrado, que negava o progresso e se apropriava do passado como *locus* de sua realização.

É possível destacar diferentes traços das principais formações discursivas da Modernidade aparecendo nas práticas discursivas desses militantes da escrita – como enunciações de matriz iluminista, positivista, progressista etc. E também é notável como esses articuladores de ideias mobilizam valores modernos para dar sustentação e plausibilidade – inserir num regime de visibilidade e dizibilidade – sua retórica, como em formulações do tipo “será possível que em pleno século XX³⁷...?”. Mas também não se pode deixar de observar que nos pontos fricção entre enunciados e nos diversos embates pela invenção de significações, travados pelos operadores da escrita em Caxias nas primeiras duas décadas do XX, existe uma rachadura – que ainda não é uma ruptura – no tipo de discurso que tinha ganhado a adesão da cidade no período da *belle époque*.

Há por vezes latente, por vezes manifesta, uma recusa do discurso utópico progressista ou, no mínimo, uma desvalorização proposital do seu valor do seu

³⁷ Cf. Prólogo, subtópico 1.5 – De Manchester a Parnaso: o desmanche e a invasão.

significado a fim de se permitir a invenção de novos valores e novos significados. Sem qualquer recusa radical, os praticantes da escrita daqueles pequenos e efêmeros jornais iam minando o discurso do progresso industrial na mesma medida em que as reviravoltas inexoráveis – e muitas vezes até imponderáveis – da política e do capital iam minando o próprio progresso da indústria tupiniquim. Apesar de se valerem de uma linguagem conservadora e cautelosa e não se proporem a atacar conceitos consagrados na formação discursiva dominante, como a religião ou a noção de evolução na história, jovens como Benedicto Pires e Rodolfo Ribeiro estavam atravessados por ritornelo que carregava a potência do desmantelamento de um território discursivo e abria espaço para a invenção de outro.

2.4 Crise e calamidade

Cumprir perguntar: o que levaria jovens intelectuais – que, só por serem letrados, entende-se fazerem parte da elite local – notadamente influenciados pelo ideário republicano, logo, positivista, a criticarem o aspecto econômico do projeto modernizador de sua cidade? Sem dúvida, o impacto provocado pelo acontecimento e pelas repercussões da Grande Guerra tem importância nesse quadro. Mas, talvez isso não seja suficiente para explicar sua quase completa recusa do projeto progressista ao qual tinha aderido a elite caxiense. Talvez seja necessário buscar em sua realidade mais imediata alguns elementos que possam ser relacionado a esse seu ressentimento precoce com o moderno. Por exemplo, no mesmo número de *Bello Horizonte* em que B, Pires escreve esse editorial há a nota:

COMMERCIO PARADO

Apesar da alta do algodão, nota-se sensivelmente parado o comércio de Caxias. Já nos vão faltando os principais generos alimenticios, sendo que os poucos que nos oportunam são por um preço

elevadíssimo; não só por serem vendidos em outro mercados, como sejam Codó, Coroatá etc.³⁸

O texto aponta para uma economia local em ritmo de ralentando. Não fora um incidente o que tinha produzido a falta dos produtos nas prateleiras dos comércios ou a alta dos preços – era um processo que vinha se desenrolando e que atingia ali um ponto crítico. Assim, a realidade concreta de Caxias aparecia como um paradoxo à formação discursiva, o enunciado, da *belle époque* que a pretendia dizer – o jornalista não conseguia articular na realidade concreta de sua sociedade a imagem que a mesma vinha fazendo de si mesma nas quase quatro décadas precedentes.

No entanto, sem poder ao mesmo tempo desvencilhar-se das teias de dizibilidade que enredavam a linguagem que o constituía, ele assume o enunciado do progresso econômico caxiense como verdadeiro, porém caduco. Em outras palavras, no entendimento dos operadores da escrita do jornal *Bello Horizonte*, Caxias passava, naquele momento, por dois tipos de decadência: a) uma decadência cultural-espiritual – ou moral – provocada pelo apego a valores exclusivamente materiais e, não obstante, b) uma decadência material-econômica que se fazia sentir na ausência de mercadorias e na desvalorização do dinheiro.

Mostramos com o nosso ultimo artigo que de modo algum podem prevalecer as defesas – justificativas – com que a Directoria da Companhia União Caxiense tem se exibido para fazer acreditar que essa empresa não está em ruínas, a caminho largo e breve de uma inevitavel extinção³⁹.

Assim se manifestava o jornal *O Bloco*, de 27 de janeiro de 1917 num longo artigo de análise das contas da Companhia União Caxiense, acusando-a de fraudar a sociedade caxiense, fazendo-a acreditar no seu sucesso mercadológico, quando, na verdade, a empresa estava à beira do abismo.

³⁸ Bello Horizonte, Ano I, n 01, 22 de setembro de 1915, p. 04.

³⁹ O Bloco, Ano I, n 11, 27 de janeiro de 1917, p 01.

2.4.1 O discurso da decadência ou o progresso de revestrés

A objetividade do discurso da *decadência* econômica, à luz da história econômica de Caxias, é questionável – na medida em que é questionável a existência uma era de prosperidade que lhe fosse anterior. O discurso da decadência está articulado a uma idealização do passado mais do que de fato ao diagnóstico de alguma queda significativa de um gráfico cuja linha antes apontasse para cima. Analiticamente, a economia caxiense, desde o século XVIII, consente a percepção que, mesmo em seus momentos climáticos, ela foi muito deficiente – o que não significa que não tenha havido aqui, como em toda a colônia, um processo de concentração de riquezas, segundo o modelo excludente da economia escravista. Não obstante esa riqueza concentrada, a imagem da cidade era uma imagem de miséria, não de opulência, inclusive no período de tráfico mais intenso de mercadorias no Porto Grande (como era chamado o porto de Caxias), a cidade, desde seus tempos de arraial, julgado e vila, sempre esteve afundada na lama da pobreza e da carestia. A descrição que Paula Ribeiro faz da cidade um século antes do tempo de *Bello Horizonte*, quando passou pela então Villa de Caxias das Aldeias Altas, em 1815, é reveladora:

A carestia ou falta de viveres, à excepção das carnes verdes em certo tempo, não deixa de ser às vezes bem considerável n'este local. De ordinario a plantação dos legumes e de outras cousas necessarias á vida é preterida pela do algodão ou quasi todo ou em todo Itapucurú povoado; e na maior parte os seus lavradores não deixam de comprar em outros lugares assaz distantes esses generos para os seu sustento. E eis de onde vem o principal motivo de uma miseria indubitavel (..) a fome geral da pobreza é um resultado infalivel⁴⁰.

Avançando oito anos no tempo, as coisas ficam piores. Conforme testemunho do próprio Paula Ribeiro, a maioria da população da vila era composta de europeus (leia-se: portugueses) – o contingente de escravos negros estava concentrado nas fazendas de algodão e a maior parte dos índios tinha se metido nos interiores mais profundos das

⁴⁰ R RIBEIRO, Francisco de Paula. 1848. Roteiro da viagem que fez o Capitão Francisco de Paula Ribeiro ás fronteiras da Capitania do Maranhão e da de Goyaz no anno de 1815 em serviço de S. M. Fidelissima. Revista Trimesal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo X, 1º. Trimestre de 1848, p. 5-80. Rio de Janeiro. [segunda edição 1870] Disponível em: < http://biblio.wdfiles.com/local--files/ribeiro-1848-roteiro/ribeiro_1848_roteiro.pdf > Acesso em: 23/04/2015 p. 51.

matas. De modo que com a vitória de João da Costa Alecrim sobre as tropas de Fidié no Morro das Tabocas e a tomada de São Luís por Lorde Cochrane em 1823, que forçaram a Vila de Caxias das Aldeias Altas à chamada *Adesão à Independência do Brasil*, os “ricos comerciantes” portugueses do lugar ficaram endividados. O pai do poeta Gonçalves Dias – um desses comerciantes – enfrentou uma crise financeira tão grave que deixou o Maranhão, voltando para Portugal por quase cinco anos.

Os naturalistas alemães, Martius e Spix, também dão notícia dos problemas econômicos que envolviam Caxias na entrada da terceira década do século XIX⁴¹. E é perceptível já na narrativa desses dois viajantes uma variante da estratégia de evasão de tempo tal como objetivada no seio (ou na cintura) desta investigação. Em 1819, diante da queda do preço do algodão, da queda da produção, da falta de escravos suficientes para expandir o cultivo, da necessidade de comprar carne e outros víveres de outras capitâneas, eles já encontraram na cidade informações que remetem ao século XVIII como um momento de grande prosperidade, em que Caxias foi uma vila opulenta e que, por culpa da má administração de seus recursos, tinha se tornado agora pobre e desmoralizada.

Na década de 1840, como se observa na correspondência de Gonçalves Dias, o panorama não é significativamente diferente. Após ter se formado Bacharel em Direito em Coimbra, Gonçalves Dias retorna à sua terra-natal, pela qual tinha se derramado em lirismo nos versos que se tornariam os mais parodiados da literatura brasileira e já em sua publicação alcançariam o *status* de símbolo de nacionalidade – *Canção do Exílio*. No entanto, livre da saudade provocada pela distância (e pela precariedade de sua condição financeira em Portugal) e no segredo de uma carta endereçada a seu amigo íntimo, Alexandre Teófilo, o cantor dos Timbiras assim se refere à agora cidade de Caxias, na qual tinha passado a morar:

Cada vez mais vulgarismo - mais tédio - mais aborrecimento desta
imundície - cada dia um novo protesto de me afazer com a minha
nova vida - e em cada dia percebo um novo motivo de desgosto - e de
descontentamento. Futuro? Lá se vai com o resto dos meus doidos

⁴¹ SPIX e MARTIUS. Viagem pelo Brasil. 3 volumes. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. 3ª edição. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976.

projetos. Poesia?! Já perdi o amor e nenhum outro tenho para o substituir (...) ⁴².

O poeta execra a cidade em que nasceu numa fala carregada de decepção – até mesmo de desespero. Apelidado de “menino sonhador” por seus colegas brasileiros de bacharelado em Portugal – que, inclusive, chegaram a custear o seu sustento na Europa por um tempo –, era um jovem tão orgulhoso e ambicioso quanto dotado de talento e inteligência. Não obstante ser pobre, mestiço e bastardo, possuía um projeto de vida arrojado, calcado na ascensão social/econômica e na conquista de um lugar de destaque na intelectualidade brasileira: “todo meu empenho (...) é ser o Primeiro Poeta no Brasil, e, se houver tempo, o primeiro literato” ⁴³ – ele confessa ao amigo Alexandre Teófilo.

No entanto, na metade do séc. XIX, a cidade de Caxias não lhe oferecia a mínima possibilidade de realização dessa ambição – uma vila sertaneja que, apesar da rota fluvial do Itapecuru, distava dias e dias de qualquer lugar *civilizado*, atolada na lama e na ignorância, envolvida em picuinhas vulgares de vizinhos e absolutamente distinta dos sonhos de grandeza que, àquela altura, povoavam a imaginação de Antônio – ele que tivera contato com jovens portadores dos sobrenomes mais destacados da elite do Norte do Brasil. A escritora Ana Miranda, em seu romance *Dias & Dias*, sobre Gonçalves Dias, tece considerações sobre o estranhamento, a *alteridade*, que deve ter se estabelecido entre o poeta e sua cidade naquele período. Quem narra é a personagem Feliciano – simultaneamente um duplo do poeta e um *duplo*⁴⁴ da cidade:

Todo mundo reparava nos modos de Antonio, naquele figurino português, diziam que as suas calças estavam tão ajustadas às pernas que só se podia distinguir da pele pela cor, e os braços da casaca tão apertados que o faziam lembrar uma xícara de chá inglês, os sapatos tão engraxados pareciam um espelho d’água, a guedelha de cabelos feito os de um leão virados para uma banda só, anelados como se houvesse ido a um cabeleireiro de senhoras que lhe tivesse feito um penteado com um bolo de casamento, e acendia seu charuto no meio

⁴² DIAS, 1964: p. 37-38 – Carta de 22 de abril de 1845 a Alexandre Teófilo. Correspondência ativa de Gonçalves Dias, transcrita e compilada pela FBN

⁴³ DIAS, 1964: p. 37-38 – Carta de 1º de março de 1844 a Alexandre Teófilo.

⁴⁴ Sobre a questão do *duplo* no romance *Dias e Dias*, de Ana Miranda, e sobre as relações história/ficção em sua narrativa, cf. SOUZA, Maria da Conceição Moreira de Almeida. *Dias & Dias*” de Ana Miranda: Gonçalves Dias e outros *duplos*. Dissertação de Mestrado em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica – PUC. São Paulo, 2011. Disponível em < http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12674 > . Acesso em: 02.05.2015

da rua, fumava em público, bebia em público. Sem colete! Agora só falta andar em mangas de camisa. (...) A palestrar e papear com um ar tão autoritativo, como se fosse um oráculo da opinião pública, E a beber cerveja no Riacho da Ponte, E a tomar cálices de genebra na câmara, e a prostrar com os bacharéis, em sua nova etiqueta lusitana. Pobre do meu Antonio na língua dessa gente a julgar suas particularidades e até mesmo seus segredos familiares, Será que ele vai visitar a negra? Será que não vai visitar a negra? Será que fica ou não fica neste lugarzinho tão abafado de calma? Será que vai ou não vai parar com essas andanças desgraçadas?⁴⁵

Ainda se estava no ano de 1845 e, apesar do desgosto de Gonçalves Dias e seu diagnóstico absolutamente negativo, Caxias ainda era uma comunidade próspera – o Itapecuru ainda era uma importante rota de circulação de riquezas, o que aquecia o mercado local, além da produção de algodão, que embora não fosse uma lavoura tão importante quanto a canaveira, ainda não tinha entrado em declínio. Na década seguinte o quadro – já não animador – se torna ainda mais desfavorável, devido à construção de Teresina e a transferência da capital da província do Piauí de Oeiras para as margens do Rio Parnaíba – empreendimento este que tinha, entre outros, o objetivo confesso de “arrebatar a Caxias o comércio do Piauí⁴⁶”. O que de fato ocorreu – após a construção de Teresina e a instalação nela da capital da província do Piauí, quase todo o fluxo comercial do Itapecuru foi desviado para o Parnaíba, produzindo um forte impacto econômico (e, por assim dizer, moral) na cidade de Caxias.

Na década de 1880 começa o burburinho da industrialização, os discursos progressistas começam a circular na imprensa, nos becos e nas praças – o responsável por toda essa movimentação e por fazer circular estas novas ideias é Francisco Dias Carneiro, homem inquieto, visionário e empreendedor⁴⁷. Dias Carneiro escrevia, conversava, disseminava seu entusiasmo por onde passava:

Consagrando boa parte de sua vida a buscar o bem para seus concidadãos, muitas vezes chegou a esquecer de si mesmo, do seu bem estar material e do futuro de sua família, para entregar-se corpo e alma a este afan que o absorvia de todo em todo.

⁴⁵ MIRANDA, Ana. Dias & Dias: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.87

⁴⁶ José Antônio Saraiva, presidente da Província do Piauí, Relatório da Assembleia Provincial, de 03 de julho de 1851.

⁴⁷ Jornal de Caxias, 24 de janeiro de 1896, p 02

Quando pensava em desenvolver a indústria em sua terra para torna-la próspera e feliz, esquecia-se de que era homem, esquecia-se de que era pobre e da necessidade de juntar recursos para a educação de seus filhos. (...)

Dias Carneiro era como são os propagandistas de sua têmpera. Quando estava possuído de (...) alguma convicção (...) era desta que ia lhe enchendo a alma, transbordava inundando e arrastando aqueles que o ouviam ou liam.⁴⁸

Uma vez instalada a ideia moderna de progresso contida no projeto de industrialização – esse ensaio de revolução burguesa nos sertões maranhenses feita por um agitador e seus pares latifundiários e comerciantes –, e uma vez que o futuro já estava projetado na construção das fábricas e na inserção da cidade no mercado têxtil mundial, era necessário dizer de onde a linha vinha, qual era o passado da cidade. Desenhar a sua linha evolutiva desde uma origem que já contivesse em si mesma o germen do futuro anunciado. É então que os antigos lugares comuns relativos à prosperidade pretérita da Caxias-empório do período colonial são novamente mobilizados para a elaboração de uma narrativa da cidade: reminiscências discursivas da antiga “opulência” que caracterizara a cidade de outrora e que confrontava o caxiense de então, exigindo dele uma tomada de atitude, nomeadamente, o empreendedorismo industrial:

Caxias procura ressuscitar das próprias cinzas. Não há muito ainda, embora nas recordações do passado, cismava distraída semelhante ao indivíduo de espírito fraco, que vendo que vendo fugir-lhe uma opulência que não soube conservar, verga ao peso da adversidade, e não tenta reagir contra os embaraços, criados talvez pela própria improvidência. (...) As torrentes de ouro que do sertão desta e de outras províncias vinham, estagnaram-se em suas arcas e foram extintas. As ricas comarcas de Carolina, Boa Vista e outras (...) preferiram mandar seus produtos ao grande mercado de Belém. Por outro lado, Parnaíba, Teresina e Amarante constituíam barreira insuportável, vedando todo o comércio com o Piauí (...) Viu-se perdida. Pensou então que só podia salvar-se tornando-se industrial e, para começar, resolve fundar uma fábrica de tecidos⁴⁹.

Ao mesmo tempo em que essas reminiscências discursivas eram tomadas como um ponto de partida para a linha do progresso sobre a qual a cidade agora se

⁴⁸ Jornal de Caxias, 24 de janeiro de 1896, p 03.

⁴⁹ Jornal *Commercio de Caxias*. Caxias – MA, 1 de janeiro de 1888 p. 1 -2.

posicionava, o signo ao qual elas se referiam eram vistos como algo a ser extirpado do presente para dar lugar à manifestação do novo – das utopias do progresso. Era a máquina de pulverização da realidade sendo posta em movimento – era a hora de desfazer as formas antigas do passado a fim de que as novas formas do futuro se materializassem no presente, dissolvendo o presente nas promessas do futuro. A atualização do passado servia apenas como infusão de força, tomava a forma de discursos de “justificativa” (no sentido mesmo de justificativa de projetos) e indicadores de um desvio momentâneo da cidade da linha do progresso. A cidade que tivera todo seu passado inscrito no signo da opulência precisava retornar a ele e seguir o curso da ascensão.

O signo da opulência no qual se traduzem riqueza, prosperidade, beleza e fidalguia é uma cristalização da imagem que a cidade fazia de si mesma no período anterior à Independência – época em que cidade ainda era o Arraial das Aldeias Altas. Mas pode-se pensar que, como reminiscência discursiva, essas enunciações tenham atravessado o século XIX, estruturando um olhar sobre o passado e atualizando a “era de ouro” para um passado mais recente. A *montagem do tempo* no texto acima faz transparecer que a tal opulência econômica de Caxias tinha sido perdida recentemente, tendo como determinante – embora muitas vezes silenciado nos discursos locais – a ascensão de Teresina, que canalizara o comércio para o Piauí.

Fica clara nessa montagem a existência de uma estrutura narrativa em três atos: opulência; letargia; despertar. Mas, conforme Clúdia Menezes Graça Teixeira, em estudo sobre *O Ciclo do Desenvolvimento da Indústria Têxtil em Caxias*⁵⁰, o período de *despertar* – embora evidentemente seja fruto de ações empreendedoras arrojadas – só pode ser explicado a partir de uma conjuntura muito particular que lhe condicionou tanto a possibilidade do acontecimento como a curva decadente que conduziu ao seu desmantelamento: os efeitos globais da *Revolução Industrial* provocaram uma espécie de onda industrializante, o que começou a suscitar, no Brasil, discussões sobre a transferência do capital mercantil e agrário para a indústria e sobre os modos de fazê-lo.

⁵⁰ TEIXEIRA, Clúdia Menezes Graça. O ciclo de desenvolvimento da indústria têxtil em Caxias – MA. Campinas: Unicamp, 2003.

O fato de a lavoura do algodão ter se destacado ao longo da história do Maranhão⁵¹ incentivou fazendeiros e comerciantes a investirem nesse novo setor da economia. Mas a reação conservadora de setores agrários somada à defesa desse projeto feita pela “burguesia nascente” – está-se referindo ainda a proprietários rurais e comerciantes, os quais se diferenciam dos citados “conservadores” por sua disposição em investir no mercado de capitais e na indústria – teria feito surgir uma arena de conflito que criava a miragem de diferença radical de interesses entre os dois setores, produzindo um erro de leitura estrutural. Assim, nunca chegaram a ser formuladas políticas de governo efetivamente favoráveis ao desenvolvimento da indústria, especialmente no tocante à política de câmbio (e a infundável disputa entre protecionistas e livre-cambistas) e em ações estruturantes (como investimentos na área do transporte)⁵².

Tratando especificamente do caso caxiense, a historiadora mostra que já na década de 1880 havia debates na imprensa sobre a capacidade autossustentável da indústria local, apontando para o fato de o *boom* industrial de então ser resultado de esforços “artificiais”:

as condições objetivas para a instalação das fábricas de tecido da cidade de Caxias parecem ter sido hipertrofiadas pelos seus empreendedores, provocando um processo de industrialização, em grande medida, mais artificial, do que de fato consolidado em bases financeiras consistentes⁵³.

As dificuldades iniciais que Dias Carneiro encontrou para reunir capital suficiente para dar início ao empreendimento fabril já são em si mesmas indicativas de debilidade dessas “condições objetivas” - o volume de capital disponível na economia com possibilidade de ser convertido em máquinas e *know how* sem que isso implicasse

⁵¹ Conforme Francisco de Assis Leal Mesquita, no ano de 1872 houve uma queda nas exportações do algodão maranhense, que segundo pesquisador apenas confirmava uma tendência evidente desde 1847, quando os preços decaíram no mercado internacional e o produto perdeu sua competitividade no quesito qualidade. Não obstante, o algodão do Maranhão ainda alcançava o terceiro lugar no mercado da Inglaterra. (Mesquita, 1987:98).

⁵² TEIXEIRA, Clêudia Meneses Graça. O ciclo de desenvolvimento da indústria têxtil em Caxias – MA. Campinas: Unicamp, 2003, p 29-45.

⁵³ TEIXEIRA, Clêudia Meneses Graça. O ciclo de desenvolvimento da indústria têxtil em Caxias – MA. Campinas: Unicamp, 2003, p 116 – 117.

em paralisia do comércio e outras atividades econômicas era reduzido. A falta de mão-de-obra qualificada e os custos da qualificação. A inexistência de um mercado interno e a alta competitividade de outros produtores no mercado externo (como os Estados Unidos e o Egito). A concorrência com as indústrias do parque fabril do Maranhão e de outros estados, além de fatores extraeconômicos apenas indicados pela economista – como um manifesto despeito das elites ludovicenses com a perspectiva de que a economia caxiense se tornaria mais importante que a da capital. Esses entre outros fatores – como problemas de relacionamentos com profissionais e firmas estrangeiras – colocaram, já no final do XIX e início do século XX, a indústria caxiense numa tendência de declínio⁵⁴.

Um articulista do Diário do Maranhão, em 1895 critica o empreendimento de Caxias:

Meia dúzia de indivíduos arvorados em financeiros, e que se reproduzem em quase todas as administrações de nossas empresas como se fossem impostos pelas suas qualidades excepcionais estão todos os dias a phantasiar artifícios que longe de beneficiar-as cada vez mais compromettem.

Ora emittem debêntures às vézes sem as necessárias garantias, como fez a Companhia de Vapores e quer fazer a Cãhamo, que, tendo esbanjado mais do duplo do capital necessário para a sua construção, estando já hyphotecada ao Banco da República pretende contrair novos empréstimos, à pretexto de melhorar as suas condições, ora jogam na praça cheques, vales e bonus que ilegalmente fazem correr como moeda: ora finalmente se lembram de suspender o pagamento dos dividendos, como se os que teem seus capitaes empregados nas empresas e não dispõem dos vencimentos de commodas directorias, não carecessem de seus rendimentos para ocorrer às suas necessidades e compromissos⁵⁵.

Conforme se pode acompanhar na imprensa, as indústrias caxienses não iam bem – fundadas pouco antes da queda do Império, tiveram que se consolidar em meio às crises financeiras dos primeiros governos republicanos. A primeira fábrica do parque

⁵⁴ TEIXEIRA, Cléudia Meneses Graça. O ciclo de desenvolvimento da indústria têxtil em Caxias – MA. Campinas: Unicamp, 2003, p 19

⁵⁵ Diário do Maranhão, 09 de abril de 1895. A segunda parte da citação refere-se a fábricas de São Luís – o jornal e o articulista eram da capital – mas a construção do discurso aponta para uma unidade nessas práticas administrativas, manobras financeiras que maquiavam as contas das empresas, mas que não sanavam, ao contrário, aprofundavam, seus reais problemas financeiros.

caxiense foi também a primeira a sucumbir, antes mesmo de findar-se o século XIX. A Companhia Industrial Caxiense passou por uma grave crise, que terminaria por leva-la a leilão. Conforme registra o *Jornal de Caxias* de 08 de abril de 1896:

MANUFACTORA CAXIENSE

Funcionou no dia 31 do mês próximo findo com numero legal de accionistas a asembléa geral dessa companhia sob a presidência do exm. sr. Gustavo Collaço Fernandes Veras, e a vista das condições precárias da empresa, conforme a exposição feita pela respectiva Directoria, ficou esta autorisada a emitir debentures de diversos valores, até 200 contos de réis, medida estaque foi proposta pelo diretor gerente sr. tenente-coronel Antonio Bernardo Pinto Sobrinho.

Foi igualmente aprovada uma indicação do accionista capitão João Satyro Corrêa de Carvalho no sentido de recorrer aos accionistas que integralizaram suas acções a fim de aceitarem uma emissão correspondente a 30% do valor das acções que possuem. (...)

Se, porém, qualquer desses meios falhar como está acontecendo com o recebimento das prestações atrasadas, fácil é prever o destino lastimável desta empreza, que aliás prometia optimos resultados.

De todas as sociedades anonymas organizadas nesta cidade é esta a mais numerosa, ascendendo a perto de mil o numero de seus accionistas.

Há grande quantidade de possuidores de uma, duas ou três acções.

Isto quer dizer que muito do dinheiro ali empregado representa economias amassadas com o suor e as privações de pessoas pobres, que se perderem aquilo perdem todas as suas esperanças.

Diz-se que há o plano de entregar a fabrica ao Banco da Republica pelos 250 contos que a companhia lhe deve, organizando-se depois um sindicato para comprar tudo muito comodamente⁵⁶.

Nos dez dias seguintes o jornal lança esta notícia:

Em reunião de 14 accionistas da Industrial Agrícola Caxiense, representando 195 acções, ficou resolvido, a 21 do passado, a liquidação e liquidação desta companhia, visto faltarem-lhe recursos para preencher os fins a que era destinada.

⁵⁶ Jornal de Caxias, 08 de abril de 1896, p 01.

Está encarregada da liquidação uma comissão composta dos srs. coronel Segismundo A. de Moura, tenente-coronel José Castello Branco da Cruz e J. Ferreira Guimarães.

São pois quatro empresas que desaparecem d'entre nós: A Limitada, a Usina, a Industrial, a Agrícola e a Aliança Agrícola (sic), sendo que esta última ficou dissolvida por si mesma, e todas ellas destinavam-se a desenvolver a lavoura deste município, não tendo nenhuma delas atingido seus fins, por falta de recursos.

É de lastimar taes resultados!

Nem todos os investidores dessas empresas eram homens de grande fortuna; alguns eram pobres e outros – como o Dias Carneiros – possuíam patrimônio considerável, mas não vultoso. Alguns investiram todos os seus recursos e economias no sonho capitalista e vendo tudo se desmanchar no ar como poeira dissipada pelos ventos do mercado, do câmbio, dos impostos, da inépcia administrativa. O sonho de uma *Manchester maranhense* sendo posto a leilão junto com a fábrica que falia – tudo miragem, tudo ficção. Os problemas sociais da cidade – como o analfabetismo⁵⁷ – se agravavam; a falência das empresas provocava desemprego, desespero, vergonha. A cada fábrica que fechava as portas era o próprio ser da cidade que se despedaçava – era a narrativa da história da cidade sendo desmontada na inexorabilidade e inapreensibilidade do acontecimento. Mas uma vez o ciclo infernal euforia/decadência, ascensão capturava a economia e sociedade caxienses.

O enunciado que atravessa os discursos em torno da decadência econômica de Caxias é a imagem de uma prosperidade passada – seja no século XVII (para a Caxias da primeira metade do XIX), seja o período anterior à Balaiada (para a Caxias do início da segunda metade do XIX), seja a *belle époque*, para a Caxias da segunda década do século XX. No entanto, essa imagem é uma invenção discursiva sempre posterior ao período para o qual ela aponta. Excetuando-se a própria *belle époque*, em que o discurso utópico-progressista ganhou tanta força a ponto de produzir ações concretas tão ousadas e esperançosas como a instalação de um parque fabril, verdadeiro ensaio de revolução

⁵⁷ Esta não era, decerto, uma preocupação da elite do momento, mas já apareciam na imprensa denúncias contra as deficiências na educação local, o que leva a crer que o problema era tão grave que chegava a atingir mesmo a parte menos rica da elite, que não podia enviar seus filhos para estudar fora. Cf. Artigo de Clovis do Amaral em *A Renascença*, 12 de maio de 1914, sem numeração de página

burguesa, no sertão maranhense, as práticas discursivas que circulavam na cidade tendiam a destacar a prosperidade/*opulência* do passado em contraste com as crises atuais.

Caxias era feliz!

Tinha no passado honroso título da pristina nobreza de seus sentimentos e guardava no porvir umas purpurinas alvoradas, umas brilhantes scintilações de fogueira e dulcíssima esperança.

Tranquila e ditosa vivia no modesto cantinho que a Providência lhe traçara.

Nem uma nuvem lhe embuçava os raios esplendidos do progresso. Nem uma tenue sombra do formoso iris da sua admirável união.

Com o raiar sublime da aurora do progresso, fugiram esbaforidas as densas e negras sombras das “Aldeias Altas!”.

Louca de entusiasmo e amor sorria ufana a velha capital, enquanto as suas irmãs, saudavam Caxias com o justo e merecido título de “Princesa do Sertão”⁵⁸.

Nesse sentido é que se pode entender que o discurso da decadência tomava a forma de um progresso de *revestrés*, ao contrário, invertido. Não ainda na forma do ufanismo cultural que se formará no futuro daqueles presentes, mas como uma espécie de *mito de origem, era de ouro* da riqueza, do orgulho e da prosperidade. O diagnóstico da crise econômica de Caxias, no contexto da seca de 1915 e da Grande Guerra, teria produzido a descarga de descrença e ressentimento que insemnariam a necessidade de invenção de uma nova forma de dizer a cidade e de fazer a cidade. Daí que, a partir da década de 1910 o discurso utópico-progressista começa a se desmanchar, iniciando um processo cultural que levaria nos anos 1940 – como se verificará no Episódio II – à montagem de uma nova imagem de Caxias dita como *terra dos poetas*, não mais como *Manchester maranhense*.

⁵⁸ A Semana, Anno I, n 08, 19 de abril de 1908, p 01.

2.4.2 A peregrinação dos famintos

Setembro já se acabara, com seu rude calor e sua aflita miséria; e outubro chegou, com São Francisco e sua procissão sem fim, composta quase toda de retirantes, que arrastavam as pernas descarnadas, os ventres imensos, os farrapos imundos, atrás do pátio rico do bispo, e da longa teoria de frades a entoarem em belas vozes a canção em louvor do santo: Cheio de amor, cheio de amor! as chagas trazes do Redentor! E no andor, hirto, com as mãos laivadas de roxo, os pés chagados aparecendo sob o burel, São Francisco passeou por toda a cidade, com os olhos de louça fitos no céu, sem parecer cuidar da infinita miséria que o cercava e implorava sua graça, sem nem ao menos ensaiar um gesto de bênção, porque suas mãos, onde os pregos de Nosso Senhor deixaram a marca, ocupavam-se em segurar um crucifixo preto e um grande ramo de rosas. E novembro entrou, mais seco e mais miserável, afiando mais fina, talvez por ser o mês de finados, a imensa foice da morte⁵⁹.

A despeito do ciclo histórico de pequenas ascensões provocadas, por conjunturas externas e intercaladas por períodos de crise que caracterizavam a história econômica da cidade, o ano de 1915 não foi difícil apenas para a economia caxiense. O trecho citado acima é da obra *O Quinze*, de Raquel de Queirós – estetização literária do Ceará, de onde partiam levas e levas de flagelados que, embora tenha sido publicado somente quinze anos depois, no ano de 1930, expressa a dramaticidade da situação econômica do Brasil naquele período. Estava-se em meio à seca de 1915, cuja captura imagético-discursiva tornou-se um dos principais componentes do discurso dos intelectuais elitistas que se empenharam no que D. M. de Albuquerque Júnior chamou de invenção do Nordeste⁶⁰. Os operadores da escrita do *Bello Horizonte* não estavam ignorantes nem indiferentes àquele fato que, àquela altura, já tinha sido erigido a problema nacional. A fuga das vítimas da Seca mobilizou a escrita de um artigo sem assinatura, intitulado *Página Íntima* e dedicado “ao inteligente e esperançoso jovem Dicto Pires”, editor da publicação, que aborda o problema da grande seca e exorta os jovens militantes da imprensa local a tratarem dela:

Quando achávamos impressionado pela scena lutuosa dos cortejos da sêcca, implorando a Caridade, esse bálsamo divino, em prol dos

⁵⁹, QUEIROZ, Raquel. O quinze. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p 61.

⁶⁰ ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 5º Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

infelizes que vagueiam sem destino pelas estradas, aos rigores do sol abraçador, sem alento, sem forças, com a prole ao lado, esfarrapada, em procura de refrigério, constrangeu-nos o coração (...)

Fazemos o apêllo ao novo orgam o “Bello Horizonte” que em suas páginas perfumadas de literatura brilhante que não deixará a margem da soleira um brado em prol dos que padecem a dor da necessidade, implorando a Caridade christã, o mais sublime dos sentimentos da vida humana, que será a maior glória para vossa empresa, a qual será coroada de bençams da sociedade caxiense⁶¹.

Como se pode compreender, num contexto de fragilidade econômica geral, em que os “lutuozos cortejos” de *flagelados* atravessava o Norte do país, do Ceará aos seringais da Amazônia, em que procissões imensas iam às ruas implorar por chuvas, em que centenas de pessoas morriam de fome diariamente – como se pode entender nesse contexto a militância encarniçada de B. Pires e R. Ribeiro contra a busca aviltante pelo simples “sustento do corpo”? Parece uma atitude insensível e irrefletida, até mesmo indigna de homens cristãos – uma preocupação tão forte com “o cultivo das letras” quando a ausência de chuvas vinha impossibilitando o próprio cultivo da terra e a sobrevivência das pessoas.

Nas próprias páginas do *Bello Horizonte*, um articulista que assinava pelo pseudônimo Semog Sopmac (anagrama de Campos Gomes) faz propaganda das ações beneficentes da *Harmonia Caxiense*, sociedade maçônica local, expondo o seguinte relato:

De certo tempo para cá, tem entrado nesta cidade multidões de famílias pobres, entre as quaes crianças que chegam com os pés inchados de caminhar leguas e leguas. Os pobres retirantes sem terem animo algum para a manutenção de seus filhos procuram angariar obulos da humanidade publica. Para não passarem a grande necessidade⁶².

Como advogar contra as necessidades materiais da vida diante de um quadro tão flagrante de urgência? Que linha de desejo tão forte era aquela que se impôs àqueles praticantes da escrita e orientou suas performances discursivas, ao mesmo tempo críticas do “materialismo” da sociedade caxiense e propositora de um aprimoramento

⁶¹ *Bello Horizonte*. 22. de setembro de 1915, p 02 - 03

⁶² *Bello Horizonte*. 22. de setembro de 1915, p 02 - 03

espiritual da mesma? Os idealizadores de *Bello Horizonte* erigem uma autoimagem de engajamento na construção de um discurso que interpelasse a cidade no sentido da cultura em vez do da indústria – muito embora, sabendo-se que a leitura/escrita eram atividades tipicamente da elite, saiba-se que não é a universalização da educação o que esses performadores de discurso visavam.

Deleuze afirma que o contexto histórico – segundo a metodologia de pesquisa arqueológica de Michel Foucault – nada tem a acrescentar para a organização dos significados do passado. A partir de cada formação discursiva o contexto assume uma nova significação⁶³: Assim, tanto o contexto da I Guerra Mundial – até então chamada apenas de Grande Guerra – quanto o advento da seca de 1915 e seu agigantamento nas práticas discursivas de então, inclusive as imagens desconfortáveis, chocantes, das levas de flagelados famintos, feridos e exaustos, carregando crianças famintas, feridas e exaustas, cruzando a cidade de Caxias, não poderiam produzir por si mesmas o conteúdo das práticas discursivas dos sujeitos: ao contrário, eram os acontecimentos que retrocediam em seu sentido de acordo com a prática discursiva adotada, com o posicionamento subjetivo dos operadores da escrita: a situação de crise podia ser tomada a partir de um viés nem econômico nem político, mas cultural, capaz promover uma reação no âmbito da cultura. Ao pugnar o aperfeiçoamento espiritual/cultural da cidade como resposta aos “tempos de crise”, de certa forma, o discurso faz ressaltar uma crença na educação e na contemplação artística como soluções aos problemas concretos.

2.4.3 Entre poetas e analfabetos

O desejo é o conjunto: não se deseja o isolado, não se deseja um (01) objeto – deseja-se toda uma teia de associações e conexões⁶⁴. A Modernidade, como linha dominante de desejo na cultura ocidental a partir do século XIX, não se caracteriza apenas pela industrialização e/ou pela cultura de consumo – há também um conjunto de

⁶³ DELEUZE, Gilles. Foucault. Tradução de Cláudia Sant’Ana Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005, p 23.

⁶⁴ Cf. D de Desejo, Abecedário de Deleuze: transcrição integral do vídeo para fins exclusivamente didáticos. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf> > Acesso em: 10.06.2015.

outros elementos que estão a ela associados, lhe integram, e que devem ser pensados em sua constituição: higienização dos espaços, disciplinamento dos corpos, ordenamento das relações interpessoais mediadas por um aparato jurídico, constituição de formações discursivas racionais que se apropriariam do *saber*⁶⁵ etc. Nesse conjunto, a construção da primazia da escrita sobre a oralidade tem um papel fundamental⁶⁶ – ela produz um regime de dizibilidade, uma *espisteme*, um *poder de fala* que situa “o verdadeiro” no domínio das práticas discursivas das elites letradas.

Durante a Idade Média e na primeira metade do período que Foucault denominou como Idade Clássica (final do séc. XVII a início do XIX), a escrita era, segundo Chartier, uma atividade de ofício, uma atividade de artesão, controlada pelas mesmas regras de corporação que geriam as demais atividades artesanais. Havia, portanto, um comércio da escrita (como grafia, não como autoria de textos) e a figura de um profissional especialista responsável por este produto – o calígrafo. O advento da Modernidade implicou em uma desqualificação social da oralidade em relação à escrita, como estratégia de diferenciação das classes superiores e letradas em detrimento das inferiores e iletradas⁶⁷. Com o tempo, a primazia da escrita significou a formação de novos lugares de enunciação, portanto, de diálogos e embates – e a escrita tornou-se “uma linguagem da era moderna, difundida massivamente”⁶⁸.

Conformou-se a necessidade de alfabetizar a sociedade, de difundir a escrita – não mais como a *arte da escrita*, a arte do calígrafo, mas agora como uma operação de comunicação indissociável da experiência moderna: o desenvolvimento urbano, a vida na cidade, o ritmo de produção e consumo, as relações cada vez mais disciplinadas pelo ordenamento jurídico, tornaram a habilidade de ler e escrever intrínseca e indicadora da Modernidade. O articulista Clovis do Amaral, em texto publicado em 12 de maio de

⁶⁵ Cf. RAGO, Margareth. (1993) As marcas da pantera: Foucault para historiadores. Resgate, Campinas, nº 5, Centro de Memória da UNICAMP.

⁶⁶ Cf. BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna: Europa 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 331-342.

⁶⁷ Cf. BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna: Europa 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 331-342.

⁶⁸ VIDAL, Diana Gonçalves & GVIRTZ, Silvina. O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar. In: Revista Brasileira de Educação, nº 8, Mai/Jun/Jul/Ago 1998 (p. 13 – 30) p. 13.

1914 no jornal *Renascença* assim se posiciona em relação aos problemas educacionais de Caxias:

Caxienses, [será] possível que em pleno século XX, época do progresso e da civilização, nós filhos deste pedaço sublime de Brasil, nós irmãos de Gonçalves Dias, Coêlho Netto, Dias Carneiro e tantos outros, deixemos a ilustração esse facho belíssimo, que como diz Martinz: “é para um povo o que o sangue é para o organismo”, morrer assim tristemente, miseravelmente⁶⁹.

Segundo a crônica da *História da Educação de Caxias*, de Jacques Inandy Medeiros, entre 1884 e 1903, Caxias contava com três escolas que, no fim desse intervalo, foram “suprimidas”, sendo substituídas por um “externato” e somente em 1918 surgiram os “grupos escolares” de ensino misto - os quais também foram abortados. Infere-se que em 1914 não havia ensino público em Caxias: a população estava imerso num alfabetismo ofensivo para os jovens letrados da cidade, altamente influenciados pela formação discursiva do racionalismo iluminista, canalizado do positivismo brasileiro, do qual o caxiense Raimundo Teixeira Mendes⁷⁰ foi um dos maiores representantes. Daí que o argumento do articulista recai diretamente sobre a legitimidade da República brasileira, considerando uma contradição de termos o fato de o país ser republicano, seu governo ser eleito pelo sufrágio, mas a maioria da sua população estar excluída deste processo pelo analfabetismo. Além disso, o articulista responsabiliza a falta de educação pelos problemas de segurança pública e pela falta de trabalho qualificado. Sua crítica se baseia no discurso patriótico, mas já carrega em si o germen do descrédito da modernidade caxiense – um afastamento do otimismo utópico-progressista⁷¹.

A partir de um conjunto de argumentos políticos, Clovis do Amaral tece em 12 maio de 1914 críticas semelhantes as que serão tecidas em 1915 no jornal *Bello*

⁶⁹ *Renascença*. 12 de maio de 1914, p 03

⁷⁰ Raimundo Teixeira Mendes nasceu em Caxias em 1855 e faleceu no Rio de Janeiro em 1927. Juntamente com Miguel Lemos foi fundador da Religião da Humanidade e da Igreja Positivista no Brasil. Fez de sua carreira política um apostolado em favor da doutrina comteana, militando desde a década de 1880 em favor da abolição da escravidão e do republicanismo. Foi um dos idealizadores da bandeira nacional republicana, sendo atribuída a ele a síntese em dístico “*Ordem e Progresso*” do lema programático do positivismo de Comte.

⁷¹ *A Renascença*. 1914, sem numeração de página.

Horizonte dentro de um conjunto de enunciações esteticistas. Mas também para este precursor, a cidade de Caxias não estava trilhando efetivamente o caminho do progresso: sua industrialização, longe de significar “progresso” e “civilização” estava emersa num universo de barbárie e contradição, onde o medo, a desconfiança, a injustiça e a hipocrisia prevaricavam:

E como não a temos [a instrução] e nem esperança de tela (sic) um dia continuarão atiradas no grande abysmo do nada, aquellas crianças mui pobres que ja prestes a serem devoradas, gritam mi fortemente até o dia em que exaustas adormecerão, enfim, a beira de tão horrivel precipicio e só acordarão quando estiverem em face do Tribunal recebendo punição pelo crime de roubo, de assassinato, e ainda que para maior horror, muitas vezes de prostituição, commetidos quando dormiam naquele mundo de miseria e perversidade, sobre pesadelos horriveis do alccol.

Ahi então o povo, esse mesmo que hoje assiste de braços cruzados ao desmoronamento vergonhoso da instrucção, exaspera-se e chega mesmo a chamal-os (sic) de deshumanos (sic), de perfidos e conclue sempre apontando-os como nocivos a sociedade não se lembrando porem que esses infelizes foram victimas do desprezo⁷².

O discurso de Clovis do Amaral contrasta significativamente com o de Rodolfo Ribeiro dois anos depois no jornal *O Astro*, jornal dedicado “aos primeiros ensaios” dos novos escritores caxienses. No texto intitulado *De Raspão*, o praticante da escrita faz uma defesa do que chamou de “o ideal”, em termos muito semelhantes aos que seu companheiro Benedicto Pires tinha feito meses antes no *Bello Horizonte*. Em sua performance discursiva, ele põe de lado “família, Estado, direito, arte, philosophia” e dedica-se a investigar “cientificamente”, embora pendendo “por tendência natural” de seu caráter para a arte, a importância do “ideal” em uma sociedade⁷³. Nesse texto de 1916, retornam os lugares comuns daquele de 1915 – a supremacia dos valores espirituais/estéticos em relações à materialidade vulgar (as “coisas espirituais e finas” das quais fala Benjamin em oposição às “materiais e brutas”).

Trata-se de um ataque à cidade por sua insensibilidade e pela maneira desrespeitosa com que alguns tratavam os sonhos da juventude ou “aspirações dos

⁷² *A Renascença*, 12 de maio de 1914 sem numeração de página.

⁷³ *O Astro*. 30 de setembro de 1917, sem numeração de página.

moços”⁷⁴. Embrutecimento provocado pela ganância: a cidade estava sucumbindo à sua própria surdez – era necessário tornar-se dócil à voz dos sonhadores, era preciso dar vazão aos sentimentos nobres, era preciso buscar o saber, a erudição, a contemplação, a produção da arte e da reflexão filosófica. O articulista tentava ainda rasgar o guarda-sol do discurso utópico-progressista, mas projetando em seu lugar alguma outra utopia: a utopia dos poetas. Ignorando, entretanto, o que Clovis do Amaral tinha apontado de forma tão pessimista dois anos antes: o fato de a cidade ser formada por uma massa analfabeta “incapaz de pensar e decidir”⁷⁵.

No entanto, nas entranhas desses discursos superficialmente divergentes, há elementos articuladores comuns que podem reduzi-los um mesmo tipo de enunciado. O nome do jornal *A Renascença* é, em si mesmo, indicador de um projeto – um projeto renascentista cultural, a ideia de um retorno às origens, a ideia da busca de um ideal abandonado ou perdido, que muito se parece com a proposta de Rodolfo Ribeiro em *O Astro*, cujo título, por sua vez, retoma a metáfora espacial de *Bello Horizonte*: a distância, o deslumbramento provocado pela visão de uma beleza inalcançável que, não obstante, orienta em uma longa jornada. Em meados da década de 1910, os praticantes da escrita em Caxias, esforçando-se para produzir sentidos (como significado e como direção) para sua cidade viam-se labutando entre a riqueza e a decadência, entre literatos e analfabetos, entre o retorno e o seguimento – o clima ambíguo de um crepúsculo cinzento, o momento estranho em que uma formação discursiva começa a se desmanchar e nenhuma outra existe ainda para preencher o seu vazio.

Embrenha-se a penumbra do espaço ambíguo da desintegração: a *belle époque* estava se desintegrando catastroficamente na Europa – com a I Grande Guerra – e os efeitos culturais do declínio daquela *era de ouro* se faziam sentir em todo o Ocidente. Em Caxias, o discurso utópico-progressista se consolidou na cultura local a partir do *boom* industrial no final da década de 1880 – mas já na entrada do novo século essa aceleração da economia dava sinais de cansaço e as fábricas tinham que lidar com sucessivas crises financeiras internas. Um capitalismo periférico, uma burguesia

⁷⁴ *O Astro*. 30 de setembro de 1917, sem numeração de página.

⁷⁵ *A Renascença* 1914, sem numeração de página.

incipiente, uma realidade feita mais de signos que de fatos: o processo histórico/econômico exerceu seu peso sobre a realidade. Pouco a pouco, a imagem de Caxias como “Manchester maranhense” perdia o seu sentido – e, com ela, toda uma arquitetura identitária à qual era inerente uma concepção de tempo teleológica: o tempo do progresso.

Uma vez que esta formação discursiva se desmanchava, urgia a necessidade de se inventar uma nova identidade que recobrisse discursivamente a cidade e voltasse a dar a ela um sentido e lhe devolvesse o seu *lugar no tempo*. No futuro daquele passado estava a virtualidade da “terra dos poetas”: uma nova formação discursiva que, retomando antigos símbolos, sustentaria a identidade local e produziria na cultura uma nova temporalidade – o tempo-cristal, o tempo elíptico da tradição, em que presente e passado se espelhariam mútua e continuamente. Mas, no intervalo entre a dissolução da formação discursiva da *belle époque* e a constituição da formação discursiva do tempo cristalizado da *terra dos poetas* instaura-se um período de dispersão: um momento em que o discurso de identidade local está desinvestindo do signo de polo industrial mas ainda não definiu novos investimentos: *já não sou o que era e ainda não sou o que estou me tornando* – uma temporalidade intervalar⁷⁶, uma subjetividade na fronteira.

O crepúsculo do progresso abriu as portas para a noite da identidade. Como investigar o formigamento do começo de uma identidade quando esta ainda nem está sendo pronunciada? Por meio de um exercício de auscultação, de escutar as vozes que se escondem no silêncio? Tateando cegamente no escuro como os amantes em seu corpo-a-corpo de que fala Michel De Certeau⁷⁷ – como dançarino⁷⁸ que dança o pulso da música no som, mas também na pausa – proponho escarafunchar o discurso ausente, o silêncio dos tecedores de falas locais sobre o “ser” da cidade de Caxias, sobre quem/o que ela é e sobre o que faz com que ela seja quem/o que ela é. Pode-se atinar, a partir da atuação escriturística dos intelectuais elitistas locais de Caxias, nas duas primeiras décadas do XX, um alargamento do espaço da experiência: seus olhos, suas

⁷⁶ Cf. BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

⁷⁷ CERTEAU, Michel De. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 171.

⁷⁸ Cf. LINS, Daniel. O último copo: álcool. literatura, filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

preocupações tornam-se macro, voltam-se para o Brasil, o que não deixa de implicar uma vertigem, uma saudade, uma fantasmagoria de identidade que lhes atormenta e que vai desembocar no final da década de 1930 nos primeiros esforços em constituir Caxias como a “terra dos poetas”.

3 EPISÓDIO II – 1920: MODELAGENS DO TEMPO NO CONTEXTO DA ASCENSÃO DE VERSÕES MODERNISTAS DO BRASIL

Neste episódio, aborda-se o momento do intervalo: o discurso da Manchester Maranhense permanece ativo, embora em processo de desagregação decorrente das crises porque passava o setor, mas o discurso da terra dos poetas ainda não havia sido sedimentado – havia apenas fragmentos de sensibilidades e determinadas imagens no acervo cultural local, os quais seriam posteriormente bricolados em *speech genres* na montagem do discurso identitário que haveria de emergir. No momento narrado, o passado ainda não é tomado como horizonte, mas igualmente o futuro – nas performances discursivas analisadas – deixa de ser. Aos poucos o passado vai sendo apropriado – sob a influência do modelo narrativo decadentista – e são sedimentados os materiais sígnicos que seriam mobilizados para dizer Caxias como “terra dos poetas” nos anos subsequentes.

3.1 Formas do passado: tempestades de signos no maranhão da decadência

A formação discursiva que nomeia Caxias como terra dos poetas, ao configurar-se como estratégia de evasão do tempo, é um esquema narrativo no qual o passado *diz* a cidade. As performances discursivas aqui operadas se situam num momento em que essa organização de sentidos ainda não estava em funcionamento – o passado era como uma joia herdada e usada como adorno do presente, ele não era modelador do presente nem era a chave do arranjo a partir da qual o presente da cidade deveria ser lido. Ingresse-se na década de 1920 num ano simbólico: 1923 – em que se completavam cem anos da adesão do Maranhão à independência:

Honrado com a confiança de S. Exc. o Sr. Coronel Juveliano de Sousa Barreto, digno Secretário do Interior, tive a incumbência de organizar e fazer imprimir em livro-álbum do Estado do Maranhão, destinado a propaganda commercial e que ao mesmo tempo celebrasse a data do

primeiro centenário da adesão do Maranhão a causa da Independência do Brasil⁷⁹.

Assim inicia o Dr. A. Cavalcanti Ramalho, intelectual e político de São Luis, inicia o “Prólogo” do Álbum do Estado do Maranhão, uma publicação propagandística idealizada e financiada pelo governo Godofredo Viana em 1823. A proposta do documento era a apresentação das qualidades do Estado do Maranhão ao restante do país e a países do exterior: “suas riquezas, seus recursos inextinguíveis, seu progresso, seu rápido caminhar pela senda da civilização, seu modo de viver, seu clima, suas leis, suas garantias”⁸⁰. O projeto foi composto de fotografias, textos e fac-símiles de anúncios comerciais dos mais diversos tipos de empresas do Estado, desenhando o retrato de um Maranhão próspero, belo, seguro e moderno.

A maioria das fotografias que o álbum continha era de logradouros públicos e privados da cidade de São Luís. Os textos iniciais são informes elogiosos sobre o Presidente da República, Arthur da Silva Bernardes; do Presidente e Vice-presidente do Estado do Maranhão, Godofredo Mendes Viana e Raul da Cunha Machado; do Lorde Cochraine – mercenário britânico que capturou São Luís em 28 de julho de 1823 a serviço do Império, concretizando a “adesão” do Maranhão à Independência – e uma narrativa sobre este dia “glorioso”.

Na seção “Municípios”, o álbum apresenta as principais cidades maranhenses do interior, naquele momento, em ordem alfabética às vezes equivocada. E, em consonância com a proposta propagandística do livro-álbum, cada uma dessas cidades é descrita com suas maiores qualidades e atrativos. O verbete sobre Caxias assim a representa:

Cidade situada a margem direita do Itapecurú, ligada às capitais dos estados do Piauí e Maranhão por estrada de ferro, cognominada Manchester do Maranhão, tal o seu grau de desenvolvimento na indústria de tecidos. (...) A indústria de tecidos mantém só em Caxias quatro fábricas que, não dão vencimento ao consumo do sertão do Estado e dos estados vizinhos. A cidade, bem esquadrejada, é dotada de iluminação eléctrica, água potável encanada, possui bellos

⁷⁹ Álbum do Estado Maranhão, 1923, página 01.

⁸⁰ Álbum do Estado Maranhão, 1923, página 01.

edifícios, templos catholicos, ruas e praças. É berço do grande poeta nacional Antônio Gonçalves Dias, o cantor dos “Tymbiras”, produção poética de vulto e assaz conhecida⁸¹.

Esta descrição é significativa, pois dá conta que, ainda em 1923, já na terceira década do séc. XX e 34 anos após a abertura da primeira fábrica de tecidos – à frente do processo a figura de Francisco Dias Carneiro – a imagem de Caxias que permanecia projetada em primeiro plano no estado ainda era a de Manchester Maranhense. Implica que a máquina do imaginário forjado no final do século XIX a respeito da cidade, apesar das diversas crises financeiras por que passou o setor industrial nos primeiros anos 1900, permanecia montada e ativa e ainda era passível de ser mobilizada por um discurso propagandístico de largo alcance.

A figura do poeta romântico Gonçalves Dias é retomada, mas assim como nos discursos jornalísticos da década de 1910 – e anteriores –, essa retomada se dá num sentido restrito e não sugere uma aproximação entre a honra de ter sido a cidade berço de um gênio da literatura e a ideia identitária de a cidade possuir em si mesma uma espécie de gênio literário peculiar. Gonçalves Dias (e, em outro fragmento do texto, Coelho Netto) aparece como o poeta da terra e Caxias como a terra *do* poeta, mas o alcance dessa representação na formulação dada pelo Álbum do Maranhão, em 1923, ainda não é tão abrangente que chegue a se configurar em discurso identitário, como se atenta na menção ao epíteto, cognome, “Manchester do Maranhão”. No mesmo ano de 1923, no jornal de alcance estadual *Folha do Povo*, o nome de Gonçalves Dias aparece associado à cidade de São Luís por um sofisticado jogo semântico que sinonimiza “Maranhão”/“Ilha do Maranhão”/São Luís – uma cadeia de aproximações que terminou por constituir a cidade de São Luis como a “terra de Gonçalves Dias”:

COISAS DO MARANHÃO

Um passageiro do “Itauba” que transitou pelo nosso porto no dia 20 do corrente enviou-nos as seguintes notas sobre a terra de Gonçalves Dias.

⁸¹ Álbum do Estado Maranhão, 1923, página 104.

Vindo do Maranhão, onde estive por algum tempo, ofereço ao publico cearense, por intermedio desse jornal, as minhas impressões sobre a decantada “Athenas Brasileira”.

Pela rapida descrição que faço da velha cidade da S. Luís, os leitores d’ “A Tribuna” terão uma aproximada ideia das tristes condições em que a deixaram as ultimas administrações do Grande Estado do Norte⁸².

Seguindo pelas mais de duas centenas de páginas do Álbum do Estado do Maranhão, encontra-se um texto em espanhol do Dr. Godofredo Mendes Viana, de período anterior ao seu mandato de Presidente do Estado, publicado no jornal argentino *La Nacion*, sediado em Buenos Ayres. O artigo intitulado *El Estado de Maranhão* faz um resumo histórico da formação do estado, desde as primeiras tentativas de colonização portuguesa, da experiência francesa, da revolta de Bequimão, da guerra pela Adesão à Independência e Balaiada, culminando com a adesão do Maranhão à República, em 18 de novembro de 1899. Seguindo um estilo positivista de escrita, Godofredo Viana passa a descrever a geografia física do estado, com informações sobre solo, águas, temperatura e, por fim, aborda as diversas atividades econômicas – agricultura, pecuária, indústria, comércio, comunicação etc. – e de urbanidade, civilidade e cultura, o que era fundamental para dar ao estado o estatuto de “moderno”. Nessa razoavelmente extensa descrição do Maranhão para os argentinos, Godofredo Viana apenas menciona a cidade de Caxias e suas indústrias têxteis – na seção dedicada à literatura, apenas nomes e movimentos ludovicoenses são lembrados. Pesa nesta descrição o lugar social de Godofredo Viana – evidentemente que se se tratasse da escrita de um caxiense, o feitio da literatura no estado ganharia outro formato – mas seu silêncio sobre a Caxias *literária* na fala do bacharel também pode ser lido como um sintoma de silêncio sobre essa *literaridade* de Caxias no ambiente intelectual do Maranhão, até o ano de 1923, sendo que toda a referência à cidade nesse sentido estava concentrada nas menções a Gonçalves Dias e – menos constantemente – a Coelho Netto.

Não foram encontradas informações sobre a data precisa da publicação do Álbum do Estado do Maranhão, mas o “Prólogo” escrito por seu organizador, Dr. A. Cavalcanti Ramalho, data de setembro de 1923, pelo que se deduz sua publicação em

⁸² Folha do Povo, 30 de julho de 1923, p 01

algum dos três meses finais daquele ano. Alguns meses antes, num jornal de circulação estadual, que viria a ser longo, mas que então estava em seu segundo número, por ocasião da efeméride do centenário da adesão do Maranhão à Independência – à qual o *Álbum* também alude, aparece a seguinte nota:

Conforme estava anunciado, partiu hoje, às 12 horas, em trem especial, grande parte da colônia caxiense aqui domiciliada, que vae assistir os imponentes festejos com que sua terra commemorará os seus grandes dias 1º e 10 de agosto. O nosso confrade Guilherme de Abreu, com quem palestramos antes da saída do comboio, disse-nos: além da edição de luxo do “Caxiense” que é toda em homenagem á Caxias, levamos também numerosas esmolas para serem distribuídas com os nossos irmãos desprotegidos da sorte alli residentes⁸³.

As comemorações referidas eram de organização dos estudantes caxienses, por meio de uma agremiação chamada Congresso Estudantal, e não do poder público, apesar do valor simbólico da data e da grande repercussão que a mesma obteve na imprensa e em outros nichos políticos e intelectuais do Brasil, como corroboram telegramas e cartas recebidas pelo jornal entre os dias 28 de julho e 02 de agosto, vindas de folhetins de outros estados e inclusive tendo havido uma sessão no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para se memorar a efeméride⁸⁴. Em que pese ainda o fato de existir uma diferenciação – uma particularização – da “independência de Caxias”, ou da “adesão de Caxias à independência”, em relação à “independência do Maranhão”, ou “adesão do Maranhão à independência”, haja vista o fato de, mesmo após a tomada de São Luís em 28 de julho, Fidié ter permanecido aquartelado em Caxias com os resistentes até o dia 1º de agosto, quando, enfim, capitulou.

Num contexto em que as manifestações cívicas públicas tinham tanta importância e em que a veneração das datas ditas importantes era tida, não só pelo senso comum, mas pelos intelectuais – predominantemente de orientação positivista – como o próprio sentido do conhecimento histórico, é de se chamar atenção a ausência de atos públicos de comemoração ao centenário da adesão na segunda cidade mais importante do estado. No mínimo, pode-se ler nesta ausência um sinal de que, neste momento,

⁸³ Folha do Povo, Maranhão, Ano I, n 02, 30 de julho de 1923, p 02

⁸⁴ Folha do Povo, Maranhão, Ano I, n 02, 30 de julho de 1923, p 03.

ainda não se tinha formado um enunciado não obstante a retórica laudatória comum no início do século XX não apenas em Caxias – provavelmente decorrente da formação discursiva do Positivismo e sua celebração do passado na doutrina da Religião da Humanidade. A edição de 02 de agosto de 1923 do jornal Folha do Povo assim descreve as manifestações ocorridas em Caxias, às quais acorreram os jovens da colônia caxiense em São Luís:

Caxias, 1 – Entre vibrações de entusiasmo o Congresso [Estudantal] iniciou as festas centenárias com uma passeata cívica às 24 horas de 31, sendo ouvidos debaixo de aclamações delirantes os discursos de Antonio Pires, Eneas Frazão, filho, Durval Mendes, Dr. Menezes Junior, Batista Ribeiro, Dr. Teixeira Junior, Nereu Bittencourt e Tupinambá dos Reis. Eneas Frazão, filho, numa peroração brilhante, incitando a mocidade para o estudo, disse que ella nada devia confiar ou esperar mais da acção dos govêrnos que lhes tem trancado as portas da instrucção, como se ella, a mocidade de Caxias, fosse entida dos que tem passado pela administração do estado⁸⁵.

Confirma essa impressão o extenso relato das atividades acontecidas em Caxias nos dias 1º e 2 de agosto que veio à luz no mesmo jornal no dia 03 de agosto de 1923. Descreve-se uma série de solenidades e manifestações públicas, regadas a discursos eloquentes e exortações de cunho nacionalista, cívico, patriótico, por parte dos “confrades” da agremiação Congresso Estudantal. Como informado na nota do dia 02 de agosto, esses jovens iniciaram suas atividades já às 0h do dia 1º de agosto com um desfile e muitos discursos. Ao amanhecer, “no cimo do Morro do Alecrim”, foi celebrada pelo Pe. Arias Cruz uma missa, durante a qual foi fixada, após “eloquente sermão”, “a cruz que serviu ao juramento ha cem annos atrás”⁸⁶ – e “um velho canhão da Independência salvava, de quando em vez, a cidade”. Mais tarde, foi realizada uma sessão comemorativa do Congresso Estadantal e muitos de seus membros discursaram.

⁸⁵ Fola do Povo, Ano I, n 05, 02 de agosto de 1923, p 02

⁸⁶ Folha do Povo, Ano I, n 06, 03 de agosto de 1923, p 02



Imagem: A fotografia, pertencente ao acervo digital da Associação dos Amigos da Velha Guarda Caxiense, não é datada, mas registra a mesma cruz erigida no Morro do Alecrim como memória ao centenário da adesão de Caxias à Independência, conforme relato transmitido no jornal *Folha do Povo*, de 03 de agosto de 1923. Atualmente, o morro é urbanizado, o morro foi ocupado, além das casas, pelo prédio do Centro de Estudos Superiores de Caxias/Universidade Estadual do Maranhão – CESC/UEMA e no lugar exato em que ficava o monumento foi construído o Memorial da Balaiada.

No dia 02, segundo o mesmo relato, aconteceu sessão solene na Câmara Municipal, à qual compareceu uma centenária. O Congresso Estudantil inaugurou uma biblioteca batizada em homenagem a Teixeira Mendes – o positivista caxiense que formulou o lema “Ordem e Progresso” da bandeira nacional – e fizeram novo desfile, ao som da banda de música Reação, durante cujo cortejo outros estudantes iam-se unindo – concluindo o evento, uma nova sequência de discursos teve lugar no Morro do Alecrim. À noite, um que não era estudante, mas aparece ligado aos membros da agremiação, o Dr. J. Teixeira Junior – que, embora jovem, era proprietário do *Jornal do Commercio* – ainda discursou sobre “o centenário de Caxias” num evento organizado pela Loja Maçônica local. O arremate da narrativa recai mais uma vez em crítica – desta vez ao município, por sua inércia relativa à data:

Até agora as únicas festas animadas em comemoração ao centenário tem sido as da mocidade do “Congresso Estudantal” que o Sr. Eleasar Campos retirou da comissão central. Mostrando o seu devotamento às cousas nacionaes os jovens caxienses tem feito a cidade vibrar e se

não fosse isso as festas seriam desanimadíssimas. (...) O prefeito municipal, Sr. Francisco Vilanova deixou que a cidade ficasse imunda, sem iluminação, pelo que tem sido muito censurado.

Esses relatos, situados num momento-chave de retomada da memoração e narração do passado – o centenário da adesão de Caxias à Independência no ano imediatamente posterior ao centenário da Independência – fazem emergir em sua narrativa uma juventude que se investe subjetivamente num projeto de valorização do passado exercida por uma militância intelectual – que no aludido contexto não toma a forma literária da poesia, mas a da retórica.

O Congresso Estudantil era formado por jovens da elite local – isso é perceptível tanto pelos sobrenomes (Teixeira, Menezes, Frazão etc.), pelas suas relações com instituições como o clero, o parlamento municipal e a Maçonaria, como também pelo simples fato de possuírem elevada instrução, chegando a até a formarem uma colônia na capital, onde iam completar os estudos. Não há indicações documentais de que a movimentação desse grupo representasse um esforço de elaboração de discurso identitário, mas já se pode conceber a emergência de uma preocupação com a conformação do passado como acervo memorial/histórico da cidade – essa postura certamente recebia influência das agremiações intelectuais da capital que naquele período já tinham forte presença no imaginário cultural do estado, a Oficina dos Novos (então extinta) e a Academia Maranhense de Letras.

Assinala-se nesse processo que conjuga performances públicas de expressão corporal (caminhadas, desfiles etc.) e verbais (retórica, reverberada na imprensa) um trabalho de modelação do passado na cultura local – um trabalho artesanal de “formação”. Não se pode afirmar que havia ali uma intensão *racional*, programática, de fabricação de um discurso de evasão do tempo – eram, antes, signos dispersos de memoração, organização e significação do passado cuja apropriação pelo presente na tecelagem de um discurso significante acerca da cidade parecia necessária àquela geração.

⁸⁷ Folha do Povo, Ano I, n 06, 03 de agosto de 1923, p 02.

A única ação comemorativa empreendida pela prefeitura municipal e repercutida na imprensa naquele ano consistiu na construção de um monumento público tão estranho quanto interessante: o prefeito fez construir um “marco comemorativo do centenário”, cuja localização não é informada e que consistia numa urna de tijolos dentro da qual foram “encerrados” os “documentos históricos” de Caxias que foram julgados dignos de tal “lembrança”⁸⁸. Essa sobreposição literal dos signos e das funções do documento e do monumento num monumento-documento erigido no espaço público aponta para uma percepção de passado calcificado, imóvel, dado à apreciação e à homenagem – noção esta que, em termos performáticos, é diametralmente oposta àquela do grupo do Congresso Estudantil, que implicava numa atitude ativa em relação ao passado e na sua reiteração, narração e encenação no presente pelo dispositivo dos eventos coletivos “animados”⁸⁹ (a etimologia da palavra remete a “alma”, espírito), que produzissem um efeito de ascese.

Nesse sentido, a ação daquele grupo aparece dotada de uma estratégia ritual tal como descrita por Mircea Eliade em *O Mito do Eterno Retorno*⁹⁰: a narração do passado pelo iniciado (os doutores, o padre, os maçons) reitera o momento passado em que a ação criadora, o evento importante, foi encenada pela primeira vez e a torna presente, dando sentido e perenidade ao momento passageiro do presente. José Carlos Reis aponta nesse procedimento uma estratégia de evasão do tempo representada pela figura do ponto – a suspensão do tempo cotidiano (profano e falso) para a eclosão de um tempo verdadeiro que sempre retorna.

Importante destacar, para os objetivos deste trabalho, a ausência nos relatos colhidos de uma imagem (permissão para neologismo) parnasial de Caxias, não obstante a aura de pesada oratória que os circunda. Essa ausência é significativa, pois confirma que, apesar da constante referência ao ícone Gonçalves Dias – e eventualmente outros escritores, especialmente Coelho Netto, por ter alcançado fama nacional – e não obstante ainda o fato de a imagem de “berço” de grandes escritores já

⁸⁸ Folha do Povo, Ano I, n 07, 04 de agosto de 1923, p 02,

⁸⁹ “nada pode durar se não “animado” (dotado de uma alma)”. Cf. ELIADE, Mircea. O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição. Lisboa: Edições 70, 1969, p 35.

⁹⁰ ELIADE, Mircea. O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição. Lisboa: Edições 70, 1969.

existir nos *speech genres* locais, um discurso identitário que narrasse a cidade como “terra dos poetas” ainda não estava formulado nesse momento. Já se antevê uma sensibilidade local de diferenciação, a qual remonta ao discurso do “empório do sertão” e que foi mobilizada com êxito pelo discurso da Manchester Maranhense, mas que ainda não tinha sido modelada no formato de um discurso da terra dos poetas.

Avançando no tempo para o ano de 1928, no jornal de circulação local *A Escola* – “crítico, noticioso e de interesse a instrução”, órgão trimensal que alcançou certa longevidade – na edição de 08 de agosto daquele ano, tem-se o seguinte relato das comemorações alusivas ao 1º de agosto:

Transcorreu ruidosamente a data da Independencia de Caxias, e, as festas comemorativas desse dia agradaram, grandemente; o povo caxiense que lhe emprestou com a pujança sadia do seu entusiasmo acompanhado da melhor ordem e da mais perfeita harmonia a imponencia de que se revestiram todos os actos.

Promovidas essas festas por uma comissão de distinctos cavalheiros que gosam de real sympathia do povo caxiense, foram ellas realizadas sem o menor auxilio ou contribuição da parte do commercio e da Prefeitura Municipal desta cidade. Sendo de louvar, apenas a bôa vontade e dedicação dos que, com os seus serviços, gratuitamente, concorreram e facilitaram para sua justa effectivação.⁹¹

Acompanha-se em 1928 uma repetição do enredo de 1923 – iniciativas particulares em torno da manutenção de um acervo memorial histórico. O pouco envolvimento do poder público nesse intento pode ser explicado, por um lado, por querelas políticas locais, tendo em vista a segunda parte do relato acima:

Já é tempo mesmo dos caxienses abandonarern a intriga da politicalha, a ambição e a calumnia e ajudarem-se, unidos, reciprocamente, o grande e o pequeno, pois, so lhes falta a união e o desinteresse pessoal para seu reerguimiento completo⁹².

Mas também se admite considerar que a relutância do poder municipal em se envolver – ainda que de maneira modesta – nessas elaborações de documentos/monumentos de memória histórica decorresse da percepção do

⁹¹ *A Escola*, Ano I, n 27, 08 de agosto de 1928, p 05.

⁹² *Idem*

pequeno impacto político/simbólico desses feitos no contexto da cidade. Dobrando a década de 1920 a aproximando esses dois momentos, 1923/1928, surge um desenho que revela que, durante esta década, o signo do passado ufanado não tinha sido erigido à condição de discurso identitário – flagram-se determinados fios desse tecido em seu movimento de urdidura. No texto acima transcrito, ao exortar a cidade a deixar de lado as “intrigas da politicalha”, o articulista também lança a aposta de que, uma vez que os cidadãos deixassem de lado os interesses pessoais e as ambições e trabalhassem com desinteressada união, isso produziria o “reerguimento completo” da cidade. Ou seja, a forma como o discurso foi performado já traz em si uma narrativa mítica que engloba o passado (era de ouro), o presente (decadente) e o futuro no qual o passado pode ser reencontrado.

Se for certo que a orientação do Congresso Estudantal tinha influência das agremiações literário-intelectuais de São Luís – Oficina dos Novos e Academia Maranhense de Letras –, então, deve-se assumir que a *intelligentsia* local caxiense em formação também bebia na fonte do discurso decadentista que deu o tom da militância dos escritores do cenário ludovicense. O discurso decadentista fornecia um modelo narrativo à história maranhense: um passado de glórias inestimáveis, um presente vergonhosamente inferior, mas com potencial para reaver a glória perdida:

Não se tratava apenas de uma temática ou da influência da época, que se configurava estável tanto política quanto economicamente. Borralho coloca que, devido à manutenção do referencial ateniense, os Novos Atenienses deram combustível para que a historiografia consolidasse uma visão hierarquizante. Ao mesmo tempo em que exaltavam o passado e se colocavam como herdeiros dos atenienses, consideravam-se pertencentes à rica história intelectual maranhense. Para o autor em referência, o decadentismo nos Novos Atenienses não tem nada a ver com corrente estética literária ou estilo de época, mas com o próprio sentimento de pessimismo e decadência, uma vez que se voltavam para o passado com extremo saudosismo e exaltação, cultivando a esperança de resgatar o projeto ateniense e consolidá-lo. Trata-se de mais um discurso criado com base na representação da Atenas Brasileira. Esse discurso de um presente imensamente inferior ao passado e de pessoas potencialmente competentes para ressuscitar esse passado glorioso se perpetuou no imaginário coletivo maranhense e é ressignificado a todo momento, seja na literatura, na política ou na

economia. Trata-se de uma invenção análoga à do mito de que o Maranhão teria aptidão nata para as letras⁹³.

Esse decadentismo, pois, um afeto que recebeu diferentes elaborações por parte dos intelectuais diversos que se deixaram atravessar por sua afecção. Em Caxias, a narrativa decadentista foi decantada pelo acervo local de signos e apropriada num processo peculiar de significação que, conforme se defende nesta pesquisa, levaria à elaboração de uma estratégia de evasão do tempo articulada a partir do discurso identitário de Caxias como terra dos poetas, mas que nas décadas iniciais do século XX permanecia ainda em estado de virtualidade, convivendo com outras formulações e outras sensibilidades.

Por exemplo, a formulação do discurso da Manchester Maranhense, que ainda era forte na década de 1920, mas que se esvai nos artefatos discursivos de 1930, dando lugar a outras elaborações, ou ainda certa percepção do passado como *reliquia* que Le Goff – seguindo a trilha de Françoise Choay e citando Detienne – identifica como a noção de conhecimento do passado típica do “antiquário”:

Como Marcel Detienne disse: "À história événementielle do antiquário e do adeleiro que atravessam a mitologia com um gancho na mão, felizes por desencantarem aqui e ali um lampejo de arcaísmo ou a recordação fossilizada de algum acontecimento ‘real’ (...)"⁹⁴.

Um caso bastante ilustrativo dessa noção do passado como relíquia (condensado no objeto monumento/documento que fala por si) é apresentado no jornal *A Escola* numa matéria serializada em que se narra a venda “em duplicata” de um prelo que teria imprimido os primeiros poemas de Gonçalves Dias, e toda a celeuma que essa venda gerou. A narrativa completa do caso foi à luz nas páginas das edições de 31 de agosto, 09 de setembro e 16 de setembro de 1928 de *A Escola*.

Antonio Teixeira, editor do jornal que noticia o caso, comprara de certa senhora Julina de Mello Rocha um prelo que pertencera ao *Jornal de Caxias* – diário editado por

⁹³ CARDOSO, Patrícia Raquel Lobato Durans. Lobo x Nascimento na “Nova Atenas”: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República. 2013. 178 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís 2013

⁹⁴ LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1990 (Coleção Repertórios).

Luís José de Mello em tipografia própria que teve grande circulação no início do século. Conforme o relato de Antonio Teixeira, D. Julina lhe oferecera o equipamento afirmando que o mesmo era o prelo mais antigo chegado a Caxias e que tinha servido à impressão dos primeiros poemas de Gonçalves Dias. Ela ofereceu o objeto à venda para o governo do Estado e outras instituições, como a União Artística e Operária Caxiense, sem lograr êxito. Diante da proposta de compra por 50 contos de réis, pela União, a resposta da senhora, de acordo com o relato veiculado no jornal foi que preferia quebrar a vender por tal quantia, de modo que o editor de *A Escola* decidiu comprá-lo à quantia de 100 contos de réis. Acontece que D. Julina, depois de já ter recebido a quantia de 45 contos de réis de Antonio Teixeira, vendeu novamente o mesmo prelo a um Coronel C. Cantanhede pelo mesmo valor antes vendido a Teixeira. Uma nota no mesmo jornal, do dia 31 agosto de 1928, informa que chegara a Caxias o jornalista e secretário do Museu Nacional, Aurélio Brito, “a fim de adquirir o velho prelo do ‘Jornal de Caxias’, em que foram impressas as primeiras poesias de Gonçalves Dias”. A visita do representante do Museu Nacional era resultado de um contato de Antonio Teixeira com Antônio Carvalho Guimarães (caxiense bem posicionado na estrutura do Estado) antes de ter ele efetuado a compra do equipamento, à qual o amigo e “pistolão” respondeu nos seguintes termos:

Agradeço a gentileza de sua carta e a remessa de sua “Escola”. Meus parabens. Continue no louvavel proposito de engrandecer a nossa querida Caxias. Em relação ao prélo que pertenceu ao “Jornal de Caxias”, já providenciei. Vae para ahi o Dr. Aurelio Britto, ilustre jornalista que foi commissionedo pelo governo para resolver a aquisição desse prélo. Espero que o presado confrade ficará satisfeito com a solução que elle der ao caso. Como sabe fui eu o autor da idèa da aquisição do prélo e desejo que tudo seja feito a contento⁹⁵.

Interessante que o próprio Antonio Teixeira afirmava não ter necessidade do material de impressão, uma vez que a tiragem de seu jornal era pequena e ele já possuía equipamento que lhe supria a necessidade, de modo que o envolvimento na confusa compra se deu por certa *fetichização* do objeto devida ao seu “inestimável valor histórico” – a mesma postura pode ser detectada nos gestores público e representantes do Museu Nacional, que designam um comissão especial para cuidar do caso. No

⁹⁵ *A Escola*, Ano I, n 30, Caxias 09 de setembro de 1928, p 10.

entanto, conforme citação de uma carta da própria D. Julina Mello Rocha a um amigo em comum com Antonio Teixeira, a coisa toda não passou de uma fraude evidente que a senhora revelou por meio de outra narrativa inverídica:

Como ficou constatado no número passado desta folha, continuo a desvendar a verdade dos fatos [em] relação a esse prélo que se diz ser o primeiro que vei[o] para esta cidade e que imprimiu as primeiras poezias do saudoso poeta caxiense, Antonio Gonçalves Dias. Isto foi dito pela d. Julina Melo Rocha, a fim de achar um grande negocio para o mesmo prélo, agora depois de revendido vem ella expondo a verdade, dizendo em uma carta dirigida ao senhor Agripino Lobão, o seguinte trecho: o prélo que estão com ganna não é o que elles pensam, o que imprimiu as poezias de Gonçalves Dias, éra de madeira, o qual estava de negócio com o dr. Carvalho Guimarães, em vista não ter realisado, resolvi queimar, a fim de não deixar para ninguém.⁹⁶

Quando publicou os *Primeiros Cantos*, Gonçalves Dias era um poeta jovem e inédito, e conforme atesta o frontispício da primeira edição da obra, a tipografia que primeiro imprimiu poemas seus era de propriedade de Eduardo e Henrique Laemmert e se situava na Rua da Quitanda, nº 77, Rio de Janeiro, em 1846. Mas mesmo assim a versão de D. Julina impactava a sensibilidade de um intelectual como Antonio Teixeira, em fins da década de 1920, como se mira no comentário que o mesmo faz sobre o trecho citado acima:

Por ahi se vê como é os negocios dessa senhora, que para mim me disse que o actual prélo era de valor, histórico, como pode ser isso! porque a quasi meio seculo que o antigo prélo está descansando em paz no seio das águas do Itapecurú, ficando como lembrança as peças de madeira onde era colocado, e cujas peças d. Julina fez lenha. Está ahi em que resultou o antigo prélo. (...) Mas estou satisfeito, e ainda não esmoreci para viver, e a prova mais cabal de que o prélo já era de minha propriedade, ainda se acham em meu poder algumas das peças principaes do mesmo, que logo que recebi de d. Julina retirei para mandar concertar (...) e cujas peças enviarei para o Rio acompanhada de uma carta relatando as verdades dos fatos, onde direi de fonte segura, algo sobre o paradeiro do legitimo prélo que publicou as poesias de Gonçalves Dias⁹⁷.

Interrogando estes fragmentos sobre que elaboração de tempo está a eles subjacente, identifica-se uma noção de passado como relicário – no final da década de

⁹⁶ A Escola, Ano I, n 31, 16 de setembro de 1928, p 08.

⁹⁷ Idem.

1920 o passado de Caxias ainda não informava a ela o seu presente. No entanto, pode ser divisada também uma forte sensibilidade de veneração por este passado, um forte apego a ele como herança, como patrimônio, como posse e riqueza, como valor agregado á cidade e como signo de sua grandeza passada. Estes elementos fragmentários de um discurso identitário que tem no retorno mítico ao passado seu ritornelo e que vem a se configurar em estratégia de evasão do tempo concentrada no substrato discursivo “terra dos poetas” são perceptíveis mas dispersos e atravessados por outras sensibilidades.

Em toda a extensa narrativa de Antônio Teixeira, na qual o jornalista faz uso de várias artimanhas discursivas de tentativa de captura da simpatia do leitor e de produção de antipatia por sua adversária – D. Julina, a quem, sem usar a palavra, ele acusa de estelionato –, em nenhum momento mobiliza um signo identitário que recubra a cidade com a representação (performance) de terra dos poetas. O operador da escrita não viu nesse mote nenhum apelo ao senso ou à emoção do leitor, ele não era um *lugar comum*, um *speech genre*, não fazia parte da coleção de não-ditos da enunciação na cultura local. O valor e a importância histórica de Gonçalves Dias eram assinalados, mas esse valor não sofria transposição semântica para a própria identidade da cidade de que Caxias.

3.2 Coelho Netto e o elo perdido entre Caxias e a temporalidade do Modernismo

A década de 1920 no Brasil efervesceu com o acontecimento do movimento modernista, cujo marco principal foi a Semana de Arte Moderna de 1922. O que estava em jogo por trás de toda aquela movimentação de ideias, de todas aquelas propostas estéticas, aquela busca por referências, aquela reconfiguração do retrato do Brasil diante de si mesmo, era a afirmação de um projeto de identidade nacional que ainda não tinha sido definido.

O país se via distorcido no espelho quebrado de uma história escravagista e monárquica impossível de ser deglutida pelos referenciais positivistas da maioria de seus principais intelectuais até aquele momento – e somado a isso estava o aspecto *retrógrado* da Primeira República, de característica rural, patriarcal. Conservadora e

antimoderna, conforme os padrões europeus de civilização (industrialização, urbanidade, efervescência cultural).

Não obstante, a elaboração de uma identidade urgia erigir signos de especificidade: era preciso ser moderno sem ser europeu – havia uma necessidade premente de se pensar um conceito de modernidade que fosse tropical, que abarcasse características étnicas, históricas, linguísticas, estéticas emanadas da experiência de “formação” do Brasil. Era um movimento radical, no sentido de buscar “raízes”, as quais se pudessem ligar as alfombras de uma árvore moderna à qual o país se identificava, e essas noções (formação, raiz) estiveram presentes na orientação de alguns dos pensadores da nação que adviriam daquele momento, como confirmam os títulos de algumas de suas obras mais significativas: “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque; “Formação Econômica do Brasil”, de Celso Furtado; “Formação do Brasil Contemporâneo”, de Caio Prado Júnior, para citar alguns exemplos.

Já no final da década de 1910 e início da de 1920, os intelectuais e artistas alinhados com as correntes modernistas amarraram sua noção de identidade nacional ao signo bem-sucedido do *antropófago* e propuseram uma identidade nacional brasileira associada ao conceito simultaneamente étnico, estético e político da *antropofagia* – a um só tempo, essa metáfora representava as origens selvagens da nação brasileira, retomando de forma mais agressiva o indianismo da primeira geração de românticos do século XIX, e também fornecia uma imagem arquetípica para representar a diversidade de influências que a identidade brasileira precisava metabolizar, dando um sentido bastante literal ao verbo “deglutir” utilizado no início do parágrafo. Logo o Brasil podia ter uma identidade cultural e etnicamente mestiça, uma vez que ele devorava e digerira a seu próprio modo as influências externas,

Essa formulação implica numa dupla tensão do presente em relação à linha do tempo: a primeira é a atração exercida pelo passado antropofágico, selvagem, pré-colonial; a segunda é a atração exercida pelo futuro, imposta às sensibilidades daquele momento histórico pela própria noção de Modernidade, que se traduzia em progresso e civilização, aperfeiçoamento técnico e sofisticação cultural – era Macunaíma, nascido na mata, lançado no mundo urbano, tendo que aprender seus códigos, mas sem deixar de trapaceá-los.

Em Caxias, a atividade escriturística se exercia com intensidade pelos representantes da elite letrada pelo menos desde a década de 1840 – desde esse período, há registros de atividade jornalística constante nas plagas sertanejas e, mesmo anteriormente já há registros de uma imprensa mais dispersa e ocasional. Nas décadas iniciais do século XX, como se viu, há manifestações de escritores locais no sentido da valorização da escrita, da leitura e da formação cultural/intelectual da sociedade caxiense – não ignorando, por certo, o teor elitista de suas propostas.

Percorrendo as páginas que nos ficaram dos jornais caxienses da década de 1920, entretanto, enxerga-se que naquele momento pouco ou nada das discussões que repercutiam nos principais polos culturais do país se fez sentir na cidade. Em todas as edições conhecidas do *Jornal do Commercio* do ano de 1922⁹⁸, por exemplo, não se encontra nenhuma menção a qualquer debate ou escritor/artista modernista. Apesar de ser uma folha comercial, o hebdomadário, de propriedade do Dr. J. Teixeira Junior – o mesmo que apareceria discursando eloquentemente em 1923 nos eventos do Congresso Estudantal – um homem que apresenta atitudes de preocupação com o cultivo das letras. Prova disso, havia em seu veículo de comunicação espaço para a publicação de poemas e crônicas – eventualmente, aparecem poemas de artistas locais, ou de Teresina e São Luís, mas também textos de Coelho Netto, Ruy Barbosa e outros escritores. Além disso, Teixeira Junior chegou a exercer interinamente o cargo de prefeito de Caxias e no exercício de seu mandato inaugurou uma biblioteca pública, como atesta a primeira página da edição de 24 de março de 1920 do *Jornal do Commercio*⁹⁹.

O jornal *A Escola* (propriedade de outro membro da família Teixeira), que viria a lume no final da década de 1920, também não trazia em suas páginas nenhuma referência ao movimento modernista, nem nas letras nem em outras artes, mantendo como referenciais literários os mesmos nomes de Gonçalves Dias e Coelho Netto. Na prática, a linguagem dos poetas caxienses em atividade no período permanecia essencialmente romântica, em suas temáticas e imagética, e muito influenciada pelos

⁹⁸ *Jornal do Commercio*, Ano XVIII, números 31, 33, 48, 49, 52, 55, 56, 62, 63, 65 e 66, que cobrem os meses de abril, maio, agosto, setembro, outubro e dezembro.

⁹⁹ *Jornal do Commercio*, Ano XV, n 898, 24 de março de 1929, p 01.

padrões do parnasianismo, no que se referisse à forma: rebuscamento verbal, refinamento métrico, gosto pelas rimas, especialmente as ricas, compunham o aparato técnico dos literatos locais. A prosa tinha uma entonação retórica de prédica, de sermão, em conformidade com o volume de proposições até aqui catalogadas. A demonstração de erudição era importante: muitos textos jornalísticos faziam referência a clássicos da literatura e das *sciencias*. O ato de escrever estava revestido de certa solenidade e exigia demonstração de autoridade.

Talvez o fato de o movimento modernista ter sido sediado em São Paulo e não no Rio de Janeiro explique, em parte, o distanciamento da *intelligentsia* local desse acontecimento referencial na história cultural brasileira. Se se observar em quase a totalidade dos jornais publicados não só em Caxias, mas em São Luís, naquele período, há uma ligação forte com o Rio de Janeiro, mas a metrópole serrana quase não aparece. Os filhos da elite maranhense, ao deixarem o estado para estudar em outras cidades do Brasil, quase sempre escolhiam como destino o Rio de Janeiro ou Recife. Capital política, a cidade maravilhosa (epíteto dado ao Rio pelo escritor caxiense Coelho Netto) exercia também o papel de capital cultural na Primeira República e os olhos conservadores da intelectualidade maranhense e caxiense mantinham-se voltados para lá – assim no Palácio do Catete como na Rua do Ouvidor:

Então não é mais o Maranhão um centro literário como no período anterior. Os literatos maranhenses são sobretudo literatos brasileiros apenas nascidos no Maranhão. Mal ensaiam as letras já se retiram da terra natal e, na sua maioria, vão viver no Rio de Janeiro. Inferior à fase precedente por lhe faltarem individualidades que lhe sejam o que para aquela foram Gonçalves Dias e João Lisboa, o segundo momento conta com maior número de escritores de valor e mais variadas manifestações literárias¹⁰⁰.

As palavras são de João Antônio de Carvalho e remetem a um conjunto de discussões ocorridas em São Luís na década de 1910, encabeçadas pela geração autointitulada “neo-ateniense”, que, a partir de um diagnóstico decadentista e pessimista da atualidade das letras maranhenses de então, modelava uma era de ouro da

¹⁰⁰ CARVALHO, Antônio dos Reis. A literatura maranhense. In: BIBLIOTECA Internacional de Obras Célebres. Rio de Janeiro: Sociedade Internacional, 1912. v 20. p 97342

Literatura no Maranhão, a qual se perdeu por motivos diversos e que naquele momento podia ser recuperada pelo talento dos escritores maranhenses em atividade no Maranhão naquele período, desde que eles se unissem em agremiações e trabalhassem para a Glória do Maranhão. A atração fluminense sobre a intelectualidade também foi assinalada por outros escritores ludovicenses da época. Envolvido no mesmo debate, a fim de explicar a emergência na nova Atenas, Antônio Lobo afirma:

A morte, em breve, fulminou diversos, e os sobreviventes, ou emigraram para a capital do país, em busca de posições mais vantajosas, ou se deixaram esterilizar e absorver por cogitações de ordem prática, totalmente infensas às suas preocupações de outras eras¹⁰¹.

O layout do jornal *Folha do Povo* determinava a página 02 para transcrição, em letras miúdas, de telegramas com notícias de fora do estado. A página era dividida em seis colunas, das quais, em geral, quatro eram preenchidas com telegramas do Rio. Procedimento semelhante se seguia no jornal local *Folha do Commercio* e outras publicações.

Mas, além dessa conexão estabelecida entre as elites regional e local e a cidade do Rio de Janeiro, primeiro capital do Império e depois da República, um outro fator deve ser levado em consideração para se pensar o distanciamento dos praticantes maranhenses da escrita – especialmente os caxienses – e efervescência modernista durante a última década da Primeira República: o choque entre os conceitos estéticos do movimento e a tradição literária regional/local. Por exemplo, Antônio Lobo, em seu esforço por produzir a “sutura da fratura”¹⁰² da constituição do que se chamou de geração neo-ateniense, demarca como momento-chave a visita que Coelho Neto fez ao Maranhão em 1899, por ocasião dos 400 anos da chegada da esquadra de Cabral, a serviço da Comissão Central dos Festejos Comemorativos do Quarto Centenário da Descoberta. Henrique Maximiliano Coelho Neto nasceu em Caxias, na rua que hoje leva

¹⁰¹ LOBO, Antonio. Os novos atenienses. 3. ed. São Luís: AML/EDUEMA, 2008, p 34 (grifo meu).

¹⁰² Produzir um sentido unívoco posterior ao acontecimento que, em sua eclosão era disperso, A expressão foi formulada a partir da linguagem utilizada por Edwar de A. Castelo Branco em sua tese “Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a Invenção da Tropicália”, quando descreve o mesmo esforço empreendido por atores envolvidos nas movimentações culturais dos anos 1960 e 1970 – dispersas e repletas de múltiplas virtualidades, amarrando-as *a posteriore* sob o guarda-chuva do signo Tropicália.

seu nome, a alguns metros da Igreja Matriz, na casa que se tornou sede da União Artística e Operária Caxiense, e foi levado para o Rio de Janeiro aos seis anos de idade. Naquele momento, ele era um jovem, mas famoso escritor, que tinha lugar de honra na grande mesa no prédio da Editora Garden, ao lado da cadeira de Machado de Assis, nas reuniões do grupo de que participavam diversos outros literatos nacionalmente reconhecidos, como Euclides da Cunha e Graça Aranha, e que daria origem à Academia Brasileira de Letras. Nas palavras de Antônio Lobo:

O brinde de honra, a que Coelho Neto respondeu, numa peça oratória emocionada e brilhante, foi-lhe feito pelo único sobrevivente da grande e fecunda geração literária de outros tempos, o poeta do Guesa Errante, Joaquim de Sousa Andrade. E nessa troca de cumprimentos entre o velho e o moço, entre o batalhador que chegava exausto das lutas ingentes do passado, carregado de anos de glórias, e outro que, por entre os triunfos promissores do presente, demandava vigoroso a consagração definitiva do futuro, houve alguém que visse, palpitante de entusiasmo e de esperanças, o símbolo grandioso de duas gerações literárias que se dessem as mãos, por cima dos anos tristes de decadência mental que entre uma e outra se cavavam, para depois, unidas e fortes, prosseguirem na tarefa nobre do restabelecimento dos créditos mentais da terra feliz que lhes serviu de berço. E não se enganava esse alguém nas suas emocionadas previsões¹⁰³.

A geração neo-ateniense desempenhou um papel importante ao repensar o Maranhão e forneceu um modelo, se não estético, de militância literária para a intelectualidade do estado. A maneira como um de seus principais representantes, Antônio Lobo, urde as teias do seu sentido e de seu desenvolvimento no tempo: nos termos de uma linha evolutiva que entrelaça gerações e remete a glórias e grandezas passadas e futuras entremeadas pela ação dos escritores do presente – uma perspectiva que se distancia do modelo de ruptura com o passado (o passado intelectual brasileiro) proposto pelos modernistas. A própria referência a Coelho Netto como um dos nós dessa linha evolutiva que o discurso neo-ateniense desenha para a história da cultura no Maranhão entra em choque com o programa modernista do grupo de São Paulo, que rejeitava veementemente a produção de Coelho Netto, tido como um resquício do romantismo e do parnasianismo, considerados ultrapassados e infrutíferos. Na revista *Klaxon – Mensageiro da arte moderna*, n 02, de 15 de julho de 1922, Oswald de

¹⁰³ LOBO, Antonio. Os novos atenienses. 3. ed. São Luís: AML/EDUEMA, 2008, p 48.

Andrade, com sua costumeira ironia e desqualifica a obra de Coelho Netto em sua totalidade:

Boger Avermaete em extensão. Toda arte realista, interpretativa, metaphysica.

A única arte excelente — a que fixa a realidade em função transcendental.

O péssimo = a Interpretação = Romantismo. Vejam o ruim de Shakespeare, o ruim de Balzac. Zola inteiro. José de Alencar inteiro. Coelho Netto inteiro¹⁰⁴.

O programa modernista de ruptura com as tradições e com as linguagens literárias que deram suporte a elas tornava inapreensíveis os artefatos artísticos/literários, que se fazia no Maranhão, ainda apegados ao modelo “A história de Carlos Magno e os dez pares de França”, que ressoava desde o romantismo de primeira hora de um Gonçalves Dias até o romantismo tardio de um Sousândrade. Da mesma forma eram intragáveis para os intelectuais do maranhão e mais ainda para os de Caxias as concepções estéticas e programáticas do modernismo – a recusa da tradição ia de encontro exatamente àquilo que a terra interiorana *decaedent* possuía de mais importante. Longe de ensejar uma ruptura com as formas da tradição, Caxias, assim como São Luis, se esforçava para se reencontrar com a tradição e fazer reviver as glórias passadas no futuro: o tempo da tradição, como apontado anteriormente, ganhava foros de sacralidade e recebia veneração, as gerações presentes citavam as passadas em nome das futuras num movimento pulsante de construção constante de um tempo que se dobra, que retorna e que precisa se dobrar e retornar a fim de produzir sentido para si mesmo.

O diretor geral da Biblioteca Nacional, Adonias Filho, quando da organização da exposição em comemoração ao centenário de nascimento do escritor nascido em Caxias, em 09 de setembro de 1964, escreve a seguinte justificativa:

Em sua volta, após mais de quarenta anos de intransigente condenação à sua obra novelística, o que se prova em Coelho Netto é não ser

¹⁰⁴ ANDRADE, Oswald. Escolas & idéias (notas para um possível prefácio). In: Klaxon – Mensageiro da arte moderna. nº 02, 15 de julho de 1922, p 16.

possível destruir-se um ficcionista à sombra de opiniões apaixonadas e preconceitos literários. Seus romances — "Miragem" ou "O Morto", "Tormenta" ou "O Rei Negro" — tornaram-se alvo de uma revolução que, desejando afirmar-se, nêles concentrou uma tradição que precisava ser afastada. No processo crítico que se ergueu, ao tempo em que novas experiências novelísticas se realizavam e vingavam novos tratamentos estéticos, a acusação se têt por demais agressiva para que hoje a possamos aceitar como um julgamento. Não permitiram, ao menos, uma defesa. E, precisamente porque interessada em condenar e não discutir, sempre evitando o debate na acusação, é que hoje reconhecemos o equívoco entre os modernistas e Coelho Neto¹⁰⁵.

Na década de 1920, porém, não se tratava de encontrar pontos de confluência entre as elaborações estéticas dos escritores, mas da postura que eles adotavam, enquanto escritores, no ato de escrever e na maneira de dizer o seu ato de escrever: ou se atacavam as tradições em nome da formulação de uma linguagem literária de fato brasileira – antropófaga – ou se alinhava às tradições, tornando-se, pois inimigo tanto da modernidade quanto do conceito de Brasil que os modernistas erigiam. E nessa arquitetura havia subjacente uma elaboração do tempo: ambas se apoiavam num modelo teleológico, em que uma “linha evolutiva” conduzia de um passado a um futuro.

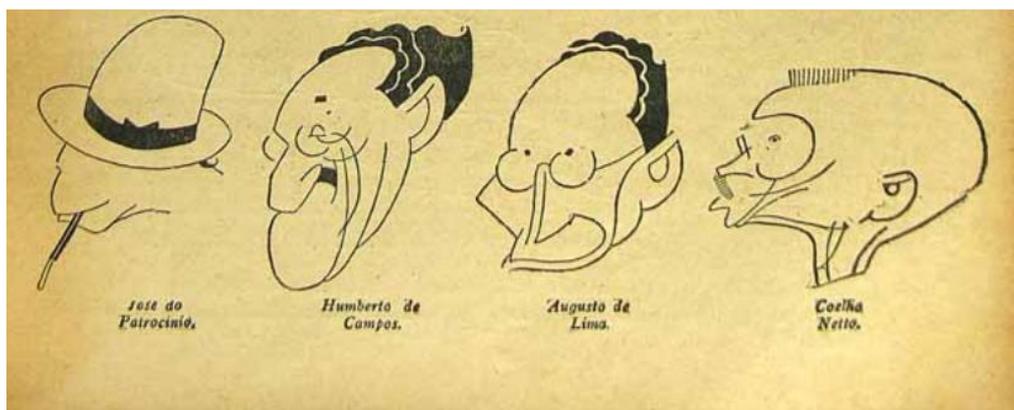


Imagem 1: Recorte da página de caricaturas da Revista O Malho, de 28 de janeiro de 1928, publicação na qual foi realizado o concurso que elegeu Coelho Netto “o príncipe dos prosadores do Brasil”, no qual votaram apenas intelectuais residentes no Rio de Janeiro. À esquerda, a caricatura de Coelho Netto¹⁰⁶.

A questão naquele momento era em que direção desta linha a arte deveria caminhar – enquanto os modernistas estavam associados à ponta que direcionava para o

¹⁰⁵ EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE COELHO NETO, Rio De Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, set. 1964, p 08.

¹⁰⁶ O Malho, Ano XXVIII, n 1.324, Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1928, p 11.

futuro, Coelho Netto estava associado á ponta da linha que direcionava para o passado. E para o Maranhão que, além de ser terra de Coelho Netto, estava atravessado pelo discurso decadentista/”renascentista” que rescindia da geração neo-ateniense e atravessava a Oficina dos Novos e a Academia Maranhense de Letras, a formulação do tempo que aponta para o passado era simbolicamente muito mais promissora que a proposta modernista que, a rigor, não oferecia muita coisa além da dissolução constante do presente em passado: e tudo que fosse sólido se desmancharia no ar.

O afastamento dessas discussões não deve ser lido como fruto de algum isolamento do estado periférico ou de sua cidade interiorana em relação às tendências mais recentes daquele momento – contrariamente, a sociedade caxiense costumava consumir os produtos culturais mais recentes do período. Por exemplo, em 1920, o jornal *Folha do Commercio* registra intensa movimentação na Praça da Independência, onde aconteciam os embates entre os “teams” de “foot ball” locais, entre os quais aparecem: o Militar Foot-Ball Club, o Olympo Foot-Ball Club, o Maranhense Sport Club, o Caxias Foot-Ball Club, o Japão e o America Foot-Ball Club – é provável que houvesse outros. A linguagem que envolvia o esporte da moda também não desmentia o intercâmbio cultural de Caxias com os grandes centros urbanos do país. Na edição de 17 de abril de 1920 do *Jornal do Commercio*, aparece a seguinte nota:

VIDA SPORTIVA

Haverá amanhã, as 15 horas, no “ground” da prça da “Independência” treino do “Japão” com o “Olympo Foot-ball Club”.

– Também as 16,30 haverá treino, na mesma praça, entre o primeiro e o segundo “teams” do “Maranhense S C107.

Na mesma coluna, do dia 24 de março de 1920:

Encontram-se no dia 21 deste mez, no “field” à praça da “Independência”, o “Olympo F. C” e o “Militar F. C”.O “Olympo”, o club da mocidade estudiosa do Externato G. Dias, formado de jovens players, apresentava-se em campo desejoso de colher novos louros. O “Militar”, clube veterano que aceitara delicadamente o convite do “Olympo” também apareceu ufano e disciplinado.

¹⁰⁷ Jornal do Comercio, Ano XV, n 904, 17 de abril de 1915, p 01.

No primeiro “half-time” dominou o campo o club alvi-negro, tendo o player Ribamar vasado a meta do “Militar” com um belo “shoot”.

No segundo tempo também dominou o “Olympto”, sendo porém o seu “goal” vasado por um “shoot” dos adversários.

(...) Os “players” do “Olympto” receberam vivas e bravos dos seus inumeros torcedores e torcedoras, destacando-se por seu entusiasmo e [ilegível]

Resultado final o score 1 x 1.

Chama atenção a elaboração do discurso de narração, que mescla expressões em inglês típicas do vocabulário futebolístico naquele momento – e totalmente incomuns na linguagem dos intelectuais daquela contemporaneidade, cujos estrangeirismos recorriam quase sempre ao Francês – a maneirismos românticos da linguagem literária. Expressões como “goal”, “shoot”, “half-time” aparecem nas mesmas composições que “colher novos louros” e “ufano e disciplinado”. O *repórter* mostra sua inserção nas atuais tendências culturais e prova domínio do linguajar “técnico” do esporte, mas não abre mão de demonstrar sua eloquência verbal no rebuscamento da linguagem, ainda que no curto espaço de uma nota esportiva.

Uma operação muito semelhante pode ser detectada na escrita de Coelho Neto, em um conto intitulado “Bola a Goal”, saída no jornal *A Noite* e republicada no *Jornal do Commercio* em 02 de junho de 1920. O texto de teor veladamente pornográfico incorpora aspectos da sociedade brasileira da Primeira República – como estereótipos femininos e a febre da moda futebolística, cuja associação resultou no argumento do conto. Uma jovem senhora deixa de ver sentido na vida e é levada ao suicídio porque o marido, viciado em futebol, era impotente e, marcando muitos “goals” no campo de futebol, com ela só dava “off-sides”. O marido argumenta de diversas formas para justificar seus insucessos sexuais – chegando inclusive a culpar “o gramado”, que, segundo ele, quando está muito alto atrapalha o desempenho do jogador, fazendo com que os “shoots” saiam travados. A esposa se desespera como um torcedor que só vê gol a favor do adversário e, de horrendo desgosto, culmina em tirar a própria vida. A escrita de Coelho Netto tem muitos traços de um modernismo bem desenvolvido, como a ironia, como os *jokes* de linguagem, o humor provocado pelas sugestões libidinosas, pela temática eminentemente moderna. Mas ao mesmo tempo guarda traços muito forte

de conservadorismo, como a introdução que, escrita numa linguagem quase professoral, pondera sobre os motivos aceitáveis para o suicídio feminino:

Que uma mulher se mate porque o marido a despreza, porque a maltrata com injúrias e bordoada, ou porque não lhe dê o necessário à vida, deixando-lhe o lar sem fogo, a despensa vazia, sem ao menos o pão e a laranja, que são os últimos recursos no dizer do povo, é um pouco violento, mas, enfim, compreende-se, mas que em gesto desprendido e trágico emborque a taça de veneno por causa de uma bola de couro, é muito!

Sugere-se uma sobreposição nas operações de composição do mestre Coelho Netto e dos elaboradores de escrita nas terras tupiniquins, não necessariamente consciente, como se se seguisse uma cartilha, um método, mas como efeito dos diversos afetos culturais que todos estavam expostos naquele momento – todos eram assanhados pelos ventos da modernidade, mas tendo tanto Coelho Netto quanto os operadores locais da escrita optado por recusar o alinhamento com as trincheiras modernistas e modelado suas concepções (também modernas) de civilidade no interior de um arcabouço tradicional, essa confluência faz surgir esse tipo frankensteiniano de linguagem, montada com peças retiradas dos produtos culturais da época acopladas a artefatos herdados de outros momentos históricos.

A celeuma entre Coelho Netto e os modernistas não povoou as páginas das publicações diárias, semanais ou mensais dos jornais de Caxias ou de São Luís – para estas, Coelho Netto apenas continuou sendo o “príncipe da literatura brasileira”, e isso se bastava. O projeto civilizacional dos intelectuais tupiniquins diferia do dos antropófagos na medida em que se definia por um modelo referencial às tradições literárias que retrocediam ao Império – especialmente ao Romantismo, cujas ressonâncias eram precisamente o alvo das críticas modernistas. O conceito de modernidade até os anos 1920, nas publicações maranhenses, com destaque às caxienses, permanecia essencialmente aquele da *belle époque*, atrelado à modernização da economia por meio da industrialização/urbanização e dos modos de vida, por meio de um refinamento cultural que dizia respeito muito mais à instrução que à invenção.

A esse respeito, são notáveis as reivindicações dos operadores da escrita, caxienses e ludovicenses, por ações estatais em prol da educação da *mocidade* maranhense. Os discursos dos membros do Congresso Estudantal, por exemplo, aludiam

a essa deficiência do estado; os operadores da escrita de *Bello Horizonte* e *A renascença*, em meados da segunda década do XX também se horrorizavam com a situação da educação na cidade de Caxias. Essa reivindicação por educação não deve ser confundida com as propostas de universalização da educação que passariam a fazer parte do menu programático dos (re) pensadores do Brasil durante a Era Vargas – os modeladores de discurso maranhenses e especificamente caxienses naquele período, como representantes da elite letrada, cobravam do estado a abertura das “portas da instrução” tendo em mente a inserção da sua classe no ambiente cultural da Modernidade.

Houve, a partir da década de 1920 uma demanda por identidade nos discursos que circulavam no país a respeito de seu lugar na tempo, no espaço, no conjunto geral da civilização:

Entre as décadas de 1920 e 1940 foram publicados alguns dos mais instigantes estudos sobre a formação da sociedade brasileira que permanecem nos interpelando de várias formas, a despeito da relação ambígua que as ciências sociais têm mantido com eles desde o início da sua institucionalização como carreira universitária e profissional na década de 1930. O legado intelectual desses estudos, constantemente atualizado pelas leituras críticas que recusam sua validade ou por meio de sua retomada para a formação de novas proposições sobre o país, também extrapolou as fronteiras acadêmicas, contribuindo para conformar, reflexivamente, modos de pensar e sentir o Brasil e de nele atuar ainda hoje presentes. Entre aqueles estudos, enfim, como muitos já observaram, incluem-se alguns dos livros que, ao fim e ao cabo, “inventaram o Brasil”¹⁰⁸.

Coelho Netto aparece neste trabalho como elo perdidos entre o discurso caxiense sobre a modernidade e os discursos modernistas que se destacaram e acabaram por prevalecer nos principais centros de irradiação do saber/poder no país. Mas o impulso que fez a formação discursiva do Modernismo se consolidar foi uma forte demanda por discursos de identidade que havia no Brasil na década de 1920 e que se intensificaria nos anos 1930, após a ascensão de Getúlio Vargas e de suas oposições mais conservadoras, Essa “demanda por identidade” – apesar da recusa local a se alinhar às

¹⁰⁸ BOTELHO, André. Passado e futuro das interpretações do Brasil, pp 47-66 in: TEMPO SOCIAL: Revista de Sociologia da USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, jun/2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v22n1/v22n1a03.pdf>>, acesso em: ago/2015.

tendências modernistas – não deixou de afetar a realidade caxiense e de interpelar os tecelões de falas na imprensa¹⁰⁹. A década de 1920 não chegou a construir um arcabouço discursivo novo, diferente do que tinha herdado do século XIX, mas presenciou uma efervescência de ideias e sofreu afecções de muitos elementos discursivos que formariam um acervo cultural ao qual a década seguinte recorreria para produzir uma identidade para Caxias – identidade de Caxias como “terra dos poetas”.

¹⁰⁹ Sobre a questão da demanda identitária, Cf. BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p 119 – 122.

4 EPISÓDIO III – AURORA DA POESIA: A ASEDIMENTAÇÃO DO SIGNO “TERRA DOS POETAS” COMO ARTICULADOR DO DISCURSO IDENTITÁRIO DE CAXIAS

O último episódio desta trilogia se debruça sobre a produção escriturística que, a partir dos anos 1930, se distancia da narrativa de Caxias como cidade industrial – Manchester Maranhense – e passa a destacar seu aspecto literário, artístico, sonhador, cultural como centro de sua identidade. Considera-se que as ventanias discursivas que assolaram a cultura no Brasil e, por conseguinte, em Caxias, balançando, fazendo estremecer e pondo em questão as noções identitárias e as elaborações culturais do sentido da história desde o início do século XX e que se intensificam nas décadas de 1920/30, foram o caos da dispersão constitutiva do começo desse discurso ufanista que durante o segundos destes decênios passaria se condensar num conjunto de fórmulas herdadas de momentos anteriores (como o epíteto “Princesa do Sertão”), organizando-as em torno da imagem de Caxias como *terra dos poetas*.

4.1 Era uma vez uma *Princesa* no sertão

O Jornal Cruzeiro publicado no sábado, 1º de Agosto de 1936, estampava em sua capa uma imagem de Gonçalves Dias, uma fotografia da praça que leva o seu nome no Centro de Caxias e um sobrescrito garrafal do lado esquerdo da página: GLÓRIA A CAXIAS! O artesão do texto não é indicado, mas aproveitando o ensejo da data da “adesão de Caxias à independência do Brasil”, ele derrama elogios sobre a cidade, canta glórias de um passado idealizado e enaltece o que chama de “bellas tradições” das quais a cidade seria guardiã: “Caxias! Terra gloriosa das palmeiras, onde o imortal Poeta dos Tymbiras sentiu as primeiras inspirações dos seus cantos guerreiros”¹¹⁰, é como o texto se inicia – em tom de ode, em tom de epopeia.

Na modelagem do discurso, o operador da escrita lançou mão de gêneros de fala já presentes no acervo local: “poeta dos Tymbiras”, “terra das palmeiras” etc. No

¹¹⁰ Cruzeiro, Ano III, n 128, sábado, 1º de agosto de 1936, p 01.

entanto, no emaranhado da eloquência radiante da performance discursiva, é possível contemplar uma novidade sutil – determinada formulação da relação entre Caxias e seu poeta que ainda não tinha aparecido nas práticas discursivas das duas décadas anteriores: a cidade aparece como parte do processo criador de Gonçalves Dias. Até então, nas mais diversas falas que envolviam a relação do poeta com sua terra natal, a cidade era honorificada por ter sido *palco* de seu nascimento, procedimento semelhante ao que se opera na apresentação de Caxias como palco da Balaiada ou da última batalha pela Independência do Brasil. No caso desse texto de 1936, porém, a relação entre a cidade e a inspiração do poeta aponta para uma delicada, mas significativa mudança de tratamento: o envolvimento do cenário no próprio ato fundador/criador que fez de Gonçalves Dias o poeta que foi.

No lado direito da página há uma pequena nota biográfica de Gonçalves Dias, “o maior poeta lyrico nos dois paizes da língua portuguesa”, na qual se destaca sua atuação como escritor no século XIX e sua posição privilegiada nos meios intelectuais do Segundo Império, culminando nessa descrição de grandeza com o que seria a causa principal de tamanho sucesso: “poeta exímio na arte e divino da inspiração sublime de suas ideias, Gonçalves Dias imortalizou-se, *sobretudo, pelo amor à sua Terra*”¹¹¹.

Também nesta formulação a cidade de Caxias aparece desempenhando um papel fundador e fundamental para a ascensão e glória do imperador da lira americana. Sem que seja necessário pressupor a existência de um programa “ideológico” que visasse consciente e voluntariamente reformular a identidade local caxiense a partir da reelaboração da própria narrativa sobre Gonçalves Dias, pondera-se que as práticas discursivas acima destacadas efetuam uma atribuição de sentido que, em relação a anteriores variações sobre o mesmo tema, apresenta um aspecto diferente, uma *nova* artimanha de enunciação, um pronunciamento sub-reptício que, seguindo a proposta metodológica de Michel Foucault em *A Ordem do Discurso*¹¹², pode muito bem ser lida

¹¹¹ Cruzeiro, Ano III, n 128, sábado, 1º de agosto de 1936, p 01 (grifo meu)

¹¹² *A Ordem do Discurso* é o texto da aula inaugural de Michel Foucault no College de France. Com a frase de abertura do discurso – “gostaria de me pronunciar sub-repticiamente, como se nunca tivesse começado a falar” – Foucault chama a atenção para o elemento de fato significativo no ato de anunciar: aquilo que não precisa ser enunciado porque já está. A fala corta o silêncio e depois se cala mas o

como sintoma de um enunciado que, neste momento, já apresenta alguma organização (ou ordem).

Quaisquer que tenham sido as mãos a escreverem esses textos, elas já operavam com alguma presteza signos relacionados à produção literária e a momentos gloriosos situados num passado relativamente distante – o século XIX – para a conformação de artefatos discursivos identitários. Arranjados desta forma, tais signos comportam uma interpelação subjetiva que envolve os indivíduos caxienses e a própria cidade de Caxias personificada no discurso num sentido histórico determinado, conforme a concepção de tempo que desse arranjo decorre:

E, bem guardadas na consciência dos teus filhos, as tuas glórias animarão as realizações do futuro, pela união de todos os teus valores, elevando o espírito do povo caxiense a se liberar dos preconceitos mesquinhos da política, para trabalhar com mais patriotismo pelo progresso de sua terra tão rica de bellas tradições¹¹³.

A forma como o praticante da escrita modelou seu discurso inscreveu a cidade de Caxias no curso do tempo, relativamente às formulações antecedentes, de uma maneira peculiar. Apesar dos signos da formação discursiva do progresso (modernidade) se fazerem presentes no seu linguajar, a linha do tempo que ele desenha não é uma linha reta, mas uma elipse: o passado, “guardado na consciência” é tomado como o sentido da história de Caxias, de modo que é ele quem ensina o presente, orienta-o e anima-o no caminho do futuro, desviando o olhar dos caxienses das mesquinhas políticas – que comportam as preocupações imediatas – para os valores e os objetivos mais elevados.

Esse discurso constitui-se simultaneamente numa interpelação identitária – pois informa à cidade quem ou o que é o seu ser na história; e numa metanarrativa – pois transfigura o passado nesse *ser da cidade na história*, projetando-o continuamente em seu devir no tempo: “as tuas glórias [passadas] animarão as realizações do futuro” – e animar significar dotar alma, significa, em um mesmo movimento, insuflar algo de vida

discurso é já se dizia e continua a se dizer - a pronúncia manifesta o discurso/enunciado, mas ele é o esquema mental, histórico, cultural que funda a própria possibilidade da fala. Cf. FOUCAULT, Michel. A Ordem do discurso. 19ª ed. São Paulo: Editoras Loyola, 2009.

¹¹³ Cruzeiro, Ano III, n 128, sábado, 1º de agosto de 1936, p 01

e essência. Nos meandros dessa prática discursiva é do passado que jorra a vida que anima o futuro de Caxias; as questões prementes do presente, sendo tomadas como preconceitos políticos (e aqui essa política tem o sentido pejorativo de desunião, como se verá adiante), denotam que no arcabouço desta enunciação o futuro é vazio, o presente é esqualido – e somente o passado tem e *faz* sentido.

Há uma máquina de produção de significados – um modelo extremamente simples que organiza as falas e orienta sua significação. Se se retroceder dois anos, a um artigo de capa publicado no *Cruzeiro* em 12 de maio de 1934, encontrar-se-á o mesmo esquema metanarrativo em funcionamento. O artigo, intitulado *A igreja è o berço da ciencia moderna*¹¹⁴, trata do desenvolvimento dos conhecimentos humanos até o advento das ciências, que são entendidas não como ruptura com o saber medieval tutelado pela religião e pelo poder eclesiástico, mas como um desenvolvimento e um efeito direto daquele. Vinculando assim o saber moderno à herança medieval, o tecelão de frases efetua um giro semântico que põe novamente a religião cristã como destino de todo desenvolvimento científico. Tal estratégia revela mais uma vez a subjacência da metanarrativa acima aludida, esquematizada na fórmula: *passado > presente < futuro/passado*.

Isso não significa, entanto, que naquele momento já se tivesse desenvolvido um sentimento de culto ao passado que mobilizasse forças políticas de tal forma a se concretizar em ações programáticas de reiteração do passado a fim de ressignificar o presente, mas que havia uma movimentação intelectual que tendia a fomentar um programa discursivo (um acordo tácito) baseado nessa sensibilidade. Na edição do *Cruzeiro*, de 8 de agosto de 1936, um articulista não identificado, em artigo intitulado *O centenario de Caxias: reparando um silêncio injustificavel*, reclama que se tenha passado o mês de julho sem que houvessem comemorações do centenário da elevação de Caxias à categoria de cidade:

Ainda é tempo de repararmos um olvido contra o qual protesta energicamente o grau de civismo que já atingiu o nosso povo. Alludimos ao transcurso, no mês próximo findo, do primeiro

¹¹⁴ *Cruzeiro*, Ano I, n 29, 12 de maio de 1934, p 01.

centenario de elevação de Caxias a categoria de cidade. O facto se passou sem uma commemoração de regosijo de nossa parte, sem mesmo um breve registo, allusivo ao historico acontecimento, em qualquer dos nossos orgams de imprensa.

Cesar Marques, o benemerito geographo e chronista conterraneo, menciona que a promoção se deu por força da lei provincial n 24 de 5 de julho de 1936.

Naquela data, portanto, recém-transacta, a nossa Caxias encerrou o primeiro cyclo centenario de sua vida administrativa, enquadrada nos fôros e privilegios de cidade, a qual vae mantendo e manterá, com a mercê de Deus, a distincção merecida de segunda cidade do Estado.

Exultemos, pois, os filhos desta gleba, dos Céos especialmente favorecidos, e redobremos de esforços para que, quando se repetir a commemoração, muitas e altissimas conquistas, nos outros cem annos decorridos, haja, nobremente, alcançado, a terra natal de Gonçalves Dias¹¹⁵.

Ao mesmo tempo em que essa performance discursiva denuncia um “injustificável” descaso com a memória cívica da cidade, ela também é representativa de um esforço intelectual no sentido de promover essa postura na cidade. Além disso, permite a leitura de que ressalta, na elaboração do discurso, mais uma vez, a forma associada entre passado e futuro em que o passado serve de bússola ao devir do tempo e, ato contínuo, lhe fornece os elementos fundamentais de sua identidade e significação. Na linguagem do articulista, não importa quanta coisa se passe em um século, não importa sequer quantos séculos se passem, a régua niveladora e modeladora da cidade é o seu passado memorável do século XIX (o que se expressa elo uso do verbo *manter*) e o signo de sua identidade será o *status* de “terra natal de Gonçalves Dias”.

A centímetros de distância do breve artigo sobre a ausência de co-memoração da elevação da Vila de Caxias à categoria de cidade, em 1836, um artigo sem assinatura festeja *O nascimento do immortal poeta*, em artigo laudatório em honra ao aniversário de Gonçalves Dias, que se daria dois dias depois, na segunda-feira subsequente. O artigo toma o poeta como modelo cívico a ser seguido pela “mocidade” caxiense de então, ressaltando sua trajetória de uma “origem tão humilde” até as “culminâncias da

¹¹⁵ Cruzeiro, Ano III, n 129, sábado, 08 de agosto de 1936, p 01.

perfeição litterária” e novamente creditando seu sucesso ao amor à “Pátria” e mais especificamente à “sua Caxias”:

Caxias – a “leader” cidade sertaneja, cuja historia resume uma página brilhante do heroísmo, lembrando a memoria do seu saudoso filho – o immortal poeta Antonio Gonçalves Dias, sente-se jubilosa em saudar a data gloriosa do nascimento do inspirado cantor dos Tymbiras, a ocorrer no próximo dia 10, a qual marca o 113º aniversário daquele modesto acontecimento.

A origem tão humilde do notavel caxiense, que galgou as culminancias da perfeição litterária, do aprimoramento scientifico, obtidos pelo grande esforço de edificante perseverança, da mais realce às suas grandes conquistas intellectuais, tornando-se uma das mais nobres expressões culturais do cento passado.

Uma das particularidades mais notáveis da vida do insigne [ilegível], sem dúvida o seu temperamento susceptível a todo soffrimento, a sua resignação na dor, que durante a sua operosa existência, despertou na alma do Poeta a phantasia dolorida de magoas incontidas, aflorando em estrofes de magnifica inspiração poetica.

Em Gonçalves Dias, porém, o que mais enobrece e edifica, é o seu grandioso amor a Pátria; é a sua nostalgica saudade das campinas cheias de encanto de sua Caxias; é a preocupação constante de estudar, pesquisar as grandezas extraordinarias do Brasil de que tanto se preocupou, legando a posteridade uma lição bella de civismo¹¹⁶.

Este texto apresenta diversos elementos do discurso mobilizado nas páginas do jornal *Cruzeiro*, entre os quais está essa estruturação da narrativa sobre Gonçalves Dias, que passa a incorporar a cidade como fator decisivo de sua constituição subjetiva e artística – as glórias literárias do poeta passam a ser condicionadas pela sua atitude de amor, de saudade, de nostalgia, sem a qual, sugere-se, seu talento teria permanecido vazio, sem forma e infértil. A terra do poeta, num lance de formulação discursiva, torna-se então também a terra de sua poesia – uma espécie de fonte que jorra a poesia que o inspira e que tem responsabilidade no efeito que ele e sua obra provocarão nos altos círculos da intelectualidade e do poder, tanto em sua época como nas posteriores.

Mas, além disso, também é perceptível um caráter disciplinador na performance discursiva: apresentada como exemplo de perseverança, de trabalho, de civismo, de

¹¹⁶ *Cruzeiro*, Ano III, n 129, 08 de agosto de 1936, p 01.

patriotismo, a imagem de Gonçalves Dias é modelada na forma de cidadão brasileiro exemplar a ser imitado pelos jovens caxienses do período: “Glória, pois, a memória do grande vulto caxiense, que ‘Cruzeiro’ oferece como modelo de patriotismo a mocidade...” – é com esta exaltação e exortação que o artigo acima transcrito se conclui. Tal caráter disciplinador se relaciona com a formulação temporal que se vem apontando com subjacente a essas produções discursivas: o passado que modela a prática no presente e a construção do futuro – neste caso, porém, aparece mais de maneira mais evidente o caráter disciplinador presente nesse esquema.

4.2 Conservadorismo e demanda por identidade: a presença do nacionalismo integralista na imprensa local

Partindo do que afirma Deleuze sobre o procedimento arquivístico de investigação dos enunciados, compreende-se de que as enunciações, as práticas discursivas – ou, em sua própria linguagem, as frases e as proposições – pronunciadas (e a escritura é uma forma de dicção) articulam-se num conjunto de produção de sentido, que pode ser reduzido a um elemento simples – esse elemento é o enunciado¹¹⁷. Assim sendo, enseja-se traçar a linha transversal que atravessa (e conecta numa organização de sentidos) o discurso que formata a identidade local – e com ela o tempo – aos discursos disciplinadores que emergem na escrita de intelectuais caxiense do período em análise. Fricção: pergunta-se a que tipo de civilismo essa imprensa se referia pretendia fazer, por exemplo, Gonçalves Dias de modelo, e como essa postura se relacionava, em termos culturais, à formatação do discurso identitário de Caxias como terra dos poetas.

De partida, assinalam-se as seguintes características editoriais do jornal *Cruzeiro*: 1) Começou a ser publicado em 1934, como órgão pertencente à sigla LEC, gerenciado por Vicente Celestino, advogado da Ordem dos Advogados do Brasil, vinculado à igreja católica local e que chegou a exercer o cargo de deputado estadual em 1936, sendo deposto pela intervenção federal em 1937, quando se tornou Promotor

¹¹⁷ Cf. DELEUZE, Gilles. Foucault. Tradução: Cláudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense: 2005.

de Justiça na cidade de Codó, há cerca de 100 km de Caxias. Já em 1936 o jornal aparece como propriedade do *Grêmio Jackson de Figueiredo* (grupo da Igreja Católica local), filiado à Associação de Jornalistas Católicos, com sede em São Paulo, e aparentemente (isso não fica perfeitamente claro) recebendo apoio financeiro da Arquidiocese do Maranhão. 2) A partir de 1936 e durante todo o ano de 1937, o jornal exhibe em seu cabeçalho, entre as informações catalográficas, o lema integralista “Deus, Pátria e Família”. Embora não tenha sido oficialmente um órgão do movimento/partido da Ação Integralista Brasileira, o *Cruzeiro* foi usado constantemente como instrumento de propaganda do Sigma, havendo em suas páginas, inclusive uma “Columna Integralista”, na qual se republicavam textos de Gustavo Barroso, Miguel Realle, Plínio Salgado ou outros documentos e notícias da Chefia Nacional da Ação Integralista.



Imagem 2: *Jornal Cruzeiro*, Ano I, n 26, p 01. O cabeçalho apresenta a sigla L. E. C., que não é elucidada nem nesta nem em nenhuma edição posterior. O nome de Vicente Celestino ao centro. Dois anos depois, Vicente Celestino será deputado estadual.

Esses aspectos são elucidativos, pois permitem inserir as práticas discursivas dos colaboradores do *Cruzeiro* no arcabouço de duas formações discursivas associadas: o catolicismo e o integralismo. Não se deve, entretanto, cometer o erro de reduzir a produção de significados dos praticantes da escrita do jornal local às linhas doutrinárias gerais, seja de uma ou de outra formação. Sendo verdade que o próprio catolicismo, apesar de sua antiguidade e de sua profunda penetração nas estruturas de saber/poder ocidentais, toma formas particulares em diferentes espaços, tempos e contextos, tanto

mais verdadeiro isso é em relação à doutrina integralista, invenção de Plínio Salgado e seu grupo de radicais direitistas místicos, ritualistas, anticomunistas e antiliberais.

No entanto, é interessante alinhar determinados pontos. O integralismo se insere num conjunto de manifestações políticas que se seguiram à Revolução de 1930 e à ascensão de Getúlio Vargas ao controle do Estado no Brasil. Com Vargas, começou a ser posto em prática um projeto de país encarnado pelo modelo nacional desenvolvimentista que, por meio de uma arquitetura de centralização administrativa, confrontava a fragmentação política de um Brasil controlado por elites locais, tendo como proposta e justificativa a unidade política, territorial e cultural da Nação.

A contraparte cultural desse projeto era a construção de uma identidade nacional que suplantasse as identidades regionais, unificando e centralizando o sentimento de pertencimento do povo. Diversos dos principais intelectuais e artistas brasileiros da época foram cooptados pelo governo para realizar a tarefa de repensar a identidade nacional brasileira e propor chaves narrativas capazes de contornar as contradições efetivas com que tal projeto se confrontava; Entre estes intelectuais contam-se, por exemplo, o pernambucano Gilberto Freyre e o caxiense Celso Antonio Silveira de Meneses – mas a maior parte era pertencente ou, de alguma forma, ligada ao grupo modernista de 1922.

As especificidades políticas do governo Vargas fizeram-no complexo e ambíguo. Se, por um lado, a diretriz centralizadora que organizava sua engenharia na prerrogativa da montagem de um Estado forte levou-o ao diálogo intenso com os sindicatos, no esforço de controlá-los, e isso resultou nos avanços trabalhistas incrustados na Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT, por outro, a mesma diretriz deu ao governo características fascistas, como a personalização do poder na figura de Getúlio Vargas, no culto à sua figura nas instituições públicas, e ações autoritárias como o fechamento, por duas vezes, do Congresso Nacional.

A criação do Ministério da Educação e Saúde resultou em uma série de melhoramentos para a população daquele período, que sofria com os altos índices de analfabetismo e desnutrição, entre outros problemas de saúde pública, como as endemias de lepra, sífilis e tuberculose – no próprio jornal *Cruzeiro* de 28 de outubro de

1937 um artigo sobrescrito *O problema da lepra no Brasil* elogia as ações de Getúlio Vargas e do ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, em suas políticas públicas de controle da lepra e asilo dos doentes, informando ainda como estas políticas estavam sendo desenvolvidas no Maranhão¹¹⁸. No entanto, a relação de colaboração de Vargas com os governos totalitários e antisemitas da Europa chegou ao ponto de ele extraditar presos políticos e judeus alemães do Brasil para a Alemanha de Hitler e de adotar como política de imigração a não autorização da entrada de judeus no país e até mesmo uma caça aos “estrangeiros indesejáveis”, conforme notícia publicada na contracapa da edição do *Cruzeiro* de 22 de novembro de 1937:

SEVERA CAMPANHA CONTRA EXTRANGEIROS
INDESEJAVEIS

O chefe de polícia do Rio de Janeiro ordenou fosse feita severa campanha contra os estrangeiros que burlam a lei de segurança nacional, aqui ficando somente os casados com brasileiros e os que tenham registrado seus filhos e adquirido propriedade.

Tomando como referência um espectro político polarizado, o governo de Vargas era direitista demais, do ponto de vista dos atores políticos de esquerda, mas esquerdista demais, do ponto de vista dos atores políticos de direita.

¹¹⁸ *Cruzeiro*, Ano V, n 185, 28 de outubro de 1937.

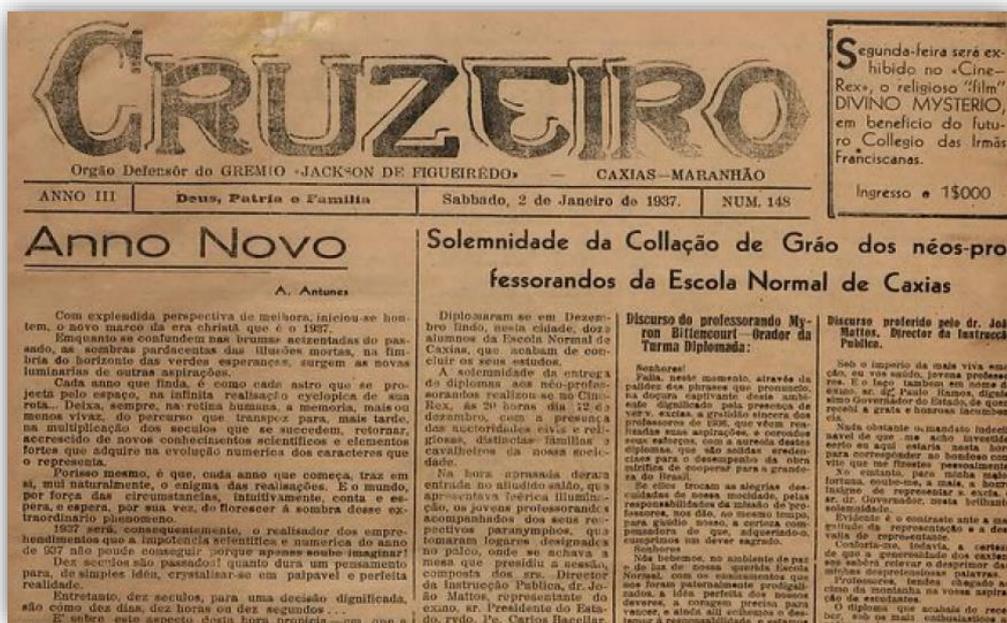


Imagem 3: Primeira edição do jornal *Cruzeiro* para o ano de 1937. O cabeçalho do hebdomadário agora identifica-o como “Órgão defensor do GRÊMIO “JACKSON DE FIGUEIREDO”, e não há nesse espaço destaque para nenhum de seus colaboradores. Aparece o lema integralista “Deus, Pátria e Família”,

A Ação Integralista Brasileira - AIB, fundada por Plínio Salgado em outubro 1932 era um desses segmentos de extrema direita que fazia oposição ao governo Vargas. A doutrina integralista, fortemente influenciada pelo fascismo italiano e pelo catolicismo, era simultaneamente crítica do comunismo soviético (do qual considerava como braços todos os outros movimentos de esquerda) e da democracia liberal de tipo americano, que considerava demasiadamente materialista e individualista.



Imagem 4: *Cruzeiro*, Ano III, n 162, sábado, 15 de maio de 1937. Era comum nas páginas do hebdomadário a publicação de propaganda integralista, tanto de eventos, como de doutrina.

Tendo emergido na arena política brasileira com um discurso apartidário, que não chegou a orientar sua prática política, posto que se tornou um partido político e envolveu-se no jogo de alianças e negociações por cargos e redutos que inicialmente condenou – a Ação Integralista Brasileira propugnava a depuração da Nação por meio de um programa “cultural”¹¹⁹ de retorno aos valores morais e espirituais do cristianismo católico, a construção de um nacionalismo que superasse as diferenças ideológicas sob a égide da espiritualidade, um modelo de nacionalidade baseado na total recusa de influências externas e um modelo administrativo hierárquico semelhante ao eclesiástico. O movimento/partido possuía secretarias regionais (a exemplo das dioceses) e núcleos municipais (a exemplo das paróquias) e pretendia transpor esse modelo para a administração federativa, caso Plínio Salgado seu Chefe Nacional fosse eleito presidente da República.

A AIB é considerada por muitos analistas como o primeiro partido de massa brasileiro, pois, mobilizando um vasto repertório de símbolos – como uniformes (as camisas verdes com abraçadeira do sigma), bandeiras, rituais, juramentos e canções –, fazendo uso de um discurso profundamente moralista e recebendo apoio direto de

¹¹⁹ A ação integralista se definia como um movimento cultural, não político.

lideranças da igreja católica, alcançou forte apelo popular. Se em sua reunião de fundação, em outubro de 1932, o movimento contara com um grupo de cerca de 50 pessoas, em 1936 já possuía secretarias espalhadas por todo o território nacional, inclusive em Caxias. Conforme texto de responsabilidade da Secretaria Municipal de Corporações e Serviços Eleitorais da AIB, publicado na *Columna Integralista* do *Cruzeiro* de 09 de janeiro de 1937, que trazia dados estatísticos “organizados em comemoração ao IV aniversário do movimento do ‘Sigma’”¹²⁰, *A situação atual do Integralismo* era a seguinte:

COMO PARTIDO POLÍTICO NACIONAL – 462 vereadores, 25 prefeitos, 4 deputados estaduais e 1 federal, 252.803 eleitores, com exceção dos que ainda não votaram (...).

COMO ORGANIZAÇÃO NACIONAL – Mais de 3.000 Núcleos; cerca de 11/2 milhões de “camisas verdes”.

COMO ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL – Realizamos o Congresso de São João Del Rey, onde foram apresentadas 10 theses de altos estudos. A media de inscrições nesse sector é de 120.000. (...)

Caxias possuía um desses “mais de 3.000” núcleos estimados pela Secretaria Nacional da AIB e a sua presença na imprensa local era constante por meio do jornal *Cruzeiro*. No dia 06 de junho de 1936, data em que o jornal retorna à praça, com apoio da arquidiocese do Maranhão, na pessoa do Arcebispo Carlos Carmello, já em sua primeira página há o aviso: “A Chefia Municipal da ‘Acção Integralista’ avisa aos seus associados, que deverão se reunir amanhã, às 6 horas, em frente á sede do núcleo, para fins que os interessa”¹²¹. E na *Columna Integralista*, naquela mesma edição, é reproduzido um artigo de Gustavo Barroso (um dos grandes intelectuais brasileiros que se uniram ao Integralismo em seu primeiro momento e depois de distanciaram) intitulado *Nós, os partidos políticos e os governos*, no qual se apresenta uma declaração de intenções:

Nós, brasileiros unidos, de todas as Províncias, nos propomos crear uma cultura, uma civilização, um modo de vida genuinamente brasileiro, Queremos crear um direito nosso, de accordo com nossas realidades e aspirações, um governo que garanta a unidade de todas as

¹²⁰ *Cruzeiro*, Ano III, n 149, sábado 9 de janeiro de 1937, p 03.

¹²¹ *Cruzeiro*, Ano III, n 121, 06 de junho de 1936, p 01.

Províncias, a harmonia de todas as classes, a supervisão do Estado, a construção do Todo Nacional.¹²²

Assim se afigura que a imprensa local caxiense também chegou a ser envolvida pelas teias do debate sobre identidade nacional, tendo como porta de entrada os discursos moralistas e catolicistas transubstanciados em programa político pela doutrina integralista. Ao contrário do que acontecera com os debates em torno da nacionalidade nos anos 1920, os quais a imprensa local ignorou, nos anos 1930, houve grande circulação de discursos que procuravam normatizar a identidade nacional, confrontando influências estrangeiras, especialmente as que rescendessem a comunismo. Esse tom conservador foi tão bem aceito na sociedade caxiense que, em 1937, um segundo jornal, este totalmente modelado segundo a normativa da AIB, passou a ser publicado, a fim de defender os valores de uma “democracia cristã”. A notícia da fundação do jornal *Clarínadas* aparece no jornal *cruzeiro* de 7 de agosto de 1937:

Estamos informados, de fonte segura, de que entrará em circulação nesta cidade, ao próximo dia 10 do corrente, o orgam de propaganda nacionalista com a denominação que encima estas linhas.

“Cruzeiro”, que como orgam catholico vem apreciando o momento político social, vê no seu novo colega de imprensa, através dos commentarios que vem fazendo em torno de sua atuação na imprensa local, a qual será plasmada no “Codigo de Ethica Jornalística”, em tão boa hora creado pelo cérebro fecundo de Plínio Salgado, parabeniza-o antecipadamente e faz votos pela proveitosa repercussão (...)¹²³.

O jornal seria lançado uma semana após o previsto, no dia 17 de agosto de 1937, tendo em seu *staff*: diretor: Antonio Brandão; gerente: Agnelo G. Costa; redator: A. Antunes. Sob a rubrica “órgão de propaganda nacionalista”, o jornal era um panfleto integralista repleto de textos de autoria ou em elogio a Plínio Salgado, com ataques ao comunismo e com artigos disciplinares de orientação de ação como o *A Mulher Integralista*, de Iveta Ribeiro, e uma transcrição completa do *Manifesto de Outubro de 1932*.

¹²² *Cruzeiro*, Ano III, n 121, 06 de junho de 1936.

¹²³ *Cruzeiro*, Ano III, n 174, 07 de agosto de 1937, p 01.

Depois da criminalização dos partidos políticos – e consequentemente da AIB – a *Columna Integralista* perde seu sentido e desaparece do jornal, mas a orientação conservadora permanece, de modo que aparecem textos em defesa de regimes autoritários, como uma matéria em elogio ao ditador português, Salazar¹²⁴; e até de cunho antissemitico – muito embora, na edição de 22 de maio de 1937, venha à luz um artigo que critica o Nazismo alemão, não pelo autoritarismo nem pelo antissemitismo, mas pelo fato de a doutrina nazista tomar a forma de uma religião de estado e de o racismo arianista ser exclusivista, desconsiderando a humanidade não apenas de judeus, como de todos os povos não germânicos¹²⁵.



Imagem 5: *Clarinas*, Anno I, n 01, 17 de agosto de 1937. O órgão de “propaganda nacionalista” era um panfleto integralista. Na capa de sua primeira edição, já se vê a fotografia de Plínio Salgado acompanhada de um texto enaltecedor intitulado *O Chefe*. Tendo alcançado poucas publicações, o jornal era repleto de exortações à moral, de previsões apocalípticas sobre o avanço do comunista bolchevista e sua “infiltração” no território nacional, bem como a resistência à burguesia e aos valores materialistas da “liberal-democracia”.

Para efeitos deste trabalho, não se procura analisar a prática integralista em Caxias. Em vez disso, procura-se compreender como essas adesões locais aos discursos tradicionalistas, conservadores e nacionalistas do Integralismo se relacionam com o processo de transformação dos signos identitários que se entende estar em curso na

¹²⁴ *Cruzeiro*, Ano V (sic), n 187, 13 de novembro de 1937, p 01.

¹²⁵ *Cruzeiro*, Ano III, n 164, sábado, 22 de maio de 1937, p 02.

cidade naquele momento. Deslocando a análise para essa questão, percebe-se a existência de uma cartografia sentimental que esboça uma demanda por identidade – demanda por um discurso articulado de identidade, a qual foi canalizada para a militância integralista, ou pelo menos para o uso/consumo dos discursos integralistas. Essa demanda pode ser lida tanto como causa quanto como efeito dessa aproximação de grande parte da elite local do Integralismo, aproximação essa que representava (como indicam os discursos que emergem da documentação amealhada) a busca por uma cultura, por um modo de ser, por uma civilização em que se pudessem fazer investimentos subjetivos e que não se chocasse com os valores morais e cívicos tradicionais consoantes com o catolicismo predominante e com o sentimento ufanista já fomentado na cultura local em torno da celebração do passado glorioso da cidade e reforçado pela retórica e pela simbólica da AIB que, independente de qual tenha sido a extensão real de suas adesões, em termos políticos efetivos, atingia o imaginário coletivo com intensidade e exercia sobre ele um poderoso efeito.

Homi Bhabha oferece detonações de insights que ajudam a percorrer, no impulso do questionamento da temporalidade, o intrincado labirinto do intervalo nacional-local que essa dinâmica discursiva encerra:

O discurso do nacionalismo não é meu interesse principal. De certa forma é em oposição a certeza histórica e a natureza estável desse termo que procuro escrever sobre a nação ocidental como uma forma obscura e ubíqua de viver a localidade da cultura. Essa localidade esta mais em torno da temporalidade do que *sobre* a historicidade: uma forma de vida que é mais complexa que "comunidade", mais simbólica que "sociedade", mais conotativa que "país", menos patriótica que pátria, mais retórica que a razão de Estado, mais mitológica que a ideologia, menos homogênea que a hegemonia, menos centrada que o cidadão, mais coletiva que "o sujeito", mais psíquica do que a civilidade, mais híbrida na articulação de diferenças e identificações culturais do que pode ser representado em qualquer estruturação hierárquica ou binária do antagonismo social¹²⁶.

Emerge uma cartografia de desejos: um conjunto de linhas vivas e móveis de agenciamentos e interpelações que atravessam a cidade (política, cultural e

¹²⁶ BHABHA, Homi. O Local da Cultura. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p 199.

sensivelmente), desenhando nela territórios movediços de afecções. A *Manchester Maranhense* que, tendo sofrido sucessivas crises começou a desmoronar e embotar (mas que ainda estava ativa naquele momento) abria espaço para novas formulações. As reverberações dos discursos decadentistas que pugnavam o retorno ao passado como salvação do futuro do Maranhão eram aplicadas à experiência local. A recusa da ruptura modernista com as tradições e a autorreferenciação constante ao estilo e às reminiscências do Romantismo. O impacto do discurso nacionalista nos moldes do Integralismo: – moralista, catolicista, conservador e tradicionalista. Todo esse tracejado territorial subjetivo emaranhado que impingia a necessidade de se alinhar uma tessitura capaz de produzir sentido, e sentido histórico, para a cidade. Nesse contexto, a linha dominante – da tradição – exerceu atração sobre as demais e passou a desempenhar a função de acomodação das tensões e, a partir desses conjuntos díspares de desterritorializações, realizar a modelagem de um território, de uma zona de conforto capaz de comportar os signos já constantes no acervo local de gêneros de fala e de atender à aludida demanda por identidade que o contexto histórico impunha: essa operação foi condensada no signo da “terra dos poetas”.

4.3 A sedimentação dos signos

O clima na década de 1930 era de busca (demanda) por identidade. É de se supor que os diversos projetos de construção de identidade nacional – Integralismo, nacional desenvolvimentismo etc. – que tinham por escopo a ideia de unificação da Nação provocassem uma espécie de ressaca: enquanto um sentimento de patriotismo era fomentado no sentido de diluir as diferenças e unificar todos os brasileiros numa só identidade cultural, um sentimento de contrapartida local tende a emergir no sentido da diferenciação e da especificidade: o local da cultura produz suas próprias significações e, na maneira como traduz e negocia o discurso emanado dos centros, ele também os reelabora lhes dá originalidade¹²⁷.

¹²⁷ Cf. BHABHA, Homi. Os Local da Cultura. Tradução: Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p 198 – 199.

Em Caxias, uma ebulção de signos e correntes de discursos identitários é acionada pelo fluxo dos discursos que se reflete nas páginas impressas de seus jornais. Esses fluxos são heterogêneos, mas o esforço de ficcionalização, que se entende ser todo esforço de elaboração identitária, tende a capturar essa heterogeneidade na urdidura do bordado discursivo que resultará na imagem arquetípica de uma Caxias parnasial. Por se tratar de um processo fluido de potências e virtualidades, ele não surge nem de algum automatismo conjuntural nem de alguma orientação programática – ele se desenrola como efeito de afetos, dos quais se distinguem irradiações discursivas nas peças escriturísticas que se colhe do amontoado de frases do arquivo. No *Cruzeiro*, de 14 de agosto de 1937:

Caxias, invicta e gloriosa, vivendo ainda das tradições de seus notáveis vultos nas letras e nas ciencias, commemorou , a 10 de agosto, mais um estagio de reminiscencia intangivel da vida gloriosa de seu eminente filho, o notavel lyrico – Antonio Gonçalves Dias, o integro patriota, o abalizado cientista que legou aos seus posteros os mais bellos exemplos de civismo, amando com toda sua alma de artista genial os encantos da natureza de sua terra natal¹²⁸.

O texto acima remete ao de 1934, anteriormente transcrito – nele, mais uma vez a vida do poeta é reiterada e mobilizada como signo de orgulho e exemplo para o caxiense. Nele, mais uma vez, a operação de transposição do papel de fonte da poesia é operada – nem o poeta, nem as musas, mas “os sertões selvagens” são mobilizados como fonte primeira de onde jorra a beleza que irriga os versos dos quais tanto se fala. Nesse texto – ido a lume por ocasião do aniversário de nascimento do poeta, tal qual o de 1934 – muito mais que no anterior ressalta o enaltecimento da paisagem, do cenário e seu papel fundador do/no destino do beletrista:

Amando com toda sensibilidade de seu talento afectivo os magnificos panoramas da “Terra das Palmeiras”, Antonio Gonçalves Dias, que viu a luz do dia dentro das selvas, viveu e morreu com os pensamentos voltados para os encantos do sertão selvagem (...) ¹²⁹

Essa espacialização da sensibilidade não é novidade na prática escriturística tupiniquin. Desde que o epíteto “Princesa do Sertão” faz parte do acervo de gêneros de

¹²⁸ *Cruzeiro*, Ano III, n 175, 14 de agosto de 1937, p 01.

¹²⁹ *Cruzeiro*, Ano III, n 175, 14 de agosto de 1937, p 01

fala de identificação da cidade de Caxias e tem servido à sua diferenciação relativa às outras cidades e outras terras sertanejas, esse relação espaço-identidade pode ser detectada nos discursos sobre Caxias. Se no século XIX, a nobreza principesca de Caxias se acopla primeiramente ao seu destaque como “empório do sertão” e em seguida à sua ascensão industrial como “Manchester maranhense”, nesse momento o conteúdo “objetivo” da O texto realiza caxiense – que se espelha numa elaboração contínua de seu passado – toma a forma de sua representação na poesia e na própria poesia que teria dela emanado. Na primeira edição do jornal *Voz do Povo*, de 28 de março de 1931, um articulista identificado pelo pseudônimo de Veritas, enverga linguagem de coruscante eloquência para inscrever o momento atual de Caxias num esquema temporal que engloba ao mesmo tempo a história nacional e o modelo metanarrativo do decadentismo, do qual era visivelmente debitário. Veritas assim descreve o ser da cidade de Caxias:

Caxias é a eterna Princeza, debruçada sobre as águas marulhentas do Itapecurú, trazendo présas, a orla do seu manto, as pequenas cidades sertanejas, que lhe são satélites, ao mesmo tempo que projecta as sombras do seu perfil magnífico, no coração de nossa cidade synthese¹³⁰.

O jornal *Voz do Povo* se identifica como “propriedade de uma sociedade anónima” e se qualifica como “defensor dos interesses coletivos”, sendo seu diretor gerente o senhor Ausonio Camara¹³¹, político local alinhado com as fileiras do nacional desenvolvimentismo, que em 1934 exerceria o cargo de prefeito de Caxias, recebendo constantes críticas nas páginas do *Cruzeiro* – de orientação integralista – e que no momento do lançamento de *Voz do Povo* era secretário do prefeito João Guilherme de Abreu. O jornal tinha em seu *staff* representantes das principais famílias da elite local: Arthur Almada Lima, Affonso Cunha, Almir Cruz, Martins Filho, Maranhão Chaves, Antonio Pinheiro – todos estes exerceriam cargos importantes, seja em nível municipal e estadual, seja no poder executivo, legislativo ou no judiciário. *Voz do Povo* tinha uma

¹³⁰ *Voz do Povo*, Ano I, n 01, 28 de março de 1931, p 04.

¹³¹ *Voz do Povo*, Ano I, n 01, 28 de março de 1931, p 01.

agenda varguista, expressa em letras grandes na página 03 de sua primeira edição pelo lema: “ORGÃO DEFENSOR DAS IDEAS REVOLUCIONARIAS”¹³².

O texto cujo fragmento foi citado acima, de autoria do pseudônimo Veritas, é um esforço para entrecruzar a história local da “Princeza” com a história nacional, que passava por vertiginosas transformações decorrentes da Revolução de 1930 e da consolidação do controle do Estado Nacional por Getúlio Vargas. Sem investir nesses conteúdos de natureza *événementiel*, e submetendo o texto à chave de leitura que se vem operacionalizando ao longo do trabalho, observa-se que o narrador organiza os fatos num modelo similar ao decadentista, em que Caxias aparece gloriosa e luminosa num passado distante, enquanto num passado recente ela se viu obliterada e traída pelas próprias vaidades, atolada em decadência, e tem agora diante de si a possibilidade de reerguer-se e reencontrar sua legítima glória perdida.

A escrita de Veritas faz uso de um modelo que já foi dissecado neste trabalho, mas de uma maneira peculiar: nas narrações anteriores em que esse modelo foi empregado, ele tomava por conteúdo aspectos econômicos ou artístico-culturais, no entanto, nesse caso específico o modelo é deflagrado na construção de uma narrativa política. Veritas pinta para Caxias um passado de elevados valores democráticos (que evidentemente nunca existira) e descreve de forma imprecisa e obnubilada pelo véu da metáfora uma vertiginosa decadência e, no presente, tendo a cidade se entregado aos cuidados da Revolução, vislumbrava o caminho aberto para um futuro de restauração: – a organização da temporalidade alicerçando e estruturando um discurso histórico e identitário.

Seguindo o parágrafo acima transcrito, em que narra o passado de honras da cidade, Veritas assim descreve o primeiro ponto de virada:

Entretanto, nos ultimos tempos, cedendo ao influxo de ensinamentos luminosos, que lhe empolgavam o espirito, sempre aberto ao Bello e ao Perfeito, desnor-teou-se, nas espiraes dum sonho côr de rosa, de ideal remodelação de costumes, cujo ouro sobre azul falsificado e fatidico, semelhava-se ao dum sonho de opio.

¹³² Voz do Povo, Ano I, n 01, 28 de março de 1931, p 03.

As miragens duma actualidade dominadora, que tem expressões maravilhosas, como uma viagem aerea ou a televisão, e “zeniths” de exageros multiplos, seduziram-n’a levando-a a despojar-se da rutilante corôa real e a despir o manto principesco, apresentando-nos, n’uma subita e dolorosa transformação, o prosaismo desconcertante da cabelleira “à la garçoane”, e a realidade, provocante, de encantadoras espaduas desnudas.

Adothou a democracia... Desvirtuada!¹³³

Essa narração atualiza elementos continentais do que, no corpo deste trabalho, se tem identificado como *acervo* de gêneros de fala ou acervo de imagens da cultura local de Caxias. O praticante da escrita deixa sua pena deslizar numa escrita bailarina¹³⁴ que não informa, forma, não convence, captura, como se efetuasse ela mesma o efeito narcótico que descreve ter acometido na recente história política de Caxias e nesse leve e atordoante rodopio de verbos e substantivos delicadamente floreados conduz o leitor por um caminho que ele já percorreu centenas de vezes – é como se ele não precisasse dizer o que já está dito, apenas aticar as chamas da memória, assim como a dança não ensina o corpo, apenas o arrasta em intuições e memórias musculares. A rutilante coroa real, o manto principesco, o espírito ininterruptamente aberto à beleza e perfeição – todas essas imagens, expressões, referências, já estavam disponíveis ao narrador nos acervos sígnicos da cultura local, ele apenas os arranjou num enredo em que o conteúdo é a história política, a história da democracia, e não a história da opulência econômica.

O parágrafo seguinte prossegue com a descrição da queda da princesa:

À medida que perdia os tons de nobreza, perolas do thesouro inestimavel de suas tradições, sentia, em lugar dos triumphos constantes de seu passado glorioso, outras tantas depressões, em sua vida de esplendores¹³⁵.

Aqui, cintura-pena-e-língua solta, o tecelão de frases desliza entre blocos de sentido enquanto os costura em um só: a política e os signos associados ao passado se sobrepõem de modo a formar um único bloco de valor histórico, o qual alinhava nobreza, tradição, triunfo e glória – perdidos, para, depois de uma extensa narração do

¹³³ Voz do Povo, Ano I, n 01, 28 de março de 1931, p 04.

¹³⁴ Cf. LINS, Daniel. O último copo: álcool. literatura, filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013

¹³⁵ Voz do Povo, Ano I, n 01, 28 de março de 1931, p 04.

percurso da Revolução de 1930 desde o Forte até o Catete e arrematar a dança e o bordado com as imagens apoteóticas da redenção:

De qualquer maneira, a decantada Princesa do Sertão aceitou a Revolução, que, depois de longa alternativa de revezes e victorias, dominava o Brasil, trazendo atrelada ao seu carro triumphal a Republica Nova (...).

A phase actual da Revolução nos patenteia uma virtude: congregar os filhos de Caxias na tarefa honrosa do ressurgimento, reabilitação e reconstrucção da Terra comum¹³⁶,

Todo o enredo da metanarrativa arquetípica de uma Caxias discursiva que atravessa o tempo – e dele escapa, num movimento elíptico que, no âmbito da cultura, suspende o presente na tensão constante entre passado (sonhado) e futuro que, como sonho, repete o passado. Nem memória, nem projeto, mas narrativa e expectativa – narrativa/expectativa: as imagens do presente e do devir cristalizadas num só quadro que performa a reminiscência em oráculo. Um tempo aiônico, uma imagem cristal: um relâmpago que lampeja num momento de perigo – o presente existindo como corte, como cisão, como ferida e como intervalo. A pulsação dos signos de uma identidade num discurso indeciso que vai se formatando num processo fossilizador de decantação, sedimentação e transubstanciação simbólica da cidade em si mesma. Conforme o pseudônimo Veritas – que quem que seja, não importa, importa o repertório de signos que movimentou – a imprensa (central de produção de discurso), personificada no próprio jornal *Voz do Povo* desempenharia um papel preponderante nessa recuperação do passado no futuro:

Será o espelho de crystal dos verdadeiros aspectos da velha cidade e suas “nuances”, lutando em prol das realizações elevadas, com firmeza e persistencia de acção honesta, no sentido invariavel dum objectivo unico : – a restauração e engrandecimento da linda cidade de Coelho Netto, a celebrada patria de Gonçalves Dias¹³⁷

¹³⁶ *Voz do Povo*, Ano I, n 01, 28 de março de 1931, p 04.

¹³⁷ *Voz do Povo*, Ano I, n 01, 28 de março de 1931, p 04.

5. STORYBOARD PARA UMA CENA DE PÓS-CRÉDITOS

*Já vejo as altas palmeiras
Dos bosques da minha terra
(Dias Carneiro in “Parnaso Maranhense”)*

*Canta primavera, pá,
Cá estou carente,
Manda novamente
Algum cheirinho de alecrim.
(Chico Buarque in “Tanto Mar”)*

“Meninos, eu vi”, anuncia o velho narrador do poema *I Juca Pirama*, de Gonçalves Dias. Um poema de desintegração, que conta a lenda do último guerreiro e do último moribundo de uma tribo condenada (e não nascemos todos condenados pelo tempo?) em sua, também última, tentativa de permanecer: o ato supratemporal de tramar uma história, de plasmar o passado em memória.

O narrador deste trabalho também *viu*, embora com sua visão caolha de olho torto (o olho bom é o que pesquisa, o olho cego de poeta é o olho que advinha): e neste último estilhaço de texto, que escreve à guisa de considerações finais, pretende deflagrar a sensibilidade pujante de uma cidade inscrita na carne de seus filhos e filhas; uma sensibilidade que, por meio da narração das histórias que a cidade abriga, se bate contra o tempo numa operação mitológica à maneira de Sísifo de subir e descer o morro (do Alecrim).

Defendeu-se, durante a exposição e organização dos signos empreendida nestas páginas, que, a partir do início do século XX, começou a se sedimentar um enunciado – uma cartografia de desejos – que iria aos poucos sobrepor a imagem de Caxias como *terra dos poetas* à de *Manchester Maranhense*. A madrugada chegou; a manhã se ergueu; os anos passaram: chega-se ao século XXI e das jazidas como que minerais desses discursos sedimentados emerge uma manifestação arquetípica/arquetópica – os encontros da Velha Guarda Caxiense.

5.1 Sequência 001

Caxias, julho de 2010. – Uma aglomeração de aproximadamente 200 pessoas desce a antiga Rua do Sol – atual Rua 1º de Agosto – num percurso que vai da Catedral de Nossa Senhora de Nazaré, igreja quase bicentenária aos pés do Morro do Alecrim, em direção à Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na Praça Cândido Mendes, igreja ainda mais antiga, com sua única torre lateral, de cara virada para a antiga Rua do Porto Grande – agora Anísio Vieira Chaves – quase nada distante de onde dois séculos atrás, quando ainda havia o porto, ficava o leito do Itapecuru, que ainda era profundo e navegável.

Meu coração, não sei por que, bate feliz, quando te vê – a pequena multidão canta e caminha acompanhando um carro de som que segue em primeira marcha, o motor quase tão ruidoso quanto os passos e o burburinho que atravessa a canção; músicos em cortejo, cabos conectados ao carro, como ciborgues saudosistas dedilhando sem nenhuma concentração seus violões elétricos e processando eletronicamente suas vozes em microfones baratos. Uma fanfarra estrepitosa também acompanha a serenata. Era o *I Encontro da Velha Guarda Caxiense*.

5.2 Sequência 002

Caxias, tempo da memória. – Em relato oral transcrito pela historiadora da Balaiada e ex-curadora do Memorial da Balaiada, Maria Bertolina, colhido ainda na década de 1990, e publicado em artigo em coautoria com Maria Dione de Carvalho Moraes, em 2010, a senhora Rita de Cássia (73) afirma:

Tinha muita história esse morro (...) os mais velhos contavam que as pessoas tinham medo, porque diziam que o pessoal da guerra, que morreu, andava de noite, circulando em fileira [procissão], era uma visagem¹³⁸.

¹³⁸ Relato de Rita de Cássia in COSTA, Maria Bertolina & MORAES, Maria Dione Carvalho de. Ocupação de Caxias pelos Balaios: memória oral e imaginário geográfico de lugares tangíveis. In:

A senhora Inezita Maria da Conceição dos Santos (86) completa:

A gente tinha muito medo porque diziam que aparecia visagem. (...) Tinha até uma procissão de morto, diz que, aparecia naquela casa de pedra [ruínas do quartel], onde ajuntavam os mortos. Lá tinha visagem¹³⁹.

E Zeliina Alves de Araújo (86):

Esse morro tem esse nome por causa da planta alecrim. E quando era tempo de procissão as pessoas não podiam pegar além do que precisavam. Eles acreditavam que as almas abriam o caminho pra pegar o alecrim¹⁴⁰.

5.3 Sequência 003

Caxias, julho de 2012. – O cortejo é uma fantasmagoria. Se Walter Benjamin vivesse, ele certamente aprovaria uma tradução alternativa para o conceito que criou em alemão – visagem. E a visagem é uma imagem/resquício que manifesta desespero por um passado que desaparece; é um rastro, é um grito, é um sortilégio, é uma teimosia de não evanescer. Nas reminiscências dos idosos, as histórias das procissões de fantasmas que abriam veredas entre o mato e as pedras do Alecrim – e nas ruas da cidade a reminiscência concreta, materializada, a visagem do cortejo do passado saindo do Morro e ganhando as ruas da cidade, seguindo o caminho (Rua) do Sol, desde o nascente até o poente. Encenando suas próprias juventudes e reiterando o passado nesse mimetismo mítico, os integrantes do movimento da Velha Guarda Caxiense executam a operação de evasão do tempo que Eliade qualificou de arcaica, mas se inserem numa estratégia de evasão mais ampla que, conforme se verificou, é do arcabouço da cultura local: uma elipse temporal que dilui o presente na saudade e promete repetir o passado, cristalizado na tradição, no futuro que, por sua vez, é um espelho de cristal.

PESSOA, Jordânia Maria & MELO Salânia Maria Barbosa. Percorrendo becos e travessas: olhares e feitos de Caxias. Teresina: EDUFPI: 2010

¹³⁹ Relato Inezita Maria da Conceição dos Santos in COSTA & MORAES, op. cit.

¹⁴⁰ Relato de Zelina Alves de Araújo in COSTA & MORAES, op. cit.

REFERÊNCIAS

Livros e artigos

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 5º Ed. São Paulo:Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 4, Nº19, Rio, 2009 (ISSN 1981-3384)

AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ANDRADE, Oswald. Escolas & idéias (notas para um possível prefácio). In: Klaxon – Mensageiro da arte moderna. nº 02, 15 de julho de 1922, p 16.

BARTHES, Roland. A Aventura Semiológica.

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8ª edição revista. São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras Escolhidas v. I)

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Luísa L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

BHABHA, Homi. O Local da Cultura. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998

Biblioteca Pública Benedito Leite, Acervo Digital, disponível em: <http://www.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>, acesso em 22/out de 2015

BOTELHO, André. Passado e futuro das interpretações do Brasil, pp 47-66 in: TEMPO SOCIAL: Revista de Sociologia da USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, jun/2010. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v22n1/v22n1a03.pdf>>, acesso em: ago/2015.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes.

BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna: Europa 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

CARDOSO, Patrícia Raquel Lobato Durans. Lobo x Nascimento na “Nova Atenas”: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República.

2013. 178 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís 2013

CARVALHO, Antônio dos Reis. A literatura maranhense. In: BIBLIOTECA Internacional de Obras Célebres. Rio de Janeiro: Sociedade Internacional, 1912. v 20

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Fazer ver o que vemos: Michel Foucault – por uma História diagnóstica do presente. História Unisinos 11(3):321-329, Setembro/Dezembro 2007

CERTEAU, Michel De. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

CERTEAU, Michel. A escrita da história. Tradução de Maria de Lourdes Meneses. Rio de Janeiro: Forense, 2011. 3ª Edição, p 47.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muniz. Rio de Janeiro: Ed. 34

DELEUZE, Gilles. D de Desejo, Abecedário de Deleuze: transcrição integral do vídeo para fins exclusivamente didáticos. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf> > Acesso em: 10.06.2015.

DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. Tradução de Luís Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006. 2ª Edição

DELEUZE, Gilles. Foucault. Tradução de Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005

ELIADE, Mircea. O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição. Lisboa: Edições 70, 1969

FOUCAULT, Michel. A Ordem do discurso. 19ª ed. São Paulo: Editoras Loyola, 2009.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diversas posições de sujeito. Anais do II Seminário de Estudos em Análise do Discurso – II SEAD, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIO S/EvandraGrigoletto.pdf> Acesso em: 20/04/2016

HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e terra, 2008

JAMESON, Fredric Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo. Ed. Ática.1996

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Bernardo Leitão et al . Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1990 (Coleção Repertórios).

- LINS, Daniel. O último copo: álcool, literatura, filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013
- LOBO, Antonio. Os novos atenienses. 3. ed. São Luís: AML/EDUEMA, 2008
- MEDEIROS, Francisco Caldas. Aconteceu em Caxias. 2003.
- MEDEIROS, Jacques Inandy, Arca de Memórias, 2006.
- MEIRELES, Mário M. História do Maranhão. São Paulo: Siciliano, 2001
- MENESES, Gentil. Crônica. Acervo particular de Renato Meneses.
- MENESES, Gentil. No rolar dos tempos (1954), Acervo particular de Renato Meneses.
- MIRANDA, Ana. Dias & Dias: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2002
- PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso: textos selecionados – Eni Puccinelli Orlandi. Campinas-SP: 4ª edição – Pontes Editores
- PÉLBART, Peter Pál. O tempo não-reconciliado. São Paulo: Perspectiva, 2010 (Coleção Estudos), p 22 – 23.
- PESSOA, Jordânia Maria. Entre a tradição e a modernidade: a belle époque caxiense. Imperatriz: Ética, 2009.
- QUEIROZ, Raquel. O quinze. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- RAGO, Margareth. (1993) As marcas da pantera: Foucault para historiadores. Resgate, Campinas, nº 5, Centro de Memória da UNICAMP.
- REIS, José Carlos. História, a ciência dos homens no tempo (Nouvelle Histoire e tempo Histórico). Londrina: Eduel, 2009
- RIBEIRO, Francisco de Paula. 1848. Roteiro da viagem que fez o Capitão Francisco de Paula Ribeiro às fronteiras da Capitania do Maranhão e da de Goyaz no ano de 1815 em serviço de S. M. Fidelíssima. Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo X, 1º. Trimestre de 1848, p. 5-80. Rio de Janeiro. [segunda edição 1870] Disponível em: < http://biblio.wdfiles.com/local-files/ribeiro-1848-roteiro/ribeiro_1848_roteiro.pdf> Acesso em: 23/04/2015 p. 51.
- SOARES, Firmino Antônio Freitas. Largo do Rosário. São Luís: Lithograf, 2002..
- SOARES, Firmino Antônio Freitas. Memorial dos insensatos. São Luís: Lithograf, 2002..
- SOUZA, Maria da Conceição Moreira de Almeida. Dias & Dias” de Ana Miranda: Gonçalves Dias e outros duplos. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica – PUC, 2011, disponível em <

http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12674> . Acesso em: 02.05.2015

SPINK, Mary Jane P. & FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, Mary Jane P. Práticas de sentido e produção de sentidos no cotidiano. Rio de Janeiro:, CEPS, 2013, p 10.

SPIX e MARTIUS. Viagem pelo Brasil. 3 volumes. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. 3ª edição. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976.

TEIXEIRA, Clêudia Meneses Graça. O ciclo de desenvolvimento da indústria têxtil em Caxias – MA. Campinas: Unicamp, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves & GVIRTZ, Silvina. O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar. In: Revista Brasileira de Educação, nº 8, Mai/Jun/Jul/Ago 1998 (p. 13 – 30) p. 13)

Fontes hemerográficas

A Escola, Ano I, n 27, 08 de agosto de 1928

A Escola, Ano I, n 30, Caxias 09 de setembro de 1928

A Escola, Ano I, n 31, 16 de setembro de 1928

A Renascença, 12 de maio de 1914 .

A Semana, Ano I, n 01, 28 de agosto de 1910.

A Semana, Ano I, n 08, 19 de abril de 1908

Álbum do Estado Maranhão, 1923,

Ata da Assembleia Geral da Companhia Manufactora Caxiense, 12 de janeiro de 1894

Bello Horizonte, 22 de setembro de 1915

Cruzeiro, Ano I, n 29, 12 de maio de 1934

Cruzeiro, Ano III, n 121, 06 de junho de 1936

Cruzeiro, Ano III, n 121, 06 de junho de 1936.

Cruzeiro, Ano III, n 128, 1º de agosto de 1936

Cruzeiro, Ano III, n 129, 08 de agosto de 1936

Cruzeiro, Ano III, n 149, 9 de janeiro de 1937

Cruzeiro, Ano III, n 164, , 22 de maio de 1937

Cruzeiro, Ano III, n 174, 07 de agosto de 1937

Cruzeiro, Ano III, n 175, 14 de agosto de 1937

Cruzeiro, Ano III, n. 128, 1ª de agosto de 1936

Cruzeiro, Ano V (sic), n 187, 13 de novembro de 1937

Cruzeiro, Ano V, n 185, 28 de outubro de 1937

Cruzeiro, Ano XV, n 633, 06 de agosto de 1949

Diário do Maranhão, 09 de abril de 1895.¹ Jornal de Caxias, 08 de abril de 1896.

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
COELHO NETO, Rio De Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, set. 1964

Folia do Povo, Ano I, n 05, 02 de agosto de 1923, p 02

Folha do Povo, 30 de julho de 1923

Folha do Povo, Ano I, n 06, 03 de agosto de 1923, p 02

Folha do Povo, Ano I, n 07, 04 de agosto de 1923, p 02,

Folha do Povo, Maranhão, Ano I, n 02, 30 de julho de 1923, p 02

Jornal Commercio de Caxias, 1 de janeiro de 1888

Jornal Commercio de Caxias. 15 de agosto de 1891

Jornal de Caxias, 10 de junho de 1895

Jornal de Caxias, 1º de janeiro de 1898

Jornal de Caxias, 23 de maio de 1896

Jornal de Caxias, 24 de janeiro de 1896

Jornal de Caxias, Ano XIV, n 670, 26 de dezembro de 1908

Jornal do Comercio, Ano XV, n 904, 17 de abril de 1915

Jornal do Comercio, 15 de agosto de 1891.

Jornal do Comercio, Ano XVI, n 964, 18 de dezembro de 1920

Jornal do Comercio, Ano XVIII, números 31, 33, 48, 49, 52, 55, 56, 62, 63, 65 e 66,
Jornal do Comercio, Ano XV, n 898, 24 de março de 1929

O Artista, 09 de junho de 1891

O Astro, Ano I, n 1, 20 de setembro de 1917

O Astro. 30 de setembro de 1917.

O Binoculo, Ano I, n 06, 14 de julho de 1907

O Bloco, Ano I, n 11, 27 de janeiro de 1997

O Malho, Ano XXVIII, n 1.324, Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1928

O Parthenom, Ano I, n. 1. 1º de maio de 1908

Relatório da Assembleia Provincial, de 03 de julho de 1851.

Renascença. 12 de maio de 1914, p 03

Velha Guarda Caxiense, Site da Velha Guarda Caxiense. Disponível em <http://velhaguardacaxiense.com> , acesso em: set/2014

Voz do Povo, Ano I, n 01, 28 de março de 1931, p 01

Transcrições de relatos orais

Relatos de Rita de Cássia

Inezita Maria da Conceição

Zelina Alves de Araújo

COSTA, Maria Bertolina & MORAES, Maria Dione Carvalho de. Ocupação de Caxias pelos Balaies: memória oral e imaginário geográfico de lugares tangíveis. In: PESSOA, Jordânia Maria & MELO Salânia Maria Barbosa. Percorrendo becos e travessas: olhares e feitos de Caxias. Teresina: EDUFPI: 2010